



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

BRUNO DE ALMEIDA ZAMITE

**GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA RESGATE DA
VISIBILIDADE DO RIO FORMATE/TACOARÊ NO MUNICÍPIO DE
VIANA, ES.**

VITÓRIA 2024



BRUNO DE ALMEIDA ZAMITE

**GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA RESGATE DA
VISIBILIDADE DO RIO FORMATE/TACOARÊ NO MUNICÍPIO DE VIANA, ES.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: prof. Dr. Soler Gonzalez.

VITÓRIA 2024

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIB/UFES e elaborada pela Bibliotecária Adriana Isidório da Silva Zamite – CRB6-824/ES.

Zamite, Bruno de Almeida, 1982-

Z24g Geografia e Educação Ambiental para resgate da visibilidade do Rio Formate/Tacoarê / Bruno de Almeida Zamite. - 2024.
155 f.: il.

Orientador: Soler Gonzalez
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) –
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Educação Ambiental. 2. Rio Formate/Tacoarê. 3. Bairro Industrial.
4. Narrativas. 5. Envelopes Narrativos. I. Gonzalez, Soler. II. Universidade
Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDD: 372.357

CDU: 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

Ata da sessão da centésima octogésima quinta defesa de dissertação do Programa de Pós-graduação Profissional em Educação (PPGPE), do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, do discente **BRUNO DE ALMEIDA ZAMITE**, candidato ao título de Mestre em Educação, realizada às **14h00min** do dia **vinte e cinco de novembro de dois mil e vinte e quatro**. O presidente da Banca, Soler Gonzalez, apresentou os demais membros da comissão examinadora, constituída pelos Doutores Debora Monteiro do Amaral e Rodrigo Barchi. Em seguida, cedeu a palavra ao candidato que em trinta minutos apresentou sua dissertação intitulada **“GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA RESGATE DA VISIBILIDADE DO RIO FORMATE”**. Terminada a apresentação do aluno, o presidente retomou a palavra e a cedeu aos membros da Comissão Examinadora, um a um, para procederem à arguição. O presidente convidou a Comissão Examinadora a se reunir em separado para deliberação. Ao final, a Comissão Examinadora retornou e o presidente informou aos presentes que a dissertação havia sido APROVADA. O presidente, então, deu por encerrada a sessão da qual se lavra presente ata, que vai assinada pelos membros da banca examinadora.

Vitória, 25 de novembro de 2024.

Documento assinado digitalmente



SOLER GONZALEZ
Data: 28/11/2024 20:29:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Soler Gonzalez

Orientador

Documento assinado digitalmente



DEBORA MONTEIRO DO AMARAL
Data: 29/11/2024 13:16:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Debora Monteiro do Amaral

Membro Interno (PPGPE/Ufes)

Documento assinado digitalmente



RODRIGO BARCHI
Data: 29/11/2024 11:17:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rodrigo Barchi

Membro Externo (UNISO)

AGRADECIMENTOS

Deixo meu agradecimento para minha companheira e incentivadora, Adriana Isidório da Silva Zamite, que nunca se furtou em dedicar o seu tempo para me ajudar nas tarefas cotidianas. Minha companheira é meu alicerce na busca diária pelo aprender, não permitindo que eu esmoreça e sempre me convida a estar pronto para os desafios sejam pessoais, coletivos ou do casal. Se estou escrevendo esta dissertação em parte seu toque delicado estava guiando a minha mão.

É estranho, mas quero agradecer aos meus filhos, os que não tenho. Que também são motores para estar fazendo esta pesquisa. Durante o mestrado eu e Adriana vivemos um processo de fertilização que não teve êxito, e enquanto escrevia esta dissertação, também passávamos e ainda estamos esperando o momento de encontrar nosso (s) filho (s).

Sou muito grato a minha mãe Maria Izabel de Almeida Zamite, meu pai Guanair Fernandes Zamite (*in memoria*), por possibilitarem este momento, diante das dificuldades sempre me motivaram a estar indo à escola.

Agradeço a meus tios Antônio Carlos de Almeida e João Leite de Almeida (*in memoria*), que diante das suas dificuldades enquanto estudantes universitários, fizeram crescer em mim a semente de um dia frequentar a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

A Escola, a professora Deliene das Graças, minha professora de História na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Denizart Santos, e através dela, agradecer todo o corpo docente desta escola que formaram e vem formando cidadãos no município de Viana-ES.

Agradeço ao Professor Dr. Soler Gonzalez por seu carinho e amorosidade em nossos diálogos, suas orientações foram fundamentais para escrita dessa dissertação. E mais ainda marcou minha forma de ver/viver/ser nesta sociedade pós pandemia, ajudando a compreender os textos para além da dissertação. Hoje inacabado compreendo que ainda tenho uma longa jornada na direção de conhecer a diversidade que existe nos povos originário e de matriz africana.

RESUMO

Esta pesquisa consiste em problematizar e mapear as práticas pedagógicas e projetos de educação ambiental implementados no município de Viana no Estado do Espírito Santo. Neste percurso, realizamos práticas pedagógicas de educação ambiental numa escola Municipal do bairro Industrial, na cidade de Viana, comprometidas com uma educação ambiental política. Os procedimentos metodológicos dialogam com a pesquisa narrativa, com os cotidianos escolares e com a pesquisa bibliográfica. Além disso, envolvem práticas pedagógicas com estudantes, narrativas ficcionais, os saberes dos educandos, professores e moradores locais. Acreditamos que esta pesquisa pode contribuir com as práticas pedagógicas comprometidas com uma educação focado no sujeito, percebendo suas afinidades com o Rio Formate/Tacoarê que serve de limite entre os municípios de Cariacica e Viana localizados no Espírito Santo. Neste percurso, foi produzida uma oficina para auxiliar as percepções sobre as ecologias do bairro e dos cotidianos escolares.

Palavras-chave: educação ambiental; Rio Formate/Tacoarê; bairro Industrial; narrativas; envelopes narrativos.

ABSTRACT

This research aims to problematize and map the pedagogical practices and environmental education projects implemented in the municipality of Viana, Espírito Santo state. Throughout this journey, we conducted environmental education pedagogical practices in a municipal school in the Industrial neighborhood of Viana, committed to a political environmental education. The methodological procedures dialogue with narrative research, school routines, and bibliographic research. Additionally, they involve pedagogical practices with students, fictional narratives, and the knowledge of students, teachers, and local residents. We believe this research can contribute to pedagogical practices committed to subject-centered education, recognizing their affinities with the Formate/Tacoarê River, which serves as a boundary between the municipalities of Cariacica and Viana, both located in Espírito Santo. During this process, a workshop was produced to assist in perceptions about the ecologies of the neighborhood and school routines

Keywords: environmental education; Rio Formate/Tacoarê; Industrial neighborhood; narratives; narrative envelopes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Formas de vasilhas cerâmicas identificadas arqueologicamente que estão relacionadas aos grupos falantes da língua Macro-jê puri-coroa.....	25
Figura 2	Cabana dos antigos Puris.....	26
Figura 3	História do município apresentado pela Prefeitura de Viana.....	28
Figura 4	Prof. Cleber Maciel - grande ativista na luta contra o racismo e discriminação.....	31
Figura 5	Igreja de Nossa Senhora da Ajuda em Araçatiba séc.XX,Viana/ES.....	32
Figura 6	Porto e entreposto comercial de Araçatiba, Viana/ES.....	33
Figura 7	Imagens Google Maps, Bairro Industrial, Viana-ES.....	38
Figura 8	Fotos aéreas de Viana e Cariacica - destaque para a empresa Real Café localizada em Viana.....	43
Figura 9	Fotografias das margens do rio Formate.....	48
Figura 10	Ponte de madeira sobre o rio Formate - pinguela.....	49
Figura 11	Palafitas do Rio Formate.....	50
Figura 12	Desocupação dos moradores em 2023.....	50
Figura 13	A garça nas margens do rio Formate	51
Figura 14	Morro do Pico.....	53
Figura 15	Barragem no Rio Formate/Tacoarê.....	55
Figura 16	O rio Formate pode acabar poluído.....	57
Figura 17	Rio Formate transborda e traz transtornos.....	60
Figura 18	Poluição causa morte de peixes no Rio Formate.....	62
Figura 19	Marreco nas águas poluídas do Rio Formate.....	63
Figura 20	Retiradas de Árvores das margens do Rio Formate próximas à BR 101.....	64
Figura 21	Demolição do sobrado da Lanchonete.....	65
Figura 22	Ponte do Cano Verde.....	66
Figura 23	Visita de políticos à obra do Rio Formate.....	67
Figura 24	Leito do Rio Formate, ao fundo Monte Mochuara.....	68
Figura 25	Voo da Garça.....	70
Figura 26	Escola Municipal de Viana em período de pandemia da Covid-19.....	79
Figura 27	Local onde será a Escola.....	82
Figura 28	Construção da EMEF Dr. Denizart Santos.....	83
Figura 29	Entrada da escola em 2000.....	86
Figura 30	Grades no Pátio lateral a Escola.....	88
Figura 31	Acesso a quadra da Escola.....	88
Figura 32	Visita ao parque Rota das Garças.....	90

Figura 33	Subida ecológica do parque Rota das Garças.....	91
Figura 34	Jogo no Parque.....	92
Figura 35	Rio Formate /Tacoarê indicado por luzes.....	93
Figura 36	Vista Aérea Sede do Parque Rota das Garças	94
Figura 37	1ª Ecofeira de Viana.....	96
Figura 38	Que lugar é esse?.....	98
Figura 39	Local do Antigo Barracão.....	100
Figura 40	Ponte de madeira Sobre o Rio Formate/Tacoarê.....	101
Figura 41	Material oficina de envelopes Narrativos.....	102
Figura 42	Exemplo de conteúdo dos envelopes narrativos.....	104
Figura 43	Esgotamento Sanitário Bairro Industrial.....	106
Figura 44	Resposta do Estudante.....	107
Figura 45	Inundação em 2019.....	107
Figura 46	Resposta do Estudante.....	108
Figura 47	Retirada de Moradores, ao fundo Monte Mochuara.....	113
Figura 48	Coma do Rio Formate/Tacoarê.....	114
Figura 49	Capim na margem do Rio Formate/Tacoarê.....	115
Figura 50	Paisagem do Rio Formate/Tacoarê.....	116
Figura 51	Lixo na Cabeceira da Ponte.....	117
Figura 52	O Rio Formate/Tacoarê visão a jusante.....	118
Figura 53	Moveis destruídos pela Inundação do Rio Formate/Tacoarê.....	119
Figura 54	Enchente no Rio Formate/Tacoarê em 2019.....	120
Figura 55	Escavadeira demolindo sobrado na margem do Rio Formate/Tacoarê.....	121
Figura 56	Resto de Demolição na margem do Rio.....	122
Figura 57	Escavadeira removendo casas nas margens do Rio Formate/Tacoarê.....	123
Figura 58	Casa sendo demolida nas margens do rio em Cariacica/ES.....	124
Figura 59	Casa abandonada nas margens do Rio Formate/Tacoarê após inundações.....	125
Figura 60	Carregadeira retirando entulho das margens do Rio.....	126
Figura 61	Momento da confecção dos Mapas Colaborativos.....	129
Figura 62	Mapa Colaborativo 1	132
Figura 63	Mapa Colaborativo 2.....	133

Figura 64 – Mapa Colaborativo 3.....	134
Figura 65 – Mapa Colaborativo 4	135
Figura 66 – Mapa Colaborativo 5.....	136
Figura 67 – Mapa Colaborativo 6.....	137
Figura 68 – Mapa Colaborativo 7.....	138
Figura 69 – Mapa Colaborativo 8.....	138

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASIARFA	Associação Intermunicipal Ambiental em Defesa do Rio Formate e seus Afluentes
BI	Bairro Industrial
BO	Bairro Operário
CBF	Cia Brasileira de Ferro
CEA	Centro de Educação Ambiental
CESAN	Companhia Espírito Santense de Saneamento
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COVID-19	Coronavírus SARS-CoV-2
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
ES	Espírito Santo
ETE	Estação de Tratamento de Esgoto
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IJSN	Instituto Jones dos Santos Neves
MPA	Movimento de Pequenos Agricultores
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PROEFAS	Programa Educacional de Formação Agentes Sustentáveis
SEMMA	Secretaria Municipal de Meio Ambiente
SEMED	Secretaria de Educação do Município de Viana
SD	Sequência Didática
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO/MEMORIAL.....	11
2 CARTOGRAFIA DOS ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DE VIANA, A ENTRADA NO BAIRRO INDUSTRIAL.....	17
2.1 VIANA COMO TERRITÓRIO INDÍGENA.....	19
2.2 A COMUNIDADE DE ARAÇATIBA.....	29
2.3 O MITO DA FUNDAÇÃO DE VIANA.....	36
2.4 BAIRRO INDUSTRIAL.....	37
3 CONTEXTO DAS MARGENS DO RIO FORMATE.....	47
3.1 A DESNATURALIZAÇÃO DO RIO FORMATE/TACOARÊ.....	54
3.2 UM RIO EM COMA.....	57
3.3 O RIO FORMATE CONTINUA RESISTINDO AO COMA.....	59
3.4 O RIO FORMATE AINDA SOFRE, A COR E O CHEIRO DAS ÁGUAS DO RIO FORMATE A ESPERANÇA NAS MÃOS DAS CRIANÇAS. UM DIA PARA O RIO FORMATE?	62
3.5 RIO FORMATE E SUAS INFLUÊNCIAS COTIDIANAS.....	69
4 ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DR DENIZART SANTO.....	77
4.1 COTIDIANOS DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DR DENIZART SANTOS, O ENCONTRO COM OS 5º ANOS, E AO OFICINA DE ENVELOPES NARRATIVOS.....	81
4.2 RETORNANDO PARA EMEF DR DENIZART SANTOS.....	86
4.3. VISITA AO PARQUE ROTA DAS GARÇAS.....	89
4.4 TECENDO NARRATIVAS, PROPOSTA DE UMA OFICINA: ENVELOPES NARRATIVOS.....	95
5 CARTOGRAFANDO ECOLOGIAS DO RIO FORMATE (TACOARÊ), BAIRRO INDUSTRIAL E EMEF DR DENIZART SANTOS.....	97
5.1 MOMENTO INICIAL: UM CONVITE À PESQUISA.....	97
5.2 CONFLUÊNCIAS NARRATIVAS.....	104
5.3 MAPAS COLABORATIVOS.....	128
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS.....	145
APÊNDICE A	152
ANEXO A.....	154

1 INTRODUÇÃO/MEMORIAL

A minha relação com o local da pesquisa se dá em conjunto com o habitar nesse espaço. Conhecer o lugar não retira as suas particularidades, pelo contrário: o aprofundamento no campo traz lembranças de infância e a descoberta das histórias dos sujeitos e dos cotidianos que me atravessaram durante toda a vida.

Logo, meus cotidianos serão fundidos aos do campo de pesquisa, pois, na infância, eu e minha família fomos atingidos por várias inundações do Rio Formate. Lembro-me quando andava no colo do meu avô, passeando perto da escola, e quando ajudei nos mutirões de construção da igreja católica do Bairro Industrial. Sou nascido e criado no bairro e compartilho muitos desses cotidianos.

Neste percurso, vou compartilhar também a minha trajetória acadêmica, a qual se estabeleceu a partir da entrada na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no ano de 2005. Foi um sonho realizado quando ingressei no Curso de Licenciatura em Geografia, pois, na época, um estudante de escola pública entrar na universidade federal era uma vitória imensurável.

Este resultado é também fruto da minha jornada educacional nas escolas públicas, desde o ensino fundamental, e da dedicação de meus professores, a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Dr. Denizart Santos, no bairro Industrial, em Viana/ES; e, no ensino médio, a EMEF Talma Sarmiento de Miranda, em Campo Grande, Cariacica/ES. Além disso, não posso deixar de citar o cursinho pré-vestibular 'Universidade Para Todos', que também contribuiu com esse processo. No referido cursinho, pude fazer um pré-vestibular totalmente gratuito, no qual tive acesso a bons materiais e professores.

A entrada na universidade federal foi um divisor de águas, pois sou de família humilde e os custos do curso não eram baratos, mesmo estudando em uma instituição pública. Logo surge a necessidade de trabalhar e, ainda como discente, atuei como professor em cursinhos preparatórios e no ensino regular.

As aulas de tópicos de ensino com o professor José Américo fizeram despertar um olhar sobre o professor pesquisador. Mesmo sem saber o que era essa figura ou o que ela significava naquele momento, essa semente ficou guardada. Quanto às aulas, no início caí sem paraquedas nos cursinhos preparatórios de concurso e de pré-vestibular. Havia em mente o show de uma aula divertida, que às vezes era uma mera reprodução do que lia, assim seguia uma concepção bancária. Os estudantes eram apenas receptáculos de conhecimento, conforme Paulo Freire (1997). Eis aí a

concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Ao sair desse modelo, busquei o ensino regular e lecionei em escolas particulares. Foi então que houve a necessidade de planejar aulas, levando em conta habilidades, competências e toda aquela documentação a ser preenchida.

É nesse lugar, segundo Milton Santo (1988), que se iniciou o entendimento de que, sendo professor, a responsabilidade era constante. Tinha que pensar, criticar e avaliar tudo antes de apresentar aos estudantes. Em tal contexto, vou aprendendo a educar como prática de liberdade, em que uma educação libertadora, segundo os ensinamentos do educador Freire (1997), engaja cada vez mais os sujeitos no esforço de transformação da realidade concreta e objetiva.

Nesse processo de amadurecimento profissional, iniciei o trabalho numa escola particular do bairro Marcílio de Noronha, no município de Viana/ES, bem perto de onde moro, sendo essa a primeira experiência que pude vivenciar nos *espaçostempos* com parte da minha comunidade. Os estudantes, pela primeira vez, eram pessoas próximas, filhos e filhas de pessoas que conheço e com quem compartilho os mesmos espaços.

Foi assim que percebi que, ao planejar as aulas de Geografia, deveria utilizar o cotidiano dos discentes para me aproximar. Como explica Freire (2017), a investigação temática é um esforço de conscientização e de autoconsciência, servindo como ponto de partida para processos educativos e ações culturais libertadoras.

Ao criticar as minhas práticas como educador, percebi que poderia utilizar outros materiais na apresentação trabalhos e apresentações. Em uma feira realizada na escola, observei os materiais utilizados, muitos recursos que posteriormente seriam descartados. Por isso, ao planejar a aula e ao sugerir trabalhos aos estudantes, tinha a preocupação de não solicitar materiais que fossem comprados/novos, aproveitando que os conteúdos de Geografia também discutem as questões ambientais sobre o tema Meio Ambiente, sendo esse um conteúdo transversal contido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Nesse sentido, aproveitava esses trabalhos para tratar e inserir a Educação Ambiental nas discussões dos trabalhos.

Sem querer, fazia com que os educandos, na busca por materiais, fossem compartilhar os cotidianos da escola com os comerciantes locais. Um outro ponto que chamou a atenção nessa trajetória foi as aulas no sexto ano, nas quais geralmente

são aplicados os conteúdos de Cartografia e Hidrografia. Ao planejar essas aulas, sugeria que os alunos fizessem croquis.

Então, percebi que, como morador do bairro, não havia em minha memória nenhuma lembrança com o Rio Formate. Na verdade, a lembrança que havia não era boa, pois só me recordava desse rio quando chovia forte e ocorria inundações. O rio só era lembrado quando chovia, por sua poluição ou pelo mau cheiro.

É com esse fato que nasce a proposta de pesquisa. Durante as aulas, percebi a necessidade de vivenciar os *espaçostempos* e os cotidianos da comunidade e de conversar sobre a existência de uma identidade dos alunos com o Rio Formate. Como poderia aproximar os cotidianos das aulas/dos projetos de maneira a contribuir para a construção e a afirmação da identidade? Como os sujeitos que compõem os cotidianos da comunidade entendem e expressam as suas identidades em relação à escola, ao bairro e ao rio?

Nesta pesquisa, pretende-se discutir como as aulas podem ser planejadas a fim de utilizar a Educação Ambiental com a finalidade de provocar debates sobre o Rio Formate no contexto da comunidade. Vale ressaltar que este estudo será também construído sob a ótica do pesquisador. No caso em tela, a pesquisa será construída com as narrativas compartilhadas que os sujeitos elaboram a partir dos cotidianos da comunidade.

Também serão ouvidas as narrativas do corpo docente da EMEF Dr. Denizart Santos, a fim de compartilhar os projetos propostos pelos professores e pelas professoras. Ainda nessa busca por ouvir, vamos participar das aulas da escola, pois é fundamental escutar como os educandos entendem os assuntos em sala, bem como se relacionam com os temas abordados nas aulas e nos projetos.

No decorrer dos diálogos com os sujeitos da pesquisa, vamos compartilhar as conversas em torno do Rio Formate, que à esquerda de suas margens banha o Bairro Industrial, localizado Viana/ES. Nos últimos anos, a forte influência antrópica no rio vem trazendo graves consequências para a comunidade, principalmente com inundações, que estão se tornando frequentes. Compartilhar esses *espaçostempos* com os moradores e educandos se faz muito importante para as nossas narrativas de pesquisa.

Demais conversas que serão tecidas na escola também vão envolver o Rio Formate, pois o tema guiará as conversas, mas sem perder de vista os outros projetos nos quais os estudantes estão envolvidos. Cada momento de diálogo na escola vai

servir para mostrar o seu potencial institucional e os professores, os colaboradores e os educandos que contribuíram com a pesquisa.

Nesta introdução já surgem algumas perguntas que vão indicar narrativas iniciais. A primeira delas: de onde vem o nome Rio Formate?

Vale lembrar que essas questões também serão abordadas nas conversas com os demais sujeitos da pesquisa. Elas iniciarão o bate-papo com as pessoas que vão narrar as suas histórias de vida que serviram de base para este trabalho.

Nos últimos quatro anos (2019-2022), houve inúmeros ataques à Educação, à Cultura e a outros aparatos Estatais. Essa política desmontou a educação brasileira, usando inúmeras notícias falsas que desmoralizaram os professores e tudo o que se ligava à ciência. Nesse mesmo período, também houve inúmeros ataques ao meio ambiente, sendo até complicado elencá-los, dada a variedade e as formas que o aparelho do Estado empregou ao destruir os biomas e os corpos hídricos no Brasil.

Somado a essa questão, há a escalada de atentados contra estudantes, professores e a escola, o que infelizmente traz influências para a rotina deste projeto, visto que a liberação para acessar as instituições de ensino tornou-se mais rigorosa diante do novo panorama vivido no cotidiano escolar, com a própria prefeitura viabilizando novos formatos de vigilância para esse ambiente. Todavia, espera-se que esse empecilho não retire o protagonismo de todos os sujeitos com os quais iremos dividir os nossos *espaçostempos* na escola, pois esse não é o tema central que será abordado.

Por isso, esta pesquisa tenta uma experiência junto aos indivíduos da comunidade, ao corpo docente e aos alunos da EMEF Dr. Denizart Santos, do Bairro Industrial, em Viana/ES. Busca-se a relevância da identificação com o Rio Formate, que serve de limite entre os municípios capixabas Cariacica e Viana. Destacados os sujeitos da pesquisa, vamos ampliar os diálogos para que assim consigamos elencar como os seus *saberesfazeres* (Nilda Alves) entendem a Educação Ambiental e a Ecologia que emergem em suas falas, a fim de perceber como os projetos da escola são apresentados, como os professores se inserem na comunidade e como esses docentes a incluem e usam a Educação Ambiental em seus planejamentos.

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa consiste em cartografar e em problematizar os aspectos históricos do Município de Viana/ES e seus sujeitos, com o objetivo de contar a geografia e a história não conta sobre a formação de Viana/ES e as suas relações com os aspectos geográficos e ambientais do Rio Formate, com

as práticas pedagógicas que abordam ou abordaram as potencialidades e problemáticas ambientais desse rio, com as práticas comunitárias do bairro e a sua conexão com esse *espaçotempo*.

Como objetivos específicos, tem-se:

- Pesquisar sobre o Rio Formate e o Bairro Industrial em fontes documentais, em notícias de jornais, em fotografias, em narrativas de moradores e em sites da internet, com a intencionalidade de resgatar a visibilidade do rio e a sua relação com a comunidade local;
- Elaborar com os professores e as professoras uma oficina de cartografia, a ser realizada com estudantes do ensino fundamental, com foco nos saberes dos educandos e em suas geografias e ecologias cotidianas e de resistências;
- Elaborar um produto educacional que reconheça os saberes dos educandos e suas outras ecologias e geografias cotidianas voltadas para o resgate da visibilidade do Rio Formate.

Nossos percursos teóricos e metodológicos são as pesquisas com os cotidianos (Alves, 2019). Utilizamos também as perspectivas teóricas da pedagogia freiriana (1997), a ancestralidade e resistência indígena (Krenak, 2020 e 2022) de pesquisa cartográfica (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009) e pesquisas sobre narrativas ficcionais (Reigota, 1999).

Ao dialogar com esses trabalhos, pretendemos narrar os cotidianos dos estudantes da EMEF Dr. Denizart Santos e dos moradores do Bairro Industrial, buscando as relações que esses sujeitos tecem no que diz respeito à identificação com o Rio Formate. Para isso, vamos dialogar, nos capítulos desta pesquisa, seguindo a subsequente ordem.

No capítulo 2, examinaremos a formação do território de Viana/ES sob a ótica dos povos originários e quilombolas que o habitavam. Destacamos a influência duradoura dos grupos quilombolas, que continuam moldando a cultura local. Além disso, Viana/ES mantém vestígios significativos de presença do invasor europeu.

O capítulo 3 foi desenvolvido com base em reportagens dos jornais A Gazeta e A Tribuna disponíveis na biblioteca do Instituto Jones do Santos Neves (IJSN), além do jornal eletrônico Século Diário e dos portais de notícia Folha Vitória e G1/ES. Também utilizamos relatórios do IJSN que auxiliaram na descrição das ações governamentais planejadas para as margens da área de pesquisa. Tudo isso servirá

para narrar os contextos que existem entre as margens do Rio Formate, o bairro Industrial e os sujeitos que habitam o seu entorno.

No capítulo 4, discutiremos a EMEF Dr. Denizart Santos, problematizando e cartografando os cotidianos e compartilhando as suas dinâmicas. Nesse contexto, abordaremos o trabalho da professora Nilda Alves e as suas pesquisas nos/dos/com os cotidianos escolares.

O capítulo 5 abordará os cotidianos de uma turma de 5º ano da EMEF Dr. Denizart Santos. Ao compartilhar esses espaços, pudemos participar de aulas de campo com outras turmas e conviver em uma feira ecológica. Além de compartilhar narrativas durante as etapas de execução do produto educacional, será apresentada a Oficina de Envelopes Narrativos, que consiste em uma prática que proporcionará um espaço para investigar os conhecimentos prévios e as experiências dos estudantes, considerando as suas vivências em diferentes contextos geográficos e ecológicos.

2 CARTOGRAFIA DOS ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DE VIANA/ES, A ENTRADA NO BAIRRO INDUSTRIAL

Neste capítulo, explora-se a formação do território de Viana/ES a partir da perspectiva dos povos originários que o habitavam. Destaca-se também a influência dos grupos quilombolas, cuja presença continua a moldar a cultura da região vianense. Além disso, o município também preserva vestígios marcantes dos invasores coloniais.

O campo de pesquisa é o Bairro Industrial, localizado Viana/ES. O acesso a ele é simples: vindo de Cariacica pela BR-101, logo após a ponte sobre o Rio Formate, encontra-se a indústria Real Café Solúvel. Mantendo-se na pista marginal ao lado da loja Scania, chega-se ao Bairro Industrial. No entanto, ao regressar ao bairro onde moro há mais de 40 anos, percebi, durante uma pesquisa, que precisava de apoio para realmente reentrar nesse espaço.

Além de caminhar pelas margens do rio, de visitar a escola e de reconectar com o bairro, foi necessário recorrer às bases teóricas para aprofundar o diálogo com os assuntos da pesquisa, o que ajudou nas buscas pelas narrativas dos sujeitos que habitam esse território.

Nesse caminho, acionou-se Nego Bispo, cujo nome verdadeiro é Antônio Bispo dos Santos, que foi um filósofo, poeta, escritor, professor, líder quilombola e ativista político brasileiro. Ele traz para esta pesquisa o conceito de "contracolonialismo", que enfatiza a resistência cultural e social dos povos colonizados. Para assim, espacializar como eram os cotidianos dos povos originários que habitavam a região onde hoje fica o município de Viana/ES. Para isso, contar com as contribuições do livro "Tempo de mudanças: os jesuítas e a economia colonial do Espírito Santo (1750-1800)", do historiador capixaba Bruno Santos Conde (2023), que esclarece a realidade econômica do Espírito Santo na segunda metade do século XVIII, com ênfase nos anos seguintes à expulsão dos jesuítas em 1759.

Para abordar as descrições sobre as invasões europeias e os danos causados aos povos indígenas, buscou-se as obras: "Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce", do viajante e naturalista europeu Auguste de Saint-Hilaire (1974), que relata a violência sofrida pelos povos indígenas que habitavam o espaço de Viana/ES; "Donatários, colonos, índios e jesuítas: o início da colonização do Espírito Santo", da historiadora Nara Saleto (1998); "Uma breve história dos indígenas de Domingos Martins: na arqueologia e nas fontes escritas, da colônia ao império", do historiador e arqueólogo Henrique Antônio Valadares Costa (2022), na qual encontrou-se dados sobre como os povos originários habitavam a região.

Para narrar as influências dos quilombolas no surgimento da comunidade de Araçatiba, em Viana/ES, buscou-se a obra “Negros no Espírito Santo”, do professor, pesquisador e historiador Cleber Maciel (2016), na qual há o relato da trajetória histórica dos negros nas terras capixabas. Já no livro “Uma ecologia Decolonial”, do engenheiro ambiental e filósofo caribenho Malcom Ferdinand (2022), aproveitou-se de uma abordagem interseccional que integra perspectivas ecológicas, decoloniais e antirracistas.

A partir dos estudos de Marcos Aurélio dos Santos Vertelo (2017), abordou-se a constituição da comunidade de Araçatiba, enfatizando os espaços de liberdade conquistados. Na perspectiva da pesquisadora Inara Novaes Macedo (2015), observou-se a cultura das bandas de congo no Espírito Santo.

Para narrar como o espaço de Viana/ES foi criado, contou-se com o auxílio da obra do pesquisador Heribaldo Balestrero (2012): “Subsídios para o estudo da geografia e da história do município de Viana”, que faz uma análise detalhada da formação do espaço vianense, com destaque para o papel dos jesuítas na construção de narrativas históricas e geográficas que colaboraram para o fortalecimento de mito colonial.

Neste percurso, buscou-se a professora e pesquisadora Nilda Alves (2019) no livro “Práticas pedagógicas em imagens narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje”, que ajuda a perceber os cotidianos da escola e os seus *espaçostempos*.

Os estudos com os cotidianos ao acontecerem em meio ao que está sendo feito, isto é, em meio aos processos de tessitura e contaminação das redes, expressam o “entremeado” das relações dessas redes locais globais nos diferentes *espaçostempos* vividos. (Ferraço; Alves, 2015, p.310).

Buscou-se também, neste estudo, as contribuições do autor e pesquisador Vitor de Jesus (2020), que oferece o repertório necessário para entender que o Racismo Ambiental está além de uma percepção sobre a desigualdade que existe nas regiões periféricas.

Além disso, abordou-se a Educação ambiental a partir do biólogo e pesquisador Marcos Reigota (2012), em seu artigo “Educação ambiental: a emergência de um campo científico”, no qual o autor explora as dimensões políticas da Educação ambiental, discutindo as relações de poder e as disputas de conhecimento que permeiam esse ramo. Segue-se, sobretudo, a perspectiva freiriana de se concentrar

na compreensão do pensamento e da linguagem dos indivíduos em relação ao mundo que os cerca.

A abordagem metodológica utilizada neste capítulo, que versa acerca do território de Viana/ES a partir da perspectiva dos povos originários que o habitavam e os seus cotidianos, foi baseada na pesquisa bibliográfica em livros e em artigos que interpelam tal temática. Para analisar os cotidianos do Bairro Industrial, foi realizada uma busca no acervo digital da Biblioteca do Instituto Jones dos Santos Neves¹ (IJSN), utilizando os termos "Bairro Industrial" e "Rio Formate" como palavras-chave. Nesse processo de busca, foram recuperados jornais, imagens e fotos aéreas dos cotidianos do bairro.

2.1 VIANA/ES COMO TERRITÓRIO INDÍGENA

Neste tópico, será apresentada a história e a geografia não contada, trazendo à baila, o samba enredo da Escola de Samba Mangueira, com o título; “ História para ninar gente Grande”², onde apresenta um outro olhar sobre os povos originários e quilombolas que ocupavam esses territórios. Principalmente sobre os povos que ocuparam a região de Viana. Antes das invasões europeias, esses territórios já estavam ocupados pelos povos originários que habitavam todo o litoral brasileiro. Por isso, iniciar pelo meio, seguindo as palavras do filósofo brasileiro Nego Bispo:

O nosso movimento é o movimento da transfluência. Transfluindo somos começo, meio e começo. Porque a gente transflui, conflui e transflui. Conflui, transflui e conflui. A ordem pode ser qualquer uma. Para nós, o conteúdo determina a forma e a forma determina o conteúdo (Santos, 2023, p.30).

Para conhecer a história e a geografia não contada, deve-se deixar claro que o invasor europeu intencionalmente promoveu o apagamento dos povos originários, levando à extinção muitos grupos indígenas que aqui habitavam. Santos (2023) relata a violência do colonizador ao se referir ao adestramento de quebra de identidade antes desse apagamento.

Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. O processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta (Santos, 2023, p.2).

¹ Disponível em: <http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/>

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JMSBisBYhOE>

Diante dessa afirmação, o filósofo Ailton Krenak desnuda toda a consciência que há em torno do indígena, descaracterizando a figura folclórica existente ao redor dos povos originários. No documentário “Sobre Guerras do Brasil.doc”, Ailton Krenak critica a simpatia do entrevistador ao mesmo tempo em que salienta a resistência indígena contra o apagamento histórico.

“Nós estamos em guerra. Não sei por que você está me olhando com essa cara tão simpática. Nós estamos em guerra. Os nossos mundos estão todos em guerra. A falsificação ideológica que sugere que nós temos paz é para a gente continuar... é... mantendo a coisa funcionando. Não tem paz em lugar nenhum. É guerra em todos os lugares o tempo todo” (Bolognesi, 2023, grifo nosso).

Por isso é necessário seguir por outros momentos históricos que remontam o município. Embora existam inúmeras fontes de pesquisa, elas às vezes são desconhecidas pelos estudantes e a comunidade. Segundo Monteiro e Reigota (2015), isso acontece por meio de discursos hegemônicos e etnocêntricos que tiram a legitimidade das narrativas desses sujeitos periféricos ou de comunidades tradicionais.

Assim, a presente pesquisa segue uma corrente contra-hegemônica e decolonial. Segundo o “dicionário de pesquisa narrativa”, a decolonialidade “[...] consiste em um conjunto de pensamentos críticos e desobedientes que combatem a ordem colonial. [...]” (Silva; Passo, 2022, p.130). Nesse contexto, segue-se narrando e espacializando as histórias que a história e a geografia não contam sobre os povos originários do município de Viana/ES.

Ao invés de buscar narrativas definitivas, este estudo dedica-se a contar as histórias dos sujeitos de forma não convencional, as suas experiências de vida e as maneiras de habitar os *espaçotempos*, considerando então os contextos específicos de cada sujeito, como propõe Marcos Reigota.

Nesse contexto político, cultural e acadêmico as narrativas não convencionais e imprevisíveis trazem consigo a explosiva dimensão política de conhecimentos (des) construídos através e com as experiências da vida cotidiana, principalmente quando são elaboradas e trazidas aos espaços públicos por aqueles e aquelas cujas oportunidades de expressão ou de escrita (de si) são socialmente restritas, limitadas e também deslegitimadoras e subalternizadas (Reigota, 2016, p.5)

Por isso, apresenta-se informações que demonstram uma outra história e geografia sobre Viana/ES, uma história e geografia ainda pouco difundida acerca da

maneira de habitar dos povos indígenas nesses espaços e da recorrência desse fato na comunidade de Araçatiba, local relevante para a história do município.

Diante disso, pretende-se abordar as pesquisas que difundem as histórias que a história e a geografia não contam. Considerando também as leis 10.639/03³ e 11.645/08⁴, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura Africana e Indígena para os estudantes. Nesse contexto, é relevante destacar os dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) da EMEF Dr. Denizart Santos para tal abordagem.

A escola apresenta uma significativa diversidade racial. No ensino fundamental I (1º ao 5º ano), 66% dos estudantes se autodeclararam pardos, 10% pretos e 7% indígenas. No ensino fundamental II (6º ao 9º ano), esses percentuais são de 47%, 8% e 4%, respectivamente. Essa diversidade racial indica a necessidade de uma abordagem pedagógica que valorize as diferentes culturas e identidades presentes na escola para o não apagamento da nossa história.

No entanto, constata-se a existência do apagamento de povos ancestrais, considerando que isso parte de grupos hegemônicos que historicamente dominam esses espaços, uma dominação que usurpa a narrativas dos povos originários e diaspóricos que dividem os espaços comunitários do município de Viana/ES. As narrativas hegemônicas, provenientes dos invasores europeus, retiraram a possibilidade de entender como coabitar esses espaços e assim compreender inicialmente como os povos indígenas cuidavam desse território no litoral brasileiro. Posteriormente, não se permitiu que os negros pudessem compartilhar os seus saberes ancestrais.

Esse apagamento atende ao interesse dos invasores europeus e influencia toda a escala que hoje exerce poder sobre instituições de mercado e alguns espaços da administração pública. Esse modelo de dominação apaga as cosmovisões dos grupos indígenas e quilombolas para embalar a história de que somos a humanidade (Krenak, 2022). Assim vão apagando as narrativas desses povos, trazendo o esquecimento das suas histórias e formas de ocupar o ambiente em prol de outra

³ Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003.D.O.U. de 10 de janeiro de 2003. _____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004.

⁴ Lei Federal 11.645 de 10 de março de 2008. Brasília, DF, 2008. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicoraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília, DF: jun. 2005.

narrativa. Segundo Krenak (2022), essas histórias vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial.

Essa narrativa globalizante descrita por Ailton Krenak ainda é marcante sobretudo nas instituições educacionais e governamentais. No censo do IBGE, os dados se transformam em identidade. A presença significativa de indígenas, de negros e de quilombolas em Viana/ES confirma a diversidade de sua população. No entanto, apesar dessa realidade, os órgãos públicos ainda não garantem integralmente os direitos desses grupos, evidenciando um descompasso entre a composição demográfica e as políticas públicas.

Na contramão das narrativas globalizantes e para contar a história e a geografia não contada, Santos (2015) ajuda a descrever a visão do litoral, o que hoje entende por território brasileiro, coberto por vastas matas, manguezais e restingas, onde os povos originários se abrigavam e conheciam como Pindorama (Terra de Palmeiras):

Mais estranho ainda é que os povos aqui encontrados como, por exemplo, os povos de língua tupi que chamavam essa terra de Pindorama (Terra das Palmeiras), continuam sendo chamados de índios (Santos, 2015, p. 27).

Os grupos indígenas marcaram a sua ocupação desse território por meio dos topônimos. Seguindo o que Santos (2015) relatou, a alcunha dessas terras que hoje conhecemos por Brasil é um nome imposto pelo invasor. Anteriormente, a região era conhecida pelo nome indígena Pindorama. Outra marca deixada pelos povos originários é a sua forma de cultivar a terra, como relata o historiador e arqueólogo Henrique Antônio Valadares Costa:

Posteriormente, há 1800 anos AP, a região começa a receber novas levas migratórias e dessa vez de grupos vinculados ao tronco linguístico Macro-Jê, de onde teriam trazido para o Espírito Santo o plantio do milho e da mandioca e a produção de utensílios cerâmicos. Com o tempo essas populações chegaram também por grandes rios e vão se dispersando gradativamente, projetando-se plenamente no território (Costa, 2022, p. 128).

Nesse excerto, Costa (2022) deixa claro que o invasor europeu denominava os povos originários como bárbaros. Ser bárbaro sob a distorção do olhar do invasor era a não aceitação da ocupação desses territórios. Os povos originários não aceitavam a dominação e a doutrinação religiosa imposta pelo invasor, por isso eram considerados bárbaros. Esse dado leva a crer que não houve ataques indígenas contra os invasores portugueses em terras capixabas, como conta a história ensinada nas escolas. Houve, pelo contrário, resistência dos povos indígenas que ocupavam o

litoral dessas terras e que não aceitavam ser docilizados pelo homem branco. À vista disso, Krenak descreve um pouco desse sentimento:

Como os povos originários do Brasil lidaram com a colonização, que queria acabar com o seu mundo? Quais estratégias esses povos utilizaram para cruzar esse pesadelo e chegar ao século XXI ainda esperneando, reivindicando e desafinando o coro dos contentes? Vi as diferentes manobras que os nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos. A civilização chamava aquela gente de bárbaros e imprimiu uma guerra sem fim contra eles, com o objetivo de transformá-los em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade. Muitas dessas pessoas não são indivíduos, mas “pessoas coletivas”, células que conseguem transmitir através do tempo suas visões sobre o mundo (Krenak, 2020, p 28).

Por isso aponta-se que, na capitania do Espírito Santo e em suas cercanias, havia aldeias indígenas que pertenciam a várias etnias e que defenderam os seus territórios dos invasores brancos. Assim, reflete-se sobre as palavras descritas por Krenak: a resistência desses povos é fruto de sua poesia e criatividade.

Para potencializar essa discussão, buscou-se o historiador Ricardo Batista de Oliveira (2014), que traz, em seu artigo “Aldeamentos jesuítas na capitania do Espírito Santo: ocupação colonial e ressignificação da etnicidade indígena entre os séculos XVI e XVIII”, a nova dinâmica vivenciada pelos indígenas nos aldeamentos e que desencadeou uma série de rearranjos diversos e a ressignificação de sua identidade étnica, a partir das mudanças nas relações estabelecidas.

Além disso, buscou-se também a historiadora Vânia Maria Losada Moreira (2017), que debate, no livro “Espírito Santo indígena: conquista, trabalho, territorialidade e autogoverno dos índios, 1798-1860”, “sobre os povos indígenas como participantes ativos na nossa trajetória sofrendo com as invasões imperialista europeia, onde o indígena se vê obrigado a se inserir em uma complexa rede de relações sociais, étnicas, culturais, políticas e econômicas.

É importante destacar que, nos referidos estudos, os autores também relatam a localização desses povos. Logo, pode-se afirmar que o grupo indígena dos Botocudos dominava a região norte do Espírito Santo e as divisas com Minas Gerais e Bahia. Já os Goitacás ocupavam o sul do Espírito Santo e o norte do Rio de Janeiro.

Observar a localização dos povos indígenas citados anteriormente faz refletir qual o grupo que habitava a região que hoje corresponde ao município de Viana/ES. As pesquisas indicam que os Tupiniquins e os Goitacás eram alguns dos povos presentes nessa área. Ao estudar a história desses grupos, se tem uma visão mais

completa da ocupação original do território e das relações estabelecidas com os invasores portugueses.

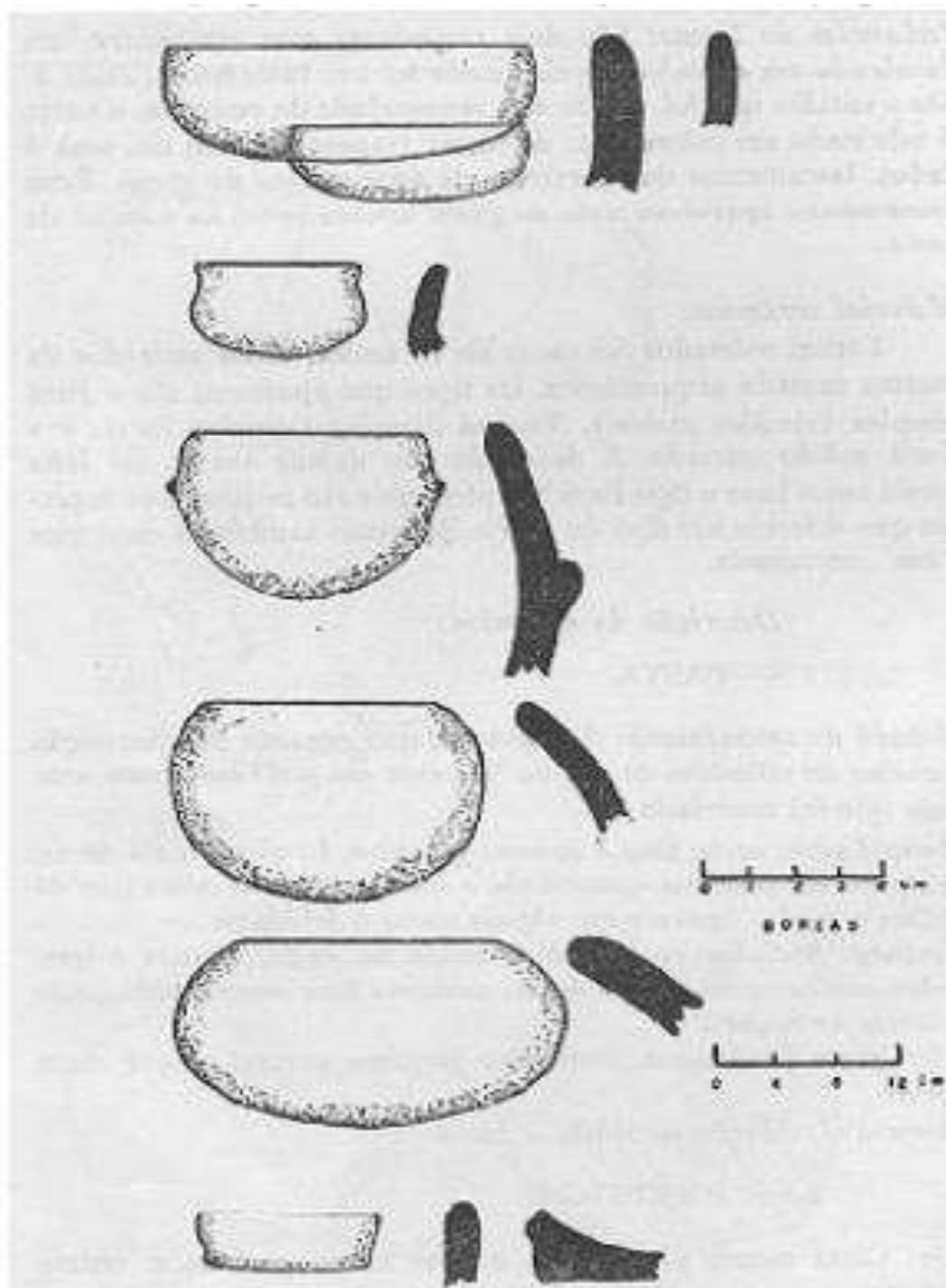
Durante o último quarto do século XVI cessaram os grandes confrontos com os índios nas proximidades da Vila de Vitória, principal povoação e centro econômico do Espírito Santo. Os intensos ataques indígenas, aliás, se disseminaram no fim da década de 1540, rompendo o sempre tenso equilíbrio entre nativos e colonizadores (Conde, 2023. p.123).

A autora Nara Saletto complementa que “O que sabemos de certo é que após uma década de permanência, os (invasores europeus) colonos quase foram expulsos sob os ataques dos Tupiniquins e dos Goitacás, cada qual por um lado” (Saletto, 1998, p. 87-88).

Surge nesse contexto a figura do grupo indígena Tapuia, ligando-se ao tronco da língua macro-Jê. A Tapuia tem origem na língua tupi e quer dizer “aquele que não fala a minha língua” ou “língua truncada” (Costa, 2022, p.126). Percebe-se que, durante a invasão europeia, qualquer tipo de reação promovida pelos povos originários era percebido como ato de rebeldia. Sendo assim, até a maneira de habitar esses espaços incomodava o invasor. Uma dessas rebeldias é a arte desses povos, apontada como uma riqueza linguística e cultural. Foram eles os primeiros ceramistas da região. Nas palavras de Costa (2022, p.126),

Os primeiros grupos ceramistas a dominarem a região, encontrados no século XVI, chamados de Goitacás, genericamente chamados de Tapuia pelos Tupi, fabricantes da cerâmica arqueológica, vinculada à tradição Una. Estas cerâmicas, constituindo-se graficamente de seis formatos de vasilhames, em sua maioria globulares, ocorrendo também tigelas fundas e rasas. Apresentando bordas em sua maioria diretas e com lábios arredondados. Era funcional para inserir bebidas, para o preparo de alimentos e nas práticas funerárias, enterrando seus mortos em posição fetal dentro de urnas funerárias, geralmente em grutas calcárias ou próximas a grandes afloramentos rochosos (Costa, 2022, p.126).

Figura 1 - Formas de vasilhas cerâmicas identificadas arqueologicamente que estão relacionadas aos grupos falantes da língua Macro-jê puri-coroadado.



Fonte: Perota (1970).

A ocorrência de sítios arqueológicos nas regiões da foz até a montante do Rio Jucu fortalece ainda mais a existência de aldeamentos onde hoje localiza-se o município de Viana/ES, região conhecida anteriormente como Coité e que hoje é denominada como Domingos Martins, local em que habitavam indígenas da etnia Tupi.

Antes de abordarmos o início do contato entre índios e colonos alemães e italianos na região, relataremos um pouco da história e da cultura das populações indígenas que viveram na região onde encontra-se o município de Domingos Martins. Originalmente

chamada de Cuité indica ter sido um local conhecido pelas comunidades indígenas integradas à sociedade nacional, de etnia majoritariamente Tupi, que conheciam a região. A região de Cuité atualmente está localizada em Vista Linda–Santa Isabel/Domingos Martins [...] (Costa, 2022, p.131).

De acordo com Costa (2022), essas pesquisas arqueológicas filiam esses grupos indígenas da etnia Tupi aos que falam as línguas dos Puri-Coroados, levando em consideração o que foi dito anteriormente sobre os enfrentamentos ocorridos durante a invasão portuguesa no litoral do Espírito Santo.

O relato de viajantes pelo estado do Espírito Santo, sobretudo em uma passagem de Auguste de Saint-Hilaire pelas cercanias de Viana/ES, leva a crer que o grupo indígena que ocupava o território do município era o Puri. Saint-Hilaire (1974) relata um ataque de um grupo de Puris nas cercanias de Viana/ES, no qual aproximadamente vinte indígenas adultos foram assassinados e outros acusados de promover ataques contra comunidades açorianas. O autor relata a perseguição aos indígenas:

[...] Pôs-se a perseguir os selvagens, seguindo dia após dia suas pegadas no meio das florestas; ao fim do terceiro dia, descobriu barracas de folhas de palmeira, onde eles deviam passar a noite. (Saint-Hilaire, 1974, p.111).

Figura 2 - Cabana dos antigos Puris.



Fonte: D'Orbigny (1834) - Viagem pitoresca às duas Américas.

Após a chacina, foram conservadas as vidas de duas crianças, um menino e uma menina. O menino chamava-se Antônio e a menina Ana. O autor Saint-Hilaire (1974) acreditava que seus nomes não eram esses, porque Ana é precisamente um

nome português. Além disso, o viajante ainda relata outra situação, na qual recebeu um colar indígena que teria sido tomado de um indígena, pois o objeto possuía duas voltas de pequenos grãos negros, separados por dentes de cabiaí (capivara).

A narrativa do viajante europeu confirma a violência contra os povos indígenas que habitavam em Viana/ES. Esses invasores caçavam os indígenas, roubavam os seus adornos e, para completar, sequestravam as suas crianças e trocavam os seus nomes. Essa violência não ocorreu somente em Viana/ES, mas também em outras localidades, visto que o apagamento que o invasor europeu executou contra a cultura indígena local soma-se ao genocídio dos povos indígenas que ocorreu no Brasil.

Outro relato do viajante que merece destaque é a confirmação da existência de grupos indígenas Puris que ocupavam as margens do Rio Jucu. Suas ocupações foram comprovadas desde a foz até a montante do rio por indícios arqueológicos. É importante frisar que esses grupos de Puris ocuparam essa região até meados do século XIX, como afirmado nos relatos de Saint-Hilaire e na gravura de D'Orbigny.

De acordo com Costa (2022), D. João VI providenciou a construção de quartéis em Viana/ES para não ceder novamente o espaço para a resistência dos indígenas que se embrenharam nas florestas. Com essa ação defensiva dos invasores brancos, os grupos indígenas foram se interiorizando na região. A situação gerou uma intensa tensão com os Puris, visto que o governador Francisco Alberto Rubim pretendia estabelecer colonos Açorianos na região de Viana/ES.

Como tudo relacionado aos índios Puri, muito pouco foi estudado sobre esse processo de contato interétnico entre imigrantes (invasores) e indígenas. Carecem ainda de estudos sistemáticos as relações decorrentes entre os processos de afirmação da colônia em meio ao antigo território indígena (Costa, 2022, p.136).

Diante disso, confirmou-se a existência de um território indígena onde hoje se localiza o município de Viana/ES. Todavia, é relevante constatar que esse fato ainda é negligenciado pelo município devido à falta ou à pouca informação sobre a história ou cultura desses povos nos locais disponibilizados para a população. Um exemplo disso é o fato de citar o povo Puri em um breve trecho no site da prefeitura⁵, no qual é contada em seis curtos parágrafos a história do município. O mesmo acontece em uma placa que está fixada na parede da recepção do Parque Municipal Rota das

⁵ Disponível em: <https://viana.es.gov.br/pagina/ler/45/historia-do-municipio>.

Garças, localizado em Viana/ES, a qual apresenta uma imagem de um indígena Puri sem tecer qualquer comentário sobre as suas tradições e história.

Figura 3 - “História do município” apresentada pela Prefeitura de Viana/ES



Fonte: Acervo pessoal.

O banner que ignora a existência dos Puris em nossa região minimiza o povo originário local, reduzindo-o a uma imagem meramente ilustrativa, por isso há a necessidade de contar a história e a geografia não contada. Observando o banner exposto no parque ambiental Rota das Garças, percebe-se mais um exemplo de apagamento histórico que os povos indígenas sofrem diariamente. Se esse banner apresentasse uma linha histórica, descrevendo os Puris e outros povos que habitaram a região, os dados do IBGE que vêm a seguir mostrariam um retrato mais fiel do povo vianense.

Narrar a existência de grupos indígenas – no caso em tela, os Puris do município de Viana/ES – é um fator importante, pois, além de conhecer a história e a cultura desses povos, essa ação reflete o reconhecimento da ancestralidade de um povo, principalmente no que se refere aos dados do questionário do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Denizart Santos em Viana/ES. Os indicadores do Ideb dessa escola

apontam que 7%⁶ dos estudantes do 5º ano declararam-se indígenas e a situação é ainda mais preocupante no 9º ano, pois somente 4%⁷ declararam-se indígenas.

Salvaguardando os seus limites matemáticos, sem a pretensão da aproximação dos números, os dados levantados pelo Censo/IBGE 2023⁸ apontam para a declaração de 150 indivíduos que se afirmam como indígenas no território vianense. Percebeu-se aqui que a escola é um microcosmo da realidade local. Por isso, é preciso fortalecer políticas que apoiem esses grupos, tanto dentro quanto fora da escola. Tendo a convicção que a percepção de uma Educação Ambiental política (Reigota, 1999), e que todos os sujeitos que habitam esses territórios, são afetados de alguma forma, não podem ter suas ancestralidades apagadas. Por isso, a necessidade de marcar nesta pesquisa, a existências dos povos originários no território de Viana, e assim provocar outras pesquisas na região metropolitana de Vitória/ES.

Tendo em vista que muitos indígenas que residem nas cidades, fora dos aldeamentos, não tem seus direitos constitucionais debatidos, contribuindo para o apagamento desses povos, por isso a Educação Ambiental política, em seu contexto pode contribuir como prática libertadora evocando os direitos dos cidadãos e cidadãs, e assim contribuindo para o não apagamento.

2.2. A COMUNIDADE DE ARAÇATIBA

Neste tópico, narra-se uma breve história da comunidade de Araçatiba, localizada em Viana/ES, numa perspectiva contra-hegemônica para explicar sobre a existência da comunidade de negros e de negras que resistem nesse território desde a invasão portuguesa. Observou-se essa resistência atualmente por meio da cultura e da culinária, preservadas nas ancestralidades existentes no território.

A comunidade de Araçatiba é um território fértil para investigações, tanto que são muitos os trabalhos que abordam os seus cotidianos. Por isso, a intenção nesta pesquisa é narrar a linha do tempo na qual o invasor branco tentou apagar a história

⁶ Disponível em: <https://gedu.org.br/escola/32037678-emef-dr-denizart-santos/questionarios-saeb/alunos-5ano>

⁷ Disponível em: <https://gedu.org.br/escola/32037678-emef-dr-denizart-santos/questionarios-saeb/alunos-9ano>

⁸ Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal

desse território, além de trazer alguns estudos que vão contribuir para essas narrativas sobre a região.

Esses espaços de resistência foram por muito tempo marginalizados pelos invasores brancos. Na sua obra “Colonização, Quilombos: modos e significados”, Nego Bispo explicita a resistência dos quilombos e a história da luta por liberdade e autodeterminação dos povos negros (Santos, 2015). O autor afirma que os quilombos eram criminalizados e perseguidos por manterem o seu modo de vida.

No período colonial, tais comunidades foram denominadas pelos colonizadores como Mucambos, Quilombos, Retiros, etc., e consideradas pela legislação vigente como organização criminosa. (Santos, 2015, p. 48).

Essas comunidades quilombolas eram consideradas pontos de enfrentamento. Sendo assim, pode-se afirmar que a hostilidade sempre era proveniente da ação do invasor branco ao marginalizar as manifestações culturais e locais em que habitavam as pessoas pretas. Mesmo depois da promulgação da Lei Áurea de 1888, o termo quilombola ainda é marginalizado, conforme o relato do intelectual quilombola Nego Bispo.

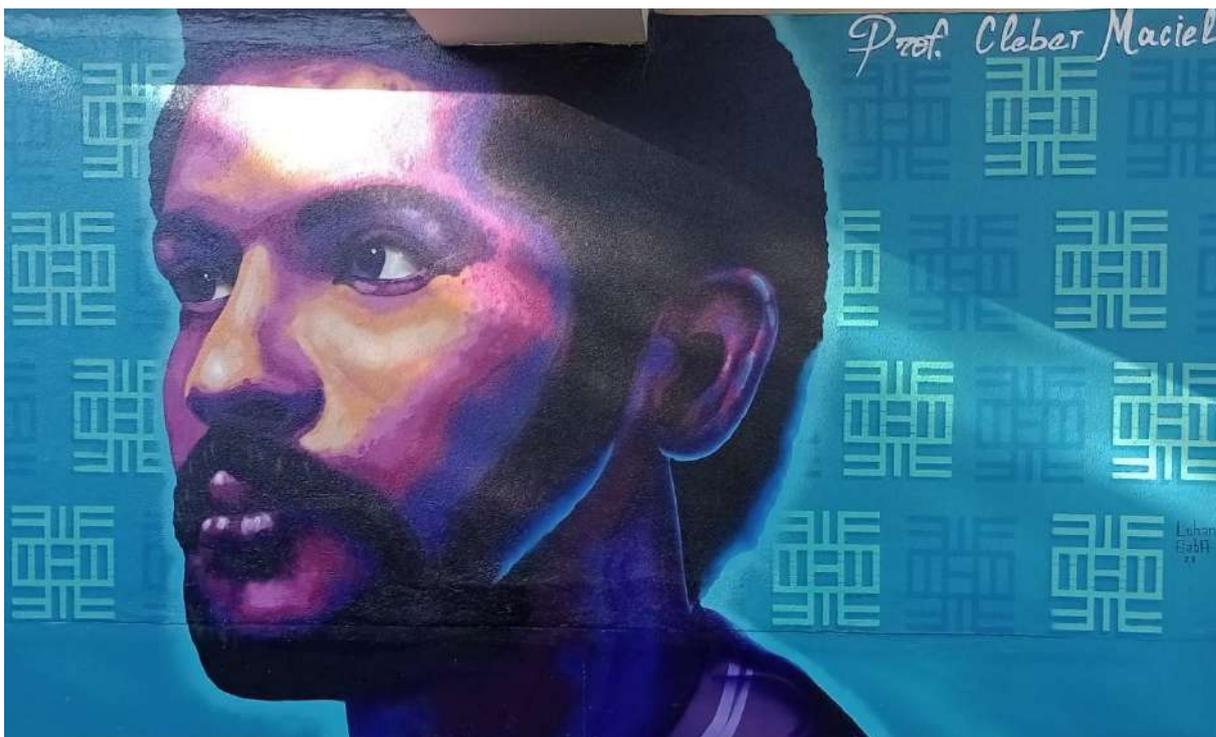
Após esse período, o termo Quilombo caiu em desuso, juntamente com a legislação que os criminaliza. Porém a criminalização e a violência contra essas comunidades permaneceram, tendo como alvo seus modos de vida, suas expressões culturais e seus territórios, isto é, as suas formas de resistência e de auto-organização comunitária contra colonial (Santos, 2015, p.49).

No dia 19 de março de 1849, no Espírito Santo, antes da promulgação da lei Áurea, ocorreu a Revolta de Queimados⁹ na região compreendida hoje pelo município da Serra. De acordo com o professor e ativista Cleber Maciel (2016), essa revolta está ligada diretamente aos quilombolas de Araçatiba. O ativista descreve que nas duas localidades havia famílias estáveis formadas por escravizados nas fazendas de Viana e de Queimados (Maciel, 2016).

Figura 4 - Prof. Cleber Maciel - grande ativista na luta contra o racismo e a discriminação¹⁰

⁹ A Revolta de Queimados foi uma insurreição de escravos que aconteceu no então distrito de Queimados, na Serra, em 19 de março de 1849, dia da inauguração da igreja local, dedicada a São José.

¹⁰ Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://neab.ufes.br/sites/neab.ufes.br/files/field/anexo/cleber_maciel_-_minibiografia.pdf



Fonte: Acervo pessoal

Pesquisas recentes têm demonstrado que em 1875, por exemplo, nas fazendas de Viana e de Queimados, mais de 60% dos escravos eram membros de famílias nas quais os filhos viviam ao lado dos pais (Maciel, 2016, p.89).

Segundo Maciel (2016), a região de Viana, devido ao adensamento florestal que existia na região, servia de esconderijo para os negros escravizados que fugiam das fazendas, fato que gerou a caçada desses fugitivos pelo governo provincial da época e também por alguns indígenas Puris.

Na mesma época, foram presos na Colônia de Santa Isabel vários negros suspeitos de serem fugitivos. Ainda nesse ano, foi noticiado que muitos negros escondiam-se nas matas de Viana, Araçatiba e Mamoeiro (Maciel, 2016, p.102).

Em meados de 1880, jornais da época relataram a presença e a movimentação de quilombolas nas proximidades de Araçatiba. No entanto, não se pode afirmar a formação de um quilombo em Araçatiba, pois há apenas menções sobre a presença de pessoas escravizadas que se abrigavam ali. Essas pessoas representavam uma forma de resistência e de luta contra a escravidão, buscando a sua liberdade e autonomia. De acordo com o professor e ativista Cleber Maciel (2016, p.102),

[...] Viana, Araçatiba, Mamoeiro, Timbuí, Conde D'Eu, São Mateus e Cachoeiro de Itapemirim eram, nesse fim de século, apontadas como áreas de influência dos vários quilombos chefiados por Benedito Meia Légua, Nego Rugério e Princesa Jacimba Gaba, todos muito famosos

como grandes guerreiros e importantes líderes da luta dos escravos pela liberdade (Maciel, 2016, p.102).

Nesse contexto, Vertelo (2017) descreve que a Fazenda Araçatiba, desde a invasão e a ocupação europeia na figura dos jesuítas, foi entregue à família Vieira Machado. Durante o século XIX, a fazenda abrigou grupos de escravizados, libertos e livres que negociavam espaços de liberdade e resistiam às condições impostas pelo sistema escravista, caracterizando um modo de vida específico. Ferdinand (2022) explica como se dá essa forma de habitar esses ambientes assumindo uma ecologia própria:

As ecologias quilombolas permanecem restritas a espaços precisos. Nem o quilombola, nem o escravizado dos jardins crioulos, nem o camponês dos morros conseguiram questionar em seu conjunto o habitar colonial das plantations e suas escravidões. O mundo colonial conseguiu, em parte, acomodar muito bem as comunidades quilombolas, firmando acordos com elas, [...] (Ferdinand, 2022, p.180).

Figura 5 - Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, em Araçatiba, Viana/ES (século XX)



Fonte: Vertelo (2013, p.84).

Ao analisar a complexidade do cativo, destacam-se a construção de espaços de liberdade e as relações sociais estabelecidas na fazenda. Após a suposta abolição da escravidão, a comunidade afrodescendente da região continuou a influenciar a vida na fazenda, demonstrando uma resistência e uma busca por autonomia e reconhecimento de sua humanidade. Ferdinand (2022, p. 192) descreve que,

Assim, sua fuga precisava tentar viver, habitar, nutrir-se e atender às suas necessidades sem ter as mãos atadas ao governo, destacando aí as premissas de uma atitude ecológica (Ferdinand, 2022, p. 192)

Assim, eles negociavam com os seus senhores, estabeleciam laços com outros cativos libertos e livres e interagiam com comunidades quilombolas próximas. Esses espaços de liberdade eram construídos por meio de relações sociais complexas, que segundo Oliveira (2011) envolviam desde laços matrimoniais até práticas religiosas compartilhadas. Por meio dessas interações e estratégias, os escravizados da Fazenda Araçatiba conseguiram criar um ambiente no qual podiam exercer alguma forma de liberdade e resistir às imposições do sistema escravista. Segundo Oliveira (2011, p. 147),

Pelo que revelam os dados documentais, em alguns distritos e vilas, como Viana e São Mateus, os quilombos, apesar da perseguição policial, resistiram por cerca de 40 anos. Uma interpretação desses dados é que existe a possibilidade de pessoas terem nascido e crescido nos quilombos sem conhecer a escravidão. Em algumas localidades do então distrito de Viana, havia quilombo em 1846 (com número elevado de integrantes) e em 1885, como, por exemplo, em Araçatiba, onde ainda hoje existe uma comunidade quilombola (Oliveira, 2011, p.147).

Figura 6 - Porto e entreposto comercial de Araçatiba, Viana/ES



Fonte: Vertelo (2013, p.90).

Além disso, as relações sociais entre os quilombolas e a comunidade de escravizados na Fazenda Araçatiba eram marcadas por proximidade e interação, compartilhando experiências por meio de práticas culturais e estratégias de resistência. Essa interação contribuía para a construção de espaços de liberdade e para a solidariedade entre os grupos, fortalecendo as suas identidades e

possibilitando formas de resistência coletiva contra a opressão do invasor branco. De acordo com a pesquisadora Inara Novais Macedo (2015, p.17), a partir dos

[...] dados contextuais e nas tradições disseminadas pelos conquistadores, podemos pensar que foi no período colonial da antiga fazenda Araçatiba que se iniciaram os primeiros movimentos de prática do Congo, os quais originaram as bandas de Congo de regiões que compõem os atuais Municípios de Cariacica, Vila Velha, Guarapari e Viana (Macedo, 2015, p.17).

Outro fato importante a ser destacado sobre a Fazenda Araçatiba ocorreu entre os anos de 1880 e 1894, quando essa fazenda se tornou o centro de uma contenda complexa entre os herdeiros do Coronel Sebastião Vieira Machado, desencadeando disputas judiciais, tensões familiares e debates acalorados sobre propriedade e poder (Vertelo, 2017).

No mesmo ano, em 21 de abril de 1894, uma parte das terras foi doada à Nossa Senhora da Ajuda, um gesto que refletia tanto as tensões quanto as convicções religiosas da comunidade local. Essa doação foi realizada pelos "herdeiros das terras comuns", sem o consentimento de todos os envolvidos, destacando ainda mais as divisões entre os herdeiros (Vertelo, 2017).

É importante ressaltar que, embora a divisão de terras possa ter apresentado oportunidades para os quilombolas, também poderia ter gerado desafios, como disputas territoriais com outros grupos ou pressões externas sobre os recursos naturais. Além disso, o contexto histórico de discriminação e de marginalização enfrentado pelas comunidades quilombolas no Brasil também teria influenciado a sua capacidade de acessar e de manter terras de forma segura e sustentável. Vertelo (2017) resalta a importância da fundação dessa comunidade quando traz o relato de dona Nini,

Os laços estabelecidos entre dona Nini e Sebastião Vieira Machado passam por uma relação de apadrinhamento que tem origem numa tradição que ultrapassa o século XIX e alcança o século XX. [...] Mesmo recebendo de seu padrinho uma herança que perpassa pelo viés material e alcança uma dimensão imaterial, Nini tem consciência do seu lugar enquanto um quilombola, termo usado pela própria entrevistada. [...] Nini faz questão de demarcar o território como quilombola, deixando claro que se alguém está incomodado deve procurar outro lugar para viver. Mesmo tendo convivido com um dos herdeiros do coronel Machado, o que mais chama a atenção é a forma como Nini se apropria dessa herança, buscando ocupar os espaços de poder na comunidade (Vertello, 2017, p. 96-97).

Contudo, após a doação, a comunidade se fortaleceu, pois, as terras das Santa não poderiam mais ser divididas e isso impediu que fossem ocupadas por outros

fazendeiros da época. O Mapa de conflito e injustiça ambiental e saúde no Brasil¹¹, atualizado em 17 de dezembro de 2009, confirma as lutas do povo negro de Araçatiba pela demarcação de suas terras, que infelizmente sofreu com a perda da maior parte de seu território, restando apenas cinco hectares dos vinte doados.

Araçatiba constitui atualmente como um bairro do Município de Viana, localizando na região rural do município. Hoje, a comunidade conta com infraestrutura básica de distribuição de água e coleta de esgoto¹², possui a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Araçatiba, onde a cultura é respeitada por meio da Banda de congo Mãe Petronilha e de oficinas de culinária tradicionalmente promovidas pela prefeitura de Viana/ES.

Após esses relatos, é possível afirmar que os territórios que hoje se localizam no município de Viana/ES e em seus arredores são indígenas e quilombolas. Eles são apagados pelas autoridades municipal e estadual e isso pode ser notado pela total apatia das autoridades, respectivamente quando não estabelecem políticas afirmativas de valorização e de divulgação desses espaços.

Embora o município ainda valorize pouco estes territórios, a força de homens e mulheres, que atuam na banda de congo de Araçatiba, sendo uma das mais velhas do Espírito Santo, as marcas da culinária quilombola. Demonstram a resistência contra o apagamento dessas populações. E ainda a vontade de pesquisadoras (es) que vem pesquisando estas populações e suas ecologias. Posicionando estes espaços geográficos através da valorização dos sujeitos que ocupam estes territórios.

Para desmistificar essa história, precisou-se novamente trazer alguns dados. Hoje, o município de Viana/ES ainda não reconhece Araçatiba como território quilombola. De acordo com o Mapa de conflito e injustiça ambiental e saúde no Brasil, não há documentação sobre quantos outros quilombos foram apagados do município.

Os números que constam no último censo descrevem uma população de 12,9% de pessoas que se dizem pretas e de 56,9% de pessoas que se dizem pardas, com

¹¹ Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/es-com-sua-heranca-reduzida-a-um-quarto-quilombolas-de-aracatiba-buscam-reconhecimento-e-usam-cultura-para-manter-vivas-as-tradicoes/>

¹² Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.cesan.com.br/wp-content/uploads/2023/11/02.12.38.00-A038-Estudo-Tecnico-e-Operacional-Viana_form.pdf

apenas 19 pessoas se declarando quilombolas¹³. Os dados do Ideb apontam que, na EMEF Denizart Santos, 66% dos estudantes do 5º ano foram declarados como pardos e outros 10% como pretos. No 9º ano, 47% dos alunos são declarados como pardos e 8% como pretos. Esses números fazem refletir sobre a necessidade de ampliar os debates sobre a educação étnico-racial na escola, sobretudo com a finalidade manter o legado cultural que a localidade de Araçatiba preserva em suas raízes.

2.3 O MITO DA FUNDAÇÃO DE VIANA/ES

Em seu livro “Subsídios para o Estudo da Geografia e da História do Município de Viana”, o pesquisador Balestrero (2012a) homenageia alguns vianenses, como o poeta Alvimar Silva, que escreveu o poema intitulado “Viana minha Terra”, no livro “Clarões”.

Viana! Terra Sem Luz que não convida
A fortes emoções o sentimento,
Porque viver no grande isolamento
De uma estabilidade indefinida...

Universal partícula perdida
No deserto fatal do esquecimento,
Onde é tardo e mesquinho o movimento,
A força eterna que produz a vida!

Se tudo assim te falta, não te falta
O amor, o doce bem que santifica
E tudo, tudo que ilumina, exalta!

O amor que no meu sonho e no meu verso,
Ó terra onde nasci! Te glorifica
A Maior e a mais bela do universo!...
(Silva, 1936)

Viana, *a maior e mais bela do universo*: as palavras de Silva (1936) remete ao tempo pretérito de sua fundação, quando Viana se estabeleceu às margens do Rio Jucu e de seus signatários, o Rio Formate e Santo Agostinho. Balestrero (2012a), pesquisador sobre a história e a geografia do Espírito Santo, em especial sobre Viana/ES, relata que Francisco Alberto Rubim deu início à colonização e encarregou

¹³ Disponível em:

https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal

o intendente geral da polícia Paulo Fernandes Viana, em 1813, para que estabelecesse colonos dos Açores nessas imediações, dando seu nome à localidade.

Porém, anteriormente à fundação de Viana, já existiam fazendas administradas por jesuítas, que transportavam a sua produção de açúcar pelo Rio Jucu, seguindo pelo litoral de Vila Velha até a baía de Vitória. Em 1740, época da construção do canal de Camboapina, que ligava o Rio Jucu à Baía do Espírito Santo, os indígenas e afrodescendentes escravizados foram obrigados pelos jesuítas a construir esse canal (Oliveira, 2008).

Não foi fácil aos padres inacianos valorizarem as terras de Araçatiba, até tornaram-na a maior fazenda da costa brasileira, com cerca de 850 serviçais no seu trabalho, entre negros, escravos e índios. Para o conseguirem, tiveram que sanear os grandes pantanais então existentes, inclusive abrir um longo canal de 12 quilômetros de extensão, ligando o rio Jucu a Vitória, a fim de encurtar o longo itinerário do rio pela Barra do Jucu. Este canal aberto em 1740 foi o primeiro construído no país (Balestrero, 2012a, p.90).

Ainda segundo Balestrero (2012a, p. 90), “[...] a Fazenda Araçatiba produz açúcar em grande escala, com extensas plantações de cana, que abrangiam toda a baixada”. Essa breve contextualização aponta para o surgimento do município de Viana/ES, que era uma grande fazenda. Assim, na tentativa de ocupar esse território, foram trazidos cinquenta e três casais de açorianos.

Aqueles que não morreram de malária, migraram para outras regiões onde pudessem seguir com os seus modos de vida. Obviamente, havia outros povoados no território localizado ao redor das igrejas jesuítas, compostos por escravizados ou indígenas. Esse relato foi tecido para localizar o município em um momento histórico, marcando quem ocupou e ainda ocupa a região.

2.4 BAIRRO INDUSTRIAL

Neste tópico, apresenta-se o Bairro Industrial a partir da historiadora Maria da Penha Smarzaro Siqueira, mediante o seu livro “Industrialização e Empobrecimento Urbano”, no qual debate temas sobre a industrialização e o empobrecimento urbano da Grande Vitória.

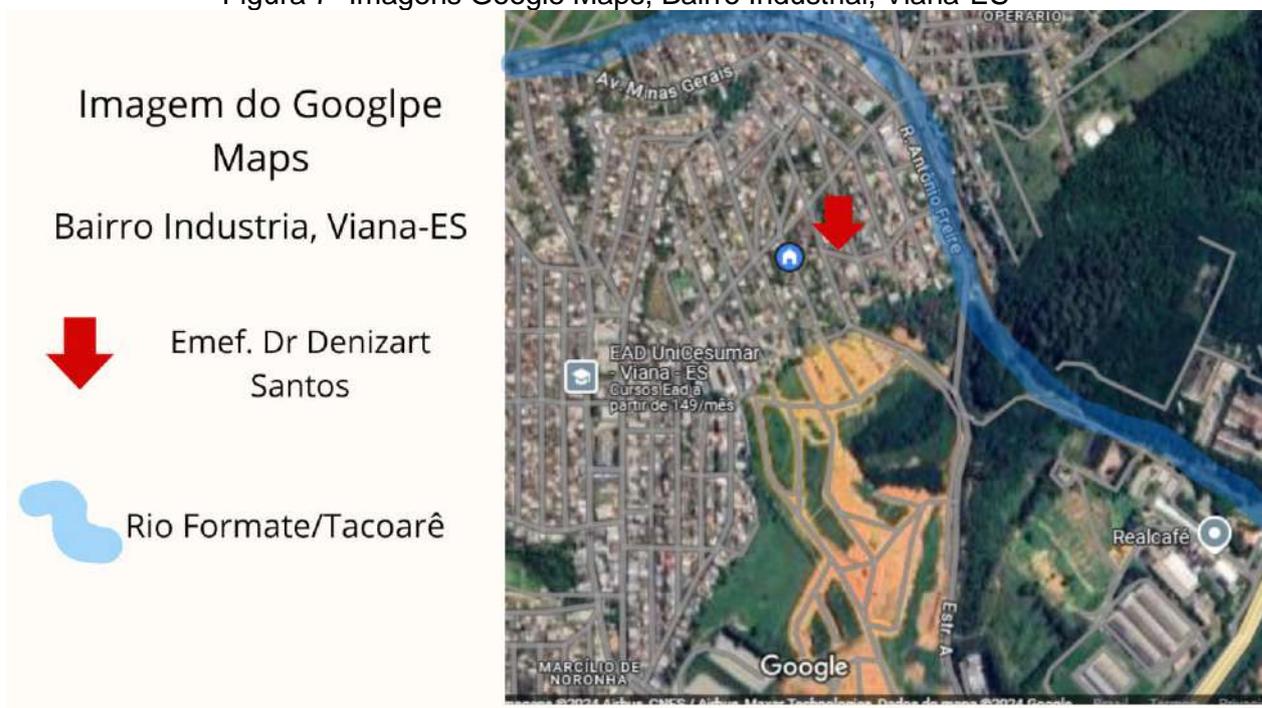
Além disso, aborda-se como a Saúde Coletiva surgiu no final da década de 1970, vinculada à luta pela democracia e ao movimento da Reforma Sanitária, com a pesquisa de Vitor de Jesus, intitulada “Racionalizando o olhar (sociológico) sobre a

saúde ambiental em saneamento da população negra: um *continuum* colonial chamado racismo ambiental”.

Nesse contexto, busca-se compreender os cotidianos com a professora e pesquisadora Nilda Alves (2003), no seu artigo “Sobre movimento das pesquisas no/do/com os cotidianos”, que nos ajuda a compreender o uso de artefatos culturais para as pesquisas com os cotidianos.

Na perspectiva do educador brasileiro Paulo Freire (1997), nos textos do livro “Pedagogia do Oprimido”, é necessário entender as narrativas sobre as lutas pessoais desses sujeitos. Ainda neste tópico, deixar marcado, mediante o pesquisador Reigota (2012), o posicionamento junto a uma Educação Ambiental Política, por meio do artigo “Educação Ambiental: a emergência de um campo científico”. Esse autor afirma a singularidade e a presença da Educação Ambiental brasileira para analisar a sua conexão com o pensamento político e científico contemporâneo, na tentativa de explicitar como se interconectam, influenciam e se comunicam.

Figura 7- Imagens Google Maps, Bairro Industrial, Viana-ES



Fonte: Google Maps.

O bairro Industrial localiza-se na região metropolitana de Vitória/ES, e sua característica marcante está ligada ao processo de industrialização vivido pelo município de Viana/ES no fim dos anos 1970 e 1980, sobretudo após a construção

das BR's 101 e 262, que cruzam o município. Esse fato contribuiu para que houvesse um crescimento industrial na região. Segundo Siqueira (2010),

A década de 70 é um marco divisório na história da ocupação do município. O processo de urbanização intensifica-se, principalmente em função do asfaltamento da BR 262 e da BR 101 que aliado ao fato de haver grande disponibilidade de terras, estimulou a instalação de um grande número de estabelecimentos industriais (Siqueira, 2010, p. 95)

Diante disso, ocorreu a criação de loteamentos clandestinos às margens das rodovias e logicamente as regiões mais próximas da “cidade” eram as que ficavam próximas do Rio Formate. Siqueira (2010) afirma que, em função da industrialização de Vitória/ES, muitos migrantes com baixo poder aquisitivo se fixaram no município de Viana/ES.

Esses loteamentos clandestinos não ofereciam a estrutura necessária para uma habitação digna e muito do que se tem hoje na região foi conquistado via luta comunitária. As políticas de ocupação do solo eram poucas efetivas. Infelizmente, esse tipo de formação urbana não contribui para a melhoria da qualidade de vida, e conseqüentemente social e ambiental local, o que, segundo Vitor de Jesus, vulnerabiliza um grupo específico da sociedade.

Nesse panorama, as condições de vida da população negra (e indígena) seguem sendo vulnerabilizadas, marginalizadas e minimizadas, produzindo histórico-cotidianamente condições precárias de viver. E, como se não bastasse o genocídio por homicídios dos jovens negros de periferia, a morte por saneamento tem afetado enormemente bebês e idosos negros, além dos jovens (Jesus, 2020, p.10).

Na primeira década dos anos 2000, houve uma readequação urbana no município, na qual o Bairro Industrial foi incorporado ao Bairro Marcílio de Noronha, sendo estabelecido pela Lei nº. 1.868, de 18 de dezembro de 2006, que reordena o município de Viana em 18 bairros e ratifica a incorporação do bairro à região número VII (Viana, 2006). Todavia, a linha de ônibus que atende o bairro ainda não sofreu modificação no nome. Como morador do bairro, percebi que o apreço pelo lugar de origem continua o mesmo, independente da criação da Lei. Isso pode ser percebido nos moradores mais antigos e nos mais recentes, que não se referem ao bairro utilizando o nome da adequação urbana, mencionando-o pelo seu nome de criação: Bairro Industrial.

É o lugar que atribui às técnicas o princípio de realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-

as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica. (Santos, 2006, p.36)

Nesse sentido, foi realizado um levantamento no acervo da biblioteca do Instituto Jones dos Santos Neves no qual foram encontrados jornais que tratam do assunto, que em sua totalidade referem-se a notícias do bairro publicadas pelos jornais A Gazeta e A Tribuna. Nesse percurso, também foram feitas pesquisas nos sites do portal de notícias do Folha Vitória e do Século Diário. Para busca a inicial, foram utilizados os termos “Bairro Industrial” e depois “Rio Formate”, sem delimitação de ano.

A partir dessas notícias, dialogar com os sujeitos que, segundo o educador e filósofo Paulo Freire (1997), são os sujeitos da ação, que sofrem e que se colocam protagonistas desses cotidianos. Sendo assim, as narrativas dos sujeitos serão debatidas a partir das matérias dos jornais que estão disponíveis na rede mundial de computadores, pois elas documentam esses *espaçostempos* e auxiliam as narrativas que possam surgir por meio dos sujeitos.

Neste sentido, compreendemos o valor social da narrativa que contribui para narrativas - orais e escritas - que rompem com o modelo hegemônico das mesmas na ciência moderna, pois considera que ‘conhecimentossignificações’ surgem em inúmeros ‘espaçostempos’ a partir de múltiplas e complexas relações humanas e que se expressam para muito além de textos escritos. (Andrade, Caldas; Alves, 2019, p. 32).

O site Instituto Jones dos Santos Neves (IJNS) oferece uma ampla oferta de dados, entre eles: fotos, fotos aéreas e artigos de jornal. Nesse primeiro momento, se ater aos artigos do jornal. O termo buscado não se restringe somente ao bairro, por isso foi necessário filtrar os artigos recuperados que se referiam diretamente ao Bairro Industrial. Após a busca, foram recuperados seis artigos que se alinham à proposta da pesquisa, datados de 1980 até o ano de 2023. Nesse processo, foi observada uma lacuna entre os anos 1980 e 2000.

Em uma página inteira do jornal A Gazeta do dia 20 de janeiro de 1985, a jornalista Rita Tristão, na seção Gazeta nos Bairros, trouxe o título ‘Moradores do Bairro Industrial querem Segurança’¹⁴. O texto, contudo, não se resumiu a falar de

¹⁴ Disponível em: [Chrome extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://biblioteca.ijns.es.gov.br/ConteudoDigital/20170120_aj17566_bairro_bairroindustrial_viana.pdf](http://biblioteca.ijns.es.gov.br/ConteudoDigital/20170120_aj17566_bairro_bairroindustrial_viana.pdf)

segurança, abordando também várias outras situações e demandas dos moradores. Vale ressaltar que essas reportagens foram divulgadas após inundações no bairro.

O primeiro artigo destacou a manchete: 'As opções de lazer são poucas'¹⁵. Uma forma de lazer elencada pelos moradores era se banhar no Rio Formate em época de inundação e, para as crianças, jogar bolinha de gude ou brincando de pique, mas elas também deixaram claro o desejo por uma área com brinquedos. Os jovens se divertem no clube 'Transas e Caretas', onde o som ficava a cargo de um toca-discos.

Em 1984, a prefeitura iniciou a construção de uma quadra de bocha, que estava prestes a ser inaugurada quando as chuvas do final de ano destruíram as obras. Outro lugar de lazer identificado na reportagem era ir à única igreja do bairro, pois, mesmo quando não havia missa, a comunidade realizava celebrações todos os domingos, sendo esse o dia escolhido pelos membros da comunidade para colocar o papo em dia.

A inundação do rio Formate revela as injustiças que podam a esperança dos moradores que vivem às suas margens e nas suas várzeas. A falta de esperança dos ribeirinhos está ligada à retirada do espaço em que vivem, não pela força da natureza, mas pelo sucateamento das vidas periféricas, proveniente do negligenciamento estatal. É nesse contexto que o educador e filósofo Paulo Freire afirma que

O desespero é uma espécie de silêncio, de recusa do mundo, de fuga. No entanto, a desumanização que resulta da "ordem" injusta não deveria ser uma razão da perda da esperança, mas, ao contrário, uma razão de desejar ainda mais, e de procurar sem descanso, restaurar a humanidade esmagada pela injustiça (Freire, 1997, p. 114).

Um outro artigo, com o título 'Ponte sobre o rio Formate não Serve'¹⁶, relata a existência de uma ponte de madeira que liga o Bairro Industrial, em Viana/ES, ao bairro Beira Rio, em Cariacica/ES, cujas cabeceiras foram levadas pela enxurrada da chuva daquela semana. Essa situação aflige os moradores da parte alta do bairro, que também clamam por obras, pois em períodos de chuva prolongada não conseguiam se deslocar nas ruas devido à falta de calçamento e de iluminação pública, causando insegurança nos moradores.

Continuando a exploração do jornal, quando a repórter indicou a manchete 'A verdadeira vocação do bairro é agrícola'¹⁷, com espanto prossegui a leitura. Nessa

¹⁵ Disponível em: essas manchetes pertencem ao mesmo link da nota de rodapé 10.

¹⁶ Essas manchetes pertencem ao mesmo link da nota de rodapé 10.

¹⁷ Essas manchetes pertencem ao mesmo link da nota de rodapé 10.

notícia, havia a indicação de que o bairro, naqueles dias, possuía 1000 habitantes, formados por desempregados ou por operários da indústria Real Café Solúvel. No fim da reportagem, apontou que aqui havia muitas crianças, poucos adolescentes e jovens, mas não indicou a existência de mulheres, embora tenha entrevistado algumas.

Outro relato da repórter indica, em seu ponto vista, que o bairro tinha aparência de vilarejo do interior: “O local mais se parece com um pequeno vilarejo do interior, e nada tem a ver com sua denominação, pois está mais para agrícola do que para industrial”. Diante disso, o pesquisador Reigota (2012, p.85) fala sobre essa relativização que a jornalista fez em seu texto,

A velocidade das profundas mudanças sociais, sobre a velocidade das profundas mudanças sociais, políticas e culturais e ecológicas planetárias das últimas décadas, aliada a uma excessiva quantidade de informações sobre países, culturas, conflitos etc. Nos coloca diante do relativismo do nosso conhecimento por mais (bem) informados que sejamos (Reigota, 1999, p. 85).

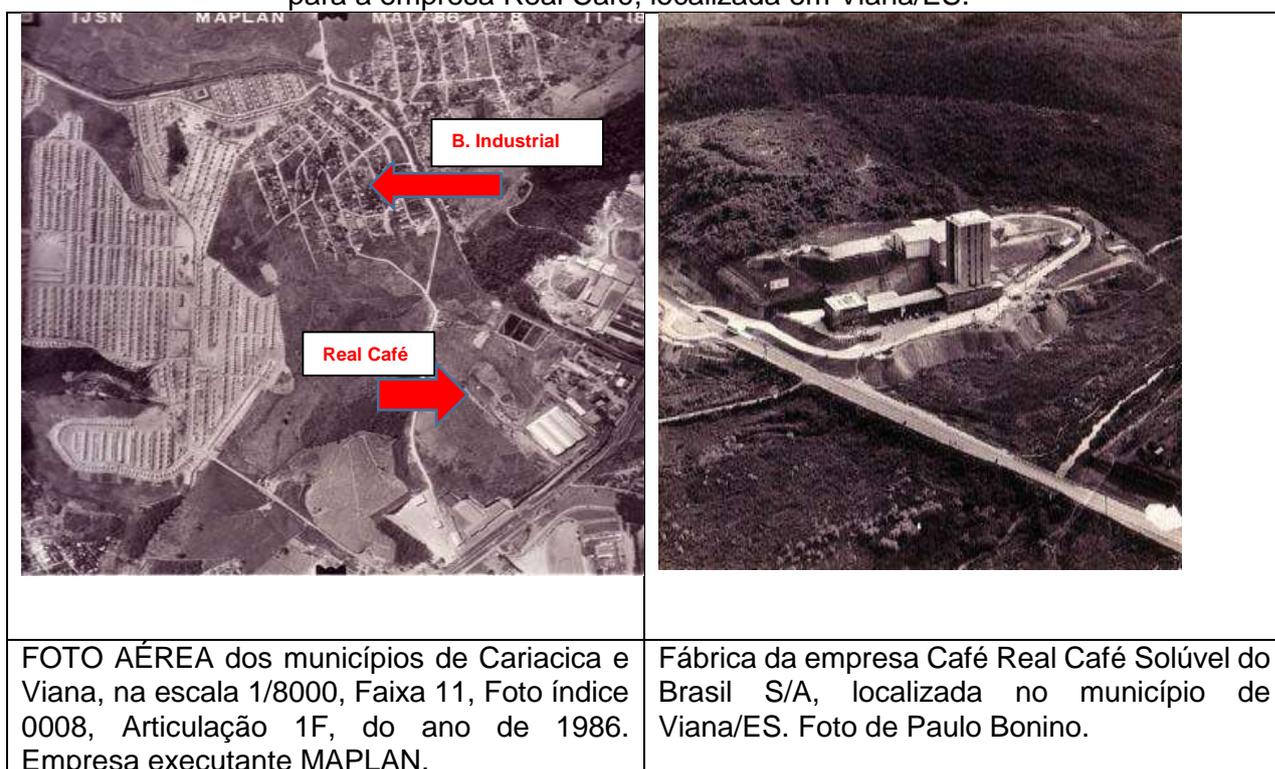
Percebe-se aqui a ação preconceituosa ou sensacionalista que afirma que esse povo não parece estar ou não merece estar vivendo próximo de Vitória. As reportagens anteriormente mencionadas inferiorizam os seus sujeitos, como fazem muitos textos jornalísticos com o povo que vive em comunidades, em ocupações e, no caso em tela, em bairro clandestino que sofre com inundação. A maioria dos moradores não tinha acesso à água tratada e à coleta de esgoto, ficando à mercê da bondade dos vizinhos que viviam nas partes mais altas.

Essa questão reflete a falta de pesquisa sobre o bairro e a sua localização, pois ignora que, na década 1960, o Brasil passava pelo processo de êxodo rural e que o Espírito Santo não ficou fora desse movimento, acarretando o surgimento de bairros periféricos na capital. Esses imigrantes foram atraídos pela oferta de emprego gerada pela indústria da construção civil, que, na época, construía os complexos siderúrgico e metalúrgico do estado. Por isso, o bairro tem pessoas de várias partes do Espírito Santo e de outros estados. É relevante destacar que o bairro também tinha características agrícolas, pois, para sobreviver, muitos moradores do bairro plantavam arroz nas várzeas alagadas pela inundação provocada pelo Rio Formate, mas esse não era o seu foco.

Vale ressaltar que foi nesse período que foram construídos os traçados das BRs 101 e 262, que cortam o município (Siqueira, 2010). Essas estruturas foram

fundamentais para que várias indústrias se instalassem no município, mais precisamente na divisa entre Cariacica e Viana. Entre elas, podemos citar aqui as empresas: Braspérora, Real Café Solúvel, Chocolates Vitória, Massas Villone e Cia Brasileira de Ferro (CBF).

Figura 8 - Fotos aéreas de Viana e de Cariacica, municípios do Espírito Santo - destaque para a empresa Real Café, localizada em Viana/ES.



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves

Ainda sobre o artigo de jornal, fica explícito que em 1985 o Bairro Industrial tinha pouco mais de dez anos e uma infraestrutura precária, o que motivou o surgimento da associação de moradores. Identificam-se também algumas lideranças locais, citando aqui o senhor Natalino Victor. Chama a atenção que a repórter frisa que a comunidade era alheia a reivindicações, mas se uniu para socorrer os atingidos pela última enchente do Rio Formate.

Seguindo a mesma página do jornal A Gazeta, há notícia intitulada 'Problema de água não existe mais', datada de 20 de janeiro de 1985¹⁸. É interessante perceber que a Companhia Espírito-santense de Saneamento (CESAN) já ofertava água tratada ao bairro naquele ano, conforme o relato do morador Francisco Lima. Somado a isso, outra informação importante era que só a parte baixa do Bairro Industrial

¹⁸ Essas manchetes pertencem ao mesmo link da nota de rodapé 10.

possuía tubulação para a coleta de esgoto, mas o esgoto não era tratado e sim despejado em natura no Rio Formate. O pesquisador Vitor de Jesus deixa esse fato explícito em seu texto.

Historicamente, as populações pobres, despossuídas e pertencentes a minorias étnicoraciais têm sido alocadas próximas a instalações de esgoto e lixo e expostas a condições inadequadas de saneamento em virtude de políticas ambientais discriminatórias. Merece destaque o caráter racial desse processo, na medida em que alguns grupos estão mais sujeitos do que outros, revelando que “a desigualdade ambiental tem especificidade racial” (Acsehrad, 2004, p. 31), como denuncia a concepção do racismo ambiental (Jesus, 2020, p. 6).

Os moradores das partes mais elevadas do bairro usam fossas, conforme o relato. Não havia coleta de lixo e alguns moradores o queimavam no fundo dos quintais, enquanto outros lançavam os dejetos no rio. Não ocorria limpeza pública, fato que era desconhecido pelos moradores. O Senhor Francisco narra como foi a última enchente do Rio Formate. Essa enchente chegou ao nível de dois 2 metros no interior do bairro e ele ajudou a socorrer várias famílias. Acredito que, entre essas famílias, uma era minha. Morávamos aos fundos da chácara do senhor Francisco (para nós, o ‘seu chico’). (A Gazeta, 1985).

Essa narrativa demonstra um pouco do cotidiano da época. A chácara do senhor Francisco ficava em uma parte mais elevada da várzea do Rio Formate. Naquele tempo, este jovem pesquisador era muito criança, porém cresci ouvindo essas histórias que hoje posso chamar de histórias narrativas. Nossa casa era a última após a chácara e para a nossa família o período de cheias do rio era de muita aflição, pois minha avó tinha comorbidades, logo, precisávamos de ajuda para socorrê-la.

Outra manchete narrada pelo jornal foi apresentada assim: ‘Condições de ensino ainda estão sofríveis’¹⁹. É possível que a escola descrita nessa reportagem não seja o atual prédio da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Denizart Santos, que já foi ampliado e reformado. No local da primeira edificação da escola funcionou também a Creche Casulo, que foi demolida para a construção da praçinha. No corrente ano do artigo, o nome da escola era Escola 1º Grau Dr. Denizart Santos, que, de acordo com a reportagem, só atendia aos alunos de 1ª à 4ª séries do 1º grau – o atendimento era feito nos três turnos.

Após a conclusão dessas séries iniciais, era necessário deslocar-se para o Bairro Campo Grande, em Cariacica/ES, para continuar os estudos e fazer o ginásial.

¹⁹ Essas manchetes pertencem ao mesmo link da nota de rodapé 10.

Entretanto, essa situação era determinante, pois muitas crianças do bairro não concluíram esse ciclo por falta de condições financeiras. Mesmo quem conseguia se deslocar e estudar em Cariacica/ES encontrava obstáculos quando chovia, pois, os ônibus não entravam no bairro por causa do acesso à BR 262, que se tornava um atoleiro. Além disso, o trajeto era longo e inseguro para as crianças se deslocarem.

Diante de tal realidade ou rebeldia, Freire (2022) vem nos dizer que essa é a realidade, não a que poderia ser. A verdade poderia ser outra, mas para que seja outra os progressistas têm que lutar e reivindicar uma outra realidade. No ano dessa reportagem, havia a reivindicação por uma nova escola, justificada pela alta evasão escolar provocada por esses problemas. Freire (2022, p. 89) continua,

Tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-la como motivação de minha briga porque, histórico, vivo a História como tempo de possibilidades não de determinação. Se a realidade fosse assim porque ter raiva. Meu direito à raiva pressupõe que, na experiência histórica da qual participo, o amanhã não é algo “pré-dado”, mas um desafio, um problema. A minha raiva, minha justa ira, se funda na minha revolta em face da negação do direito de “ser mais” inscrito na natureza dos seres humanos.

A matéria ‘Unidade sanitária é inaugurada este mês’²⁰ afirma que a unidade de saúde do bairro seria inaugurada no fim de janeiro de 1985. Essa unidade já funcionava em salas emprestadas pela escola e os moradores eram atendidos três vezes por semana por um clínico geral. A perspectiva dos moradores era que o novo posto fosse inaugurado logo e que ali houvesse clínico geral, pediatra e ginecologista. Porém, a inauguração aguardava a agenda do prefeito de Viana/ES à época, Demóstenes, e do então governador do Espírito Santo, Gerson Camata. Enquanto isso, a população continuava tendo o seu atendimento nas salas emprestadas pela escola.

Como em qualquer bairro periférico, a população sempre levanta a pauta de segurança. Nesse contexto, a notícia do jornal era: ‘Falta de policiamento é motivo de pilhéria’. O texto narra que no bairro não havia uma delegacia ou a permanência de uma viatura da polícia – e isso não mudou. O comerciante Gerson comentou que o seu estabelecimento era constantemente assaltado. Em seu comentário, ele brincou dizendo que ‘quando passava uma viatura no bairro devia anotar a placa e jogar no

²⁰ Essas manchetes pertencem ao mesmo link da nota de rodapé 10.

bicho' – isso também quase não mudou. Outra parte do artigo fala da ausência de iluminação pública, pois somente a rua principal contava com esse recurso. O restante das ruas ficava na escuridão e isso incluía o trecho de pouco mais de um 1 km que liga o bairro à BR 262.

Consta no último texto do jornal o tópico 'Transporte coletivo só é ruim quando chove'²¹. Nessa época, o bairro tinha uma linha de ônibus que funcionava diariamente e fazia o trajeto passando pela BR 262, que seguia até a capital Vitória. Esse percurso implicava em períodos de chuva em decorrência da falta de pavimentação da via que ligava a localidade à rodovia. Como dito anteriormente, os motoristas não adentravam ao bairro por causa dos atoleiros, o que obrigava muitos que necessitavam do transporte a se deslocarem a pé até a entrada do bairro na BR 262, um trajeto de pouco mais de 1 km com lama.

Nessas narrativas jornalísticas, é perceptível o crescimento desordenado das cidades, associado a um processo de industrialização que não viabiliza o desenvolvimento social da região em que se instalam. Isso gera uma série de problemas socioambientais, como a precarização de moradias, a falta de saneamento básico, o uso indevido do solo e a ocupação de áreas propensas à inundação, sem contar a ausência de serviços essenciais para a população, como Escolas, Postos de Saúde e Transporte Público.

Hoje, aos 42 anos de idade, posso notar as mudanças no espaço da comunidade do Bairro Industrial, mas tais mudanças ainda estão muito aquém do necessário para atender os moradores, principalmente no que se refere às inundações, ao uso indevido do solo e às ocupações das várzeas. O volume de chuvas que escoam para o Rio Formate traz muitos riscos para os moradores. Por isso, no próximo capítulo, aborda-se esses riscos e também outros fatores que contribuem para a elevação do nível dessas inundações.

3 CONTEXTO DAS MARGENS DO RIO FORMATE

A escrita deste capítulo será conduzida pelas reportagens dos jornais A Gazeta e A Tribuna disponibilizadas pela biblioteca do Instituto Jones do Santos Neves (IJNS), pelo jornal eletrônico Século Diário e pelos portais de notícias Folha Vitória e G1/ES. Além disso, utilizou-se relatórios elaborados pelo IJSN, que contribuíram para descrever as ações governamentais projetadas para as margens na área da pesquisa.

²¹ Essas manchetes pertencem ao mesmo link da nota de rodapé 10.

O mergulho no Rio Formate será conduzido por Ailton Krenak (2020; 2022), que com o seu saber ancestral indígena guiará as escritas com as ideias para adiar o fim do mundo. Em continuidade, buscou-se o livro "A Terra dá, a Terra Quer", do escritor quilombola Nego Bispo (Santos, 2023). Essa é uma obra profunda e que explora o conceito de contracolonização, contrastando o modo de vida nos quilombos com o estilo de vida da sociedade colonial. No encontro com Gomes e Reis (2013), se dá o encontro ancestral com o nome Indígena do Rio Formate. O autor Caus (2012) mostra a importância desse rio para a capital capixaba e também apresenta as agressões que o Formate sofreu em suas margens ao longo de seus percursos histórico e econômico. Ferdinand (2022), ajuda a explicar como o apagamento do nome indígena do Rio Formate confirma a pressão colonial sobre os sujeitos e os seus corpos e na natureza e seus recursos. Segundo o autor esse apagamento:

Em primeiro lugar, tal apagamento opera em uma compreensão ambientalista das reservas, a recusa do encontro dos outros, do reconhecimento de suas histórias e de seus lugares, assim como de suas práticas ecumenais. Dessa forma, as reservas são associadas ao duplo processo de expulsão do lugar de vida dos povos autóctones e à invenção de uma nova concepção dessas terras e ecossistemas como "virgens" ou "selvagens". (Ferdinand, 2022, p.126).

Este capítulo, traz também algumas pesquisas que abordaram as margens e o leito do rio Formate. No percurso, foram selecionadas quatro dissertações que tratam de questões sociais, da educação ambiental e da drenagem referente ao rio Formate. Além disso, buscou-se a pesquisa da ecoamiga Edilene Machado dos Santos sobre "Cartografias e Narrativas das Educações Ambientais e Ecológicas Insubmissas nos Cotidianos das Mulheres na Bacia do Rio Formate, Viana (ES)" (2020)²².

Destaca-se também o estudo de Pereira (2012) sobre os sujeitos ribeirinhos ao rio Formate, no qual o pesquisador fala sobre as organizações sociais que surgem nessas margens. Busca-se Santos (2020) para subsidiar e aprofundar esses relatos sobre os grupos sociais vianenses, sobretudo as narrativas das mulheres que constituem esses grupos.

Para narrar as informações contidas nas notícias dos jornais, o uso das narrativas ficcionais do Reigota (1999; 2012). O autor indica o método para enfatizar

²² Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://encontrografia.com/wp-content/uploads/2022/10/ebook_educacoes-ambientais.pdf

como os sujeitos que habitam as margens do rio Formate se manifestam nos seus cotidianos, sobretudo em suas perspectivas de uma Educação Ambiental Política.

A educação Ambiental como educação política está comprometida com a ampliação da cidadania, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos e das cidadãs na busca de soluções e alternativas que permitam a convivência digna e voltada para o bem comum (Reigota, 1999, p.13).

Figura 9 - Fotografias das margens do rio Formate



Fonte: Acervo pessoal

Essas fotografias em conjunto (Figura 9) têm a intencionalidade de apresentar as travessias cotidianas que os sujeitos que estão nas margens do Rio Formate enfrentam. É nesse espaço que os sujeitos dos bairros Operário (BO) e Industrial (BI) fazem as suas confluências (Santos, 2023), a fim de ampliar a opção de linhas de ônibus, de acessar serviços de saúde pública e de ir à escola.

Essas fotos foram escolhidas como afirmação da ação comunitária, pois elas destacam 'a ponte do cano verde', um ponto referencial para a população local. Anteriormente, essa ponte era de madeira (Figura 10), construída em conjunto pelas comunidades dos dois bairros que a chamam vulgarmente de 'pinguela'. O cano verde, que foi duplicado recentemente, pertence à CESAN. O local que serve de trampolim para mergulhos no rio em épocas de enchentes.

Figura 10 - Ponte de madeira sobre o rio Formate - pinguela



Fonte: A Gazeta (1984).

Cruzar as margens do Rio Formate, de ontem e de hoje, não significa observar grandes mudanças em seu espaço. Nesses mais de cinquenta anos de existência do Bairro Industrial, no qual se compartilham as narrativas sobre o bairro e o rio, não são observadas iniciativas ou melhora desse território. Quando tentam melhorar, nunca é para recompor a sua 'naturalidade'.

Entre os anos de 2020 e 2024, ocorreu a retirada de moradores das margens do rio que pertencem ao município de Cariacica/ES. Contudo, às margens de Viana/ES, somente foram retiradas algumas árvores. É importante destacar que essas narrativas, centradas no Bairro Industrial, entrelaçam-se em alguns momentos com as histórias do bairro vizinho do município de Cariacica/ES (Figura 10).

Figura 11 - Palafitas do Rio Formate



Fonte: IJSN (2009).

Figura 12 - Desocupação dos moradores em 2023



Fonte: Acervo Pessoal.

A retirada das palafitas que ficavam às margens do rio teve um aspecto positivo, referente à 'limpeza', pois sugere a 'segurança' da redução dos alagamentos. Nesse contexto, o imortal Krenak (2020) narra o coma que o Rio Watú está enfrentando após o crime de Mariana em 2015. Na perspectiva desse autor, o rio Formate também está em coma, por causa da ocupação desordenada de suas margens e do lançamento de esgoto sem o tratamento correto. Esse coma se agrava por não reconhecermos o rio

como uma entidade e a importância de seu recurso. Por isso, o ambientalista e filósofo brasileiro Ailton Krenak descreve como a humanidade age frente ao meio ambiente.

Essa humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul e transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos Terra. (Krenak, 2020a p. 47).

Figura 13 - A garça nas margens do rio Formate



Fonte: Acervo pessoal.

Ailton Krenak, por meio dessas palavras, nos evoca a um reencontro ancestral, que nos faz questionar a forma de integração que temos com o ambiente que nos cerca. Além disso, nos provoca a buscar o significado imaterial que existe nesse ambiente. É esse significado que possibilita o reencontro entre sujeito e o ambiente natural. Por isso, apresenta-se neste estudo o nome indígena do Rio Formate para compor o compromisso com uma educação ambiental antirracista.

Com o propósito de resgatar e de difundir as narrativas e as histórias de vida sobre o rio, este pesquisador desejava encontrar o nome indígena do Rio Formate.

Ao ler o livro de Ailton Krenak, vendo as suas palavras ao referir-se ao Rio Doce, a atribuição do seu nome originário, Watú, questionou o porquê de não saber o nome indígena do rio que é seu vizinho. Durante as pesquisas, buscando em acervo particular deparou-se com livros sobre o Espírito Santo, descobrindo a resposta para este questionamento.

Segundo Gomes e Reis (2013), ao versar sobre a fazenda Itapoca, em Viana em 1597, margeando o Rio Tacoarê, teve o nome corrompido para Tacoarê ou Taquari ou Itaquari. Já no século XX, esse rio passa a se chamar Formate, devido às confluências de vários córregos a montante na região de Duas Bocas, que deixam o leito do Formate mais robusto na localidade de Formate, em Viana/ES. Por isso, o rio passa a receber esse nome, Formate, fazendo assim o limite entre Cariacica e Viana.

Pode-se afirmar que a troca do nome originário Tacoarê por seu nome dado pelos invasores europeus, Formate, foi mais uma marca do apagamento histórico feito pelos colonizadores. A relação com os corpos-em-perda, narrativas que foram roubadas do Tacoarê, e com as suas histórias que deixaram de ser contadas traz uma morte silenciosa, que foi iniciada pela troca do seu nome. Ferdinand (2022, p. 101) nos diz que

A diversidade cultural do mundo e a pluralidade das histórias são apagadas em proveito de uma cena que conta apenas o número de “corpos-em-perda a salvar”. Os embarcados confundem-se em um todo homogêneo e singular, verdadeiro espelho da totalidade da Terra.

Portanto, ao seguir com essa escrita, será agregado o Tacoarê ao nome Formate. Pretende-se demarcar a importância e a influência que os povos originários têm sobre os locais, além disso, resgatar e apontar o nome dos rios, dos morros e dos lugares onde os indígenas habitavam. Buscou-se narrar a sua influência diretamente sobre a maneira de pensar, principalmente sobre a Educação Ambiental, considerando assim a diversidade existente em nossos trabalhos no Grupo de Pesquisa Território de Aprendizagens Autopoiéticas (CNPq).²³

Após essas considerações, descreve-se brevemente o Rio Formate/Tacoarê. Conforme documentos recuperados do acervo do Instituto Jones dos Santos Neves, o Rio Formate/Tacoarê tem sua nascente nas proximidades da reserva Biológica de

²³ http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf

Duas Bocas²⁴, contando com uma área de 101 km² de extensão. O documento ainda ressalta que

A nascente do Rio Formate localiza-se nas proximidades da Reserva Florestal de Duas Bocas, onde escoar em sentido predominantemente Norte-Sul percorrendo uma extensão de mais de 6,2 km até as proximidades da localidade homônima, no sopé oeste da Serra Pé de Urubu. A partir daí, passa a escoar por outros 12,0 km, aproximadamente, em sentido predominantemente Oeste-Leste até a área urbana de Cariacica, nas proximidades do Morro do Pico. A partir deste ponto, o Rio Formate passa a escoar pela zona urbana da cidade em sentido predominante Noroeste-Sudeste até desaguar no Rio Marinho, perfazendo uma extensão total de escoamento, desde sua nascente, de cerca de 30 km (IJSN, 2009, p.23).

Figura 14 - Morro do Pico.



Fonte: Acervo pessoal.

Como diz a gíria atual, sou 'cria' do Bairro Industrial e, durante 42 anos de vida, juntamente com os outros moradores, sempre referi a esse relevo como 'Morro da Mariazinha,' localizado no Bairro Operário, em Cariacica/ES. Esse local era tido como de risco, pois essa senhora tinha envolvimento com o tráfico de drogas. Ao deparar com texto da citação, percebeu-se que o Morro do Pico é o morro que vejo todos os

24 https://iema.es.gov.br/REBIO_Duas_Bocas

dias da janela da minha casa e que o Rio Formate/Tacoarê tem uma margem estreita em seu pé. Além disso, o Bairro Industrial ocupa as suas várzeas na parte vianense.

Os principais afluentes que compõem o Rio Formate/Tacoarê são o Córrego Roda d'água, o Córrego Trincheira, o Córrego Jequitibá e o Córrego Montanha. Todos esses córregos situam-se a montante do Rio Formate/Tacoarê e estão localizados no município de Cariacica/ES, ou seja, na margem esquerda do rio. Mais a jusante estão os córregos Areinha e Tanque na margem direita do rio, na porção Vianense. Destaca-se então que o Rio Formate/Tacoarê é o limite físico entre os municípios de Viana e de Cariacica.

3.1 A DESNATURALIZAÇÃO DO RIO FORMATE /TACOARÊ

A desnaturalização do Rio Formate/Tacoarê inicia-se com a construção do canal de Camboapina, por volta dos anos 1719. Segundo o pesquisador Heribaldo Lopes Balestrero (2012ab), esse foi o primeiro canal artificial construído no Brasil, ligando o rio Jucu à Baía de Vitória. O pesquisador Caus (2012) afirma que essa foi a primeira obra de transposição de um rio e que a construção desse canal retirou o Rio Formate/Tacoarê de seu curso natural, que era do tributário do Rio Jucu, passando a tributar para o Rio Marinho. Além da obra de transposição, o rio também teve as suas margens e várzeas desmatadas e ocupadas pelo cultivo de mandioca e de cana-de-açúcar (Balestrero, 2012a).

Nesse contexto, o rio fica até o início do século XX sem intervenções aparentes. Contudo, esse fato mudou no ano de 1908, com a construção de uma barragem para a captação de água para abastecer Vitória/ES. Essa barragem foi construída na localidade de Formate, em Viana/ES.

Figura 15 - Barragem no Rio Formate/Tacoarê



Fonte: Caus (2012).

Caus (2012) ainda descreve mais uma das desnaturalizações no Rio Formate/Tacoarê e essa sobrepõe à edificação do canal construído no século XVII. Segundo o autor,

Uma situação diz respeito às cheias vindas do Jucu, via canal Neves, que causaram alagamentos da captação e transbordamento do canal Marinho. Três manilhas foram colocadas, em 1965, a jusante do corte executado pelos jesuítas na ligação entre os rios Formate e o Marinho. Elas funcionam como limitador de vazão, não permitindo enchentes do Formate no Marinho. Este serviço foi coordenado pelo engenheiro Henrique Kale Junior. Ele também atuou, em 1965, no barramento de pedras para laminação no Rio Jucu, a jusante do início da Vala Neves, e no “by pass” do Córrego Campo Grande para o Marinho, em 1970 (Caus, 2012, p. 143).

A obra de instalação de manilhas na ligação entre o Rio Formate/Tacoarê e o Marinho prejudica o escoamento entre os dois rios, causando inundações mais severas a montante do Rio Formate/Tacoarê. Isso vai se agravar com o crescimento urbano desordenado nas margens desse rio, sinalizando para a gravidade do coma do Rio Formate/Tacoarê.

Em 1961, foi construída uma pequena barragem no Rio Formate/Tacoarê para o abastecimento das instalações da Braspérola Indústria e Comércio na margem cariaticuense. Anos depois, segundo relato do senhor Waldir Saar (“Dade”), que mora no Bairro Industrial há aproximadamente 50 anos, essa barragem foi destruída pela

iniciativa do então prefeito de Cariacica, Vasco Álvares, que contou com o apoio dos moradores dos Bairros Industrial e Operário.

Como mencionado no capítulo anterior, o crescimento industrial da atual Região Metropolitana de Vitória provocou o surgimento e o crescimento desordenado de bairros na periferia da capital capixaba. O Bairro Industrial e outros bairros que margeiam o Rio Formate/Tacoarê não foram planejados, muitos são loteamentos clandestinos. A existência desses bairros infelizmente configura-se como uma agressão ao rio, porém assim como o rio, os moradores também são vítimas da demência estatal. Essa busca pela modernidade acaba também com as referências ancestrais das pessoas – outra agressão ao meio ambiente.

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos (Krenak, 2020a, p.14).

Descrever os ataques sofridos pelo Rio Formate/Tacoarê, que o fizeram estar em coma, não decretam a sua morte, tendo vista que esse coma é reversível, a utilização do remédio correto faz a diferença. Entre esses remédios que se ministra, está a aplicação de conhecimento, veremos adiante que o Rio Formate/Tacoarê vem servindo de ambiente de pesquisa para vários trabalhos acadêmicos.

Outro tratamento apresentado está ligado a perspectiva de uma educação ambiental política (Reigota, 1999), focada na realidade dos sujeitos que habitam esse ambiente. Por isso as pesquisas com os cotidianos são importantes para conhecer e compartilhar esses ambientes, para não incluir esses sujeitos no grupo que agride o rio, e sim levar em conta que esse sujeito sofre com as agressões que este rio vem recebendo.

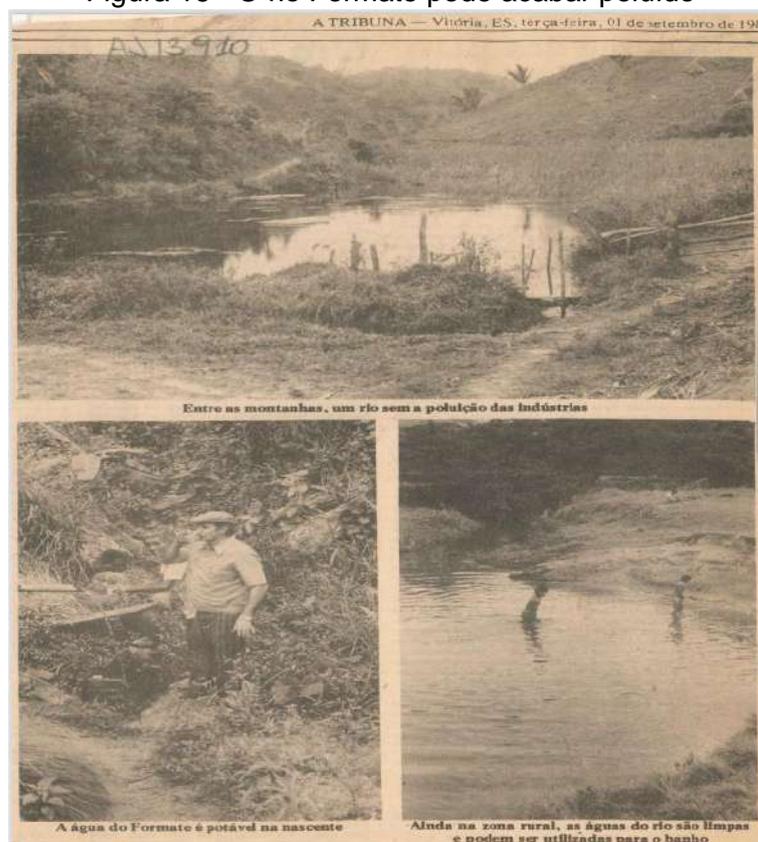
Sendo assim, o coma Do Rio Formate/Tacoarê não é definitivo, este coma, mostra a necessidade e a urgência de tratamento que este pede, embora em coma, o Rio Formate/Tacoarê serve de refugio para aves, reptéis e mamíferos. Sua “saúde” requer cuidados, porém mesmo em coma o espírito que habita essas águas, não deixa que as criaturas que ali habitam, fiquem sem sustento e abrigo.

3.2. UM RIO EM COMA

A transformação de um rio, uma montanha ou uma floresta, que desconsidera suas características naturais, reflete um processo de exploração que, apesar de suas raízes coloniais, ainda persiste sob a disfarce de “desenvolvimento”. No entanto, essa prática ignora a participação e o conhecimento das comunidades locais, representando uma ameaça tanto ao meio ambiente quanto à vida humana. É o que ocorre com o Rio Formate/Tacoarê: as suas margens sofrem com todo tipo de agressão, desde lixo e entulho até a desocupação e falta limpeza.

O Jornal A Tribuna de 1º de setembro de 1981 traz um alerta sobre o Rio Formate/Tacoarê: ‘O Rio Formate/Tacoarê pode Acabar se a Poluição não For Controlada’²⁵. Em seu artigo, o repórter Ademir Ramos afirma que o fim do rio Formate/Tacoarê está a uns 10 quilômetros da sua nascente. Pode-se afirmar que não é o fim, mas usou-se esse artigo para somar à definição de Krenak (2020; 2022), quando se refere a um rio que está em coma.

Figura 16 - O rio Formate pode acabar poluído



Fonte: A tribuna (1981).

²⁵ Disponível em: [Chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160701_aj13910_rioformate.pdf](http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160701_aj13910_rioformate.pdf)

O artigo descreve a região que fica a montante do Bairro Industrial. A reportagem apresenta a região de Alegre, em Cariacica/ES, sendo possuidora de uma natureza intacta, mas sabemos que o simples fato da existência humana nesse local demonstra o contrário. Esse lugar fica nas proximidades da reserva de Duas Bocas, onde se localiza a nascente do Rio Formate/Tacoarê e de vários outros córregos e mananciais. Os moradores sinalizam a existência de mamíferos de grande porte nas proximidades do rio e de um grande número de árvores de madeira de lei.

Os moradores da região de Alegre próximos à nascente do Rio Formate/Tacoarê narram a sua relação com a natureza do lugar e sobretudo como conservam o córrego que flui para o rio, mas inconscientemente não se percebem como invasores nesse ambiente e que interferem com nele, sendo o seu impacto somado ao que acontece, mas abaixo no rio.

Me instiga a possibilidade de alguns desses corpos d'água sobreviverem a nós sem sofrer as humilhações e fraturas a que outros foram sujeitos. Pois, é preciso dizer, esses rios que invoco aqui estão sendo mutilados: cada um deles tem seu corpo lanhado por algum dano, seja pelo garimpo, pela mineração, pela apropriação indevida da paisagem. Eu acho engraçado que tem gente que aceita com naturalidade considerar um rio sagrado desde que ele esteja lá na Índia, e saiba de cor que ele se chama Ganges, enquanto ousa saquear o corpo do rio ao lado, cujo nome desconhece, para fazer resfriamento de ciclos industriais e outros absurdos (Krenak, 2022b, p.20).

A população de Alegre deixa claro que a água do Rio Formate/Tacoarê é potável e se banham em seu leite. É comum os moradores da região irem fazer compras a jusante desse corpo d'água. A reportagem não deixa claro se essas compras são feitas no Bairro Beira Rio, em Cariacica/ES, ou no Bairro Industrial, em Viana/ES, mas o morador que fez as suas compras aponta que a poluição do rio fica mais intensa nas proximidades do bairro Beira Rio.

Além disso, os moradores se preocupam com a poluição do Rio Formate/Tacoarê, pois a sua localidade tem a natureza 'conservada', o que não vem sendo mantido nas porções mais abaixo no rio. Esses moradores relatam ainda a poluição causada pela antiga empresa Braspérola, que se localizava à margem direita do Rio Formate/Tacoarê, em Cariacica/ES, e da empresa Real Café Solúvel, que está situada à margem esquerda do rio, em Viana/ES.

Quando despersonalizam o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações

e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos. (Krenak, 2020a, p. 49-50).

Os efluentes dessas duas empresas, uma de fabricação de linho e a outra se beneficiando do café, deixam o rio com as águas escuras, que não podem ser utilizadas para beber e nem para o lazer. A situação só piora no trajeto até o Rio Formate/Tacoarê ao encontrar com o Rio Marinho. Além disso, o Rio Formate/Tacoarê já recebeu o esgoto dos Bairros Operário e Industrial sem tratamento antes de chegar nas indústrias citadas.

As narrativas dos moradores de Alegre indicam como as margens do Rio Formate/Tacoarê eram agredidas pela industrialização, pelo crescimento urbano nas margens do rio e pela falta de uma legislação. A população sempre teve preocupação com a saúde do Rio Formate/Tacoarê, mas o crescimento industrial que ocorreu em suas margens provocou o crescimento desordenado dos bairros que o margeiam. Nesse percurso, não são percebidas ações governamentais para a redução desses impactos da industrialização e do crescimento dos bairros. Com isso, o Rio Formate/Tacoarê teve o seu processo de coma acelerado, por causa do esgoto sem tratamento que recebia.

3.3 O RIO FORMATE CONTINUA RESISTINDO AO COMA

A reportagem do Jornal A gazeta de 13 junho de 2005 mostra o Rio Formate/Tacoarê alagando novamente as suas margens. No artigo “Rio Formate transborda e traz transtornos a Cariacica e Viana”²⁶, há o relato de outra madrugada de chuvas, dessa vez fora do verão. Em pleno outono, o rio teve forças para alagar as margens. Essa enchente confirma as tendências de eventos atmosféricos extremos causados pelo aquecimento global, somados ao coma pelo qual o Rio Formate/Tacoarê está passando. Por esse motivo, a avenida Antônio Freire, no Bairro Industrial, foi inundada, novamente desalojando moradores e causando a perda de móveis e de eletrodomésticos. Alguns relatos apontam como causa dessa inundação fora de época a existência de uma barragem construída para a captação de água no rio, para atender à Braspérola. Tal barragem já não existia mais nessa época, todavia

²⁶Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160701_aj13907_rios_rioformate.pdf

as manilhas que limitam as inundações do Rio Formate/Tacoarê de confluir com o Rio Marinho contribuem para que as inundações se asseverem.

Figura 17 - Rio Formate transborda e traz transtornos



Fonte: A Gazeta (2005).

Observando a narrativa, percebe-se que existe um conflito com capital industrial, que oprime o sujeito. O sujeito que reside na palafita na margem do rio é desumanizado por uma intervenção no corpo d'água que piora ainda mais a inundação. Nesse sentido, Paulo Freire sinaliza que

É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que esse assalto desumanizante continue (Freire, 2017a, p. 109).

Esse recorte do Jornal A Tribuna do dia 23 de março de 2010, a matéria "Esgoto Lançado No Rio Formate" aborda o conflito entre a comunidade local e a empresa CESAN. Moradores acusam a empresa de contribuir para a poluição do Rio Formate/Tacoarê, alegando que o esgoto é descartado sem tratamento adequado. Em resposta, a CESAN afirma que realiza seus serviços de forma correta, mencionando a atuação da estação de tratamento situada no bairro Marcílio de Noronha. Essa localidade é conhecida por 'penicão', onde os moradores são estigmatizados por morar nas proximidades com a estação de tratamento de esgoto,

convivendo com o mau cheiro e o preconceito dos que moram mais afastados. Mesmo fora do Bairro Industrial, muitos de seus moradores são atendidos pela escola e o posto de saúde, logo, as comunidades têm as mesmas necessidades e carências. Sendo assim, a poluição do Rio Formate/Tacoarê é um elo que liga os seus moradores. Nesse ponto, Jesus (2020, p.4) aponta para às formas que o racismo ambiental pode ser percebido,

[...]. Esse tipo de racismo pode ser verificado tanto no acesso ao poder quanto na dimensão material, sendo esta a de maior interesse aqui, que pressupõe a ausência reiterada do Estado, em alguns casos, e/ou a indisponibilidade ou limitação ao acesso a direitos fundamentais, serviços e políticas de qualidades.

No artigo, o morador Antônio Francisco Pacheco indica que a estação de tratamento existente no bairro lança esgoto sem tratamento adequado no rio, o que deixa a água do rio com mau cheiro. A empresa, por sua vez, defende que a estação faz o seu papel, informando que são os moradores que lançam o esgoto sem tratamento no rio, pois não fazem a ligação adequada na rede.

A CESAN diz receber verba para o reflorestamento e a execução de dragagem do rio. Não se vê o reflorestamento sendo executado pela empresa e a drenagem é extremamente prejudicial para o curso do Rio Formate/Tacoarê, embora seja bem visto pelos moradores. Contudo, nenhuma das ações foram executadas nesse período. O morador que fez a denúncia reitera que essas ações não são o suficiente para a recuperação do Rio Formate/Tacoarê.

A página eletrônica do jornal Século Diário do dia 21 de novembro de 2012 traz uma informação que promete transformações nas margens do rio Formate: 'Dia internacional do Rio Formate'²⁷ celebra obras aguardadas há uma década'. Nessa ocasião, foram celebrados os acordos que anunciaram as obras que as comunidades tanto almejam. O projeto pretende controlar as inundações ribeirinhas, a remoção de moradores das margens do Rio Formate/Tacoarê e a construção de parques lineares nas áreas desocupadas.

As propostas dessas obras sempre são apresentadas de maneira verticalizada, como forma de inovação e de avanço social. A superficialidade com que são apresentadas leva a comunidade a crer na solução do problema, mas na verdade essa

²⁷ Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/meio-ambiente/dia-intermunicipal-do-rio-formate-celebra-obras-aguardadas-ha-uma-decada#:~:text=A%20previs%C3%A3o%20de%20conclus%C3%A3o%20%C3%A9%20o%20pr%C3%B3ximo%20dia%2031%20de%20outubro.>

solução não atende à qualidade de vida como um todo. Omitem da comunidade que talvez aquela obra de visibilidade política não resolva a problemática ambiental do lugar, amortizando a sensação de vulnerabilidade ambiental a qual a comunidade está exposta. Dialogando com Nego Bispo, o sentido da existência de um Estado ruim,

Não existe governo bom para Estado ruim. Assim como não existe motorista bom para carro ruim, ou maquinista bom para trem ruim. Qualquer governo que governar este Estado será um governo colonialista, porque o Estado é colonialista. Quem anda numa bicicleta é ciclista, mas quem anda num carro é motorista, é chofer. Ser colonialista é como ser adestrador de bois. Qualquer governo de um Estado colonialista será um governo colonialista. É preciso contracolonizar a estrutura organizativa (Santos, 2023, p.47).

Diante do que foi exposto, percebeu-se uma política contínua que não atende às necessidades dos sujeitos. Suas propostas continuam na direção de obras de visão política e não de soluções de problemas sociais e ambientais. Infelizmente, as propostas são comemoradas pelo cidadão, que continuam a sofrer nas margens de rios e de várzeas que alagam.

3.4 O RIO FORMATE AINDA SOFRE, A COR E O CHEIRO DAS ÁGUAS DO RIO FORMATE, A ESPERANÇA NAS MÃOS DAS CRIANÇAS, UM DIA PARA O RIO FORMATE?

Figura 18 - Poluição causa morte de peixes no Rio Formate



Fonte: A Gazeta (2014).

O jornal A Gazeta de 22 de outubro de 2014 divulgou o texto 'Poluição causa morte de peixes no Rio Formate'²⁸. O Rio Formate/Tacoarê corta três municípios da

²⁸Disponível em: chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161005_aj14327_rioformate_vianaes.pdf

Grande Vitória e está pedindo socorro. O lançamento de lixo e de esgoto é constante, gerando um processo de eutrofização, que retira o oxigênio da água, causando a morte de peixes. A agência estadual de recursos hídricos informou que será executado um plano de recuperação do Rio Formate/Tacoarê. Recentemente a prefeitura de Viana/ES notificou nove estabelecimentos por despejo de poluentes no rio.

No site G1 Espírito Santo, em matéria exibida no dia 13 de março de 2017, os moradores ribeirinhos do Rio Formate/Tacoarê relatam que a situação da cor e do cheiro da água está extremamente desagradável, afirmando que o rio está piorando quanto ao seu estado de coma. A narrativa que o site traz confirma essa piora visual. A seguir, a opinião da moradora Eliane Ramos:

"Tem uns cinco anos que eu moro aqui. Vim para cá em 2011 e o rio não estava nessa situação. Estava até mais agradável, mas hoje em dia pelas informações que eu tenho conhecimento tem que ser pelo menos 90% da água tratada para ser jogado nos mananciais e pelo que eu vi não é isso ", disse.²⁹

A moradora completa;

"Você vê garças, pato e quando a água vem muito suja, os peixinhos começam a pular para tentar conseguir água"³⁰

Figura 19 – Marreco nas águas poluídas do Rio Formate



Fonte: Imagem adaptada G1 Espírito Santo (2017).

Outro morador, o senhor Alfredo Alves de Paula, comenta sobre o ambiente do rio:

"Existia peixe, a gente pescava ali. Cansei de pegar peixe ali. Hoje, você não consegue pegar mais nada. A água vinha limpinha lá de cima"³¹

²⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/03/agua-do-rio-formate-muda-de-cor-e-preocupa-moradores-de-viana-es.html>

³⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/03/agua-do-rio-formate-muda-de-cor-e-preocupa-moradores-de-viana-es.html>

³¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2017/03/agua-do-rio-formate-muda-de-cor-e-preocupa-moradores-de-viana-es.html>

Percebendo uma governabilidade ineficiente quanto às questões ambientais, o jornal online Folha Vitória, no dia 15 de março de 2023³², questiona o porquê da retirada das árvores que margeiam o Rio Formate/Tacoarê. Segundo essa agência de mídia, o motivo são as obras de macrodrenagem visando reduzir os impactos das inundações que o rio provoca. A retirada de árvores é apoiada por normativas governamentais, como a compensação do replantio de mudas, sem indicar o local dessa compensação.

Figura 20 - Retiradas de Árvores das margens do Rio Formate próximas à BR 101



Fonte: Folha Vitória (2023).

Além disso, foi prometido um parque linear, que vai margear o Rio Formate/Tacoarê, com ciclovias, campos de futebol e calçadão. As obras iniciais previstas são o alargamento e o desassoreamento do Rio Formate/Tacoarê, além da retirada dos moradores das margens de Cariacica/ES. O município de Viana/ES, até o presente momento, não sinalizou nenhum tipo de ação nesse sentido.

Em 3 de junho de 2023, a manchete do jornal online Século Diário aponta para o 'Dia Internacional do Rio Formate celebra obras aguardadas há uma Década'. No

³² Disponível em: <https://www.folhavoria.com.br/geral/noticia/03/2023/corte-arvore-rio-formate-obra-cariacica-viana>

ano de 2020, foram retidas cento e vinte famílias que residiam na margem cariaticuense do Rio Formate/Tacoarê. Essas pessoas foram instaladas no conjunto habitacional Apolônio de Carvalho, projeto iniciado pelo prefeito Helder Salomão.

Figura 21 – Demolição do sobrado da Lanchonete



Fonte: Acervo do Líder comunitário Valdinei Delfino Lima (Russão).

Figura 22 - Ponte do Cano Verde



Fonte: Acervo Pessoal (2024).

Após a retirada das famílias, elas foram realojadas em condomínio construído para esse fim, atendendo aos moradores cariaticuenses. Na Figura 22, o poste de transmissão de energia é a referência que marca o lugar onde era o pequeno sobrado que se localizava ali.

O mais marcante na paisagem da Figura 22 não é o fato da retirada das moradias, mas sim a existência da vegetação que margeia o Rio Formate/Tacoarê. Ao observar a Figura 22, nota-se o contrário: o local do sobrado e as árvores que ali estavam foram suprimidas. Hoje, essas margens que foram desocupadas são marcas da ineficiência governamental. A paisagem do rio, que antes era ocupada por pés de ingá e castanheiras, atualmente está sendo ocupada por capim colonião e uma planta chamada vulgarmente por fedegoso.

Na margem vianense em Marcílio de Noronha, o governo prevê a retirada da Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) e uma obra de limpeza e de ampliação da calha do Rio Formate/Tacoarê. Tal previsão agrada a população do Bairro Industrial, que espera que essa obra diminua as inundações. Ao todo, serão 15 Km de obras no

curso do rio, com o investimento de onze milhões de reais. Serão construídos um reservatório de amortecimento para enchentes e um parque linear, além da realização da limpeza e a retificação do leito do rio – o que é um desastre. A obra ainda vai beneficiar os bairros de Cariacica/ES e de Viana/ES, entre eles está o Bairro Industrial.

Infelizmente, essa paisagem agradou parte dos moradores que é atingida pelas enchentes do Rio Formate/Tacoarê. A destruição é muito evidente, causada por um rio que durante décadas vem sofrendo com a falta de cuidado do Estado.

Esse trecho da Figura 22 possuía pés de ingá. Outras mudas de árvores plantadas por estudantes da escola Dr. Denizart Santos foram todas extraídas sem consulta. Nesse momento, a obra já atravessou a ponte da BR 101, que liga Cariacica/ES a Viana/ES. Só resta esperar que as estruturas prometidas sejam construídas em tempo hábil, para que essa agressão feita contra o Rio Formate/Tacoarê não seja em vão.

Figura 23 - Visita de políticos à obra do Rio Formate



Fonte: Acervo pessoal (2023).

Figura 24 - Leito do Rio Formate, ao fundo Monte Mochuara



Fonte: Acervo Pessoal (2024).

Observa-se que são poucas as mudanças na paisagem após a institucionalização do Dia Internacional do Rio Formate/Tacoarê. A modificação mais incipiente na paisagem do Rio Formate/Tacoarê foi a presença dos políticos e assessores na apresentação da obra de retificação e de desassoreamento do rio, no dia 17 de março de 2023. Após um ano dessa apresentação, o rio não recebeu as obras prometidas, que quando instaladas ficaram em área propensa à inundação. O que vemos em loco no dia 13 de maio 2024 é a ocupação das margens e do leito do rio por vegetação, que não podemos considerar ainda como regeneração ou recuperação da área.

O Rio Formate/Tacoarê ainda resiste ao coma, está tudo documentado pela imprensa. As reportagens descrevem os vetores que ocasional o coma do desse rio, evidenciando a falta de políticas que assegurem a regeneração desse ambiente, na verdade configura ainda mais a inexistência de políticas ambientais, que conduzam

ao meio ambiente saudável, e que essas mesmas políticas ambientais, permitam a dignidade das populações ribeirinhas.

Esse rio simboliza todo tipo de ingerência ambiental que se pode perceber. O Estado ainda ignora que, embora o Rio Formate/Tacoarê seja um rio urbano, isso não impede a sua conservação, para garantir essa conservação, como base no que é visto nas notícias, são necessárias iniciativas que ultrapassem a desobstrução do rio. É necessário que os governantes nas várias instancias do Estado, garanta para os cidadãos um espaço digno de moradia, próximo dos empregos e com construções seguras fora das áreas de risco de alagamento e geológico.

De certo que é mais fácil utilizar as margens do Rio Formate/Tacoarê como vitrine para os governos estadual e municipal do que promover políticas sociais e ambientais que atuem de forma conjunta.

O fato é que o rio continuará resistindo ao coma, por isso é necessário persistir em se aprofundar nesse tema, dialogando cada vez mais com os habitantes ribeirinhos e das várzeas. E com base nesses diálogos constituir práticas de educação ambiental, focadas na cidadania e na liberdade dos sujeitos de habitar os espaços, sem que sofram nos períodos de chuvas intensas, sobretudo nas que viram nos próximos anos, em que o aquecimento global se configura como uma realidade através dos seus efeitos.

3.5 RIO FORMATE/TACOARÊ E AS SUAS INFLUÊNCIAS COTIDIANAS

Percebe-se que o Rio Formate/Tacoarê é uma entidade, um parente, um ser que mesmo em coma continua influenciando os cotidianos nas margens. O Rio Formate/Tacoarê demarca a sua influência sobre os que habitam em suas margens, apresentando o seu alcance sobre as várzeas em época de cheia, a sua capacidade de prover a vida em seu leito quando presenciamos as aves pescando.

Infelizmente, o Rio Formate/Tacoarê adoeceu por causa das intervenções que sofreu e vem sofrendo, não conseguindo mais contribuir com a vida humana em grande parte de seu percurso, mas mesmo em coma ainda o faz. Ailton Krenak retrata bem essa relação quando fala dos parentes que vivem na fronteira com o Peru:

Nossos parentes que vivem ali na fronteira do Peru com a Colômbia moram em aldeias flutuantes, construídas em plataformas sobre as águas. É uma gente que precisa da água viva, dos espíritos da água presentes, da poesia que ela proporciona à vida e, por isso, são chamados de povos das águas. A maioria das pessoas pensa que só

se vive em terra firme e não imagina que tem uma parte da humanidade que encontra nas águas a completude da sua existência, de sua cultura, de sua economia e experiência de pertencer (Krenak, 2022b, p.17).

Figura 25 - Voo da Garça



Acervo Pessoal (2024).

Como morador das várzeas do Rio Formate/Tacoarê, ao tecer com os mesmos fios³³ dos movimentos que os sujeitos que vivem às margens do Rio Formate/Tacoarê, experimento os espaços que conheço. Conforme salienta Firmino (2014),

Aqui começamos a nos movimentar, literalmente, na direção da proposta da oficina: experimentar o espaço já conhecido (da Faculdade de Educação) de outras formas e produzir uma outra Geografia para aquilo que até então nos é tão familiar (Firmino, 2014, p.80).

Observando o sobrevoar das garças do Rio Formate/Tacoarê, percebe-se o seu olhar sobre a comunidade, os sujeitos e os seus cotidianos nessas margens e como esses indivíduos percebem o rio que os atravessa de várias formas.

Nesse sobrevoar sobre o Rio Formate/Tacoarê, em ordem cronológica, far-se-á uma breve apresentação de dissertações que falam sobre o rio e os seus sujeitos, podendo assim afirmar que um grupo de indivíduos percebeu a sua importância e a influência que provoca em suas margens.

³³ Disponível em: [Ribeiro, Marcia.](#)

https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_15462_01%20Vers%E3o%20final%20da%20disserta%E7%E3o.pdf

O Rio Formate/Tacoarê vem atraindo na última década o olhar de pesquisadores. Pode-se afirmar que essas pesquisas não são somente identificações científicas com rio. É possível perceber que essa relação é atravessada pelo convívio nas suas margens. Esse relacionamento gera perguntas que só o Rio Formate/Tacoarê e os sujeitos que habitam as suas margens têm a resposta.

A primeira pesquisa sobre as margens ou os que margeiam o Rio Formate/Tacoarê foi realizada por Ernandes de Oliveira Pereira³⁴ e orientado pela Prof.^a Dr.^a Gisele Girardi³⁵, intitulada como 'O Olhar Humanista Cultural sobre as percepções e representações dos povos ribeirinhos do Formate' defendida em 2011, com o objetivo de compreender como viviam os moradores que margeiam o rio por meio de narrativas.

Nessa pesquisa, Pereira (2011) discute a complexidade e a imprevisibilidade do mundo vivido pelos moradores ribeirinhos, enfatizando que o espaço não é apenas um cenário de eventos, mas um espaço vivencial. O autor foca na compreensão dos lugares vividos pelos povos ribeirinhos do Formate, explorando as suas percepções e representações a partir de narrativas dos moradores.

A análise segue os princípios da geografia humanista cultural e da fenomenologia, buscando entender as suas visões de mundo. A cada enchente do rio, sentimentos de medo, de espaciosidade e de esperança emergem. Duas visões de mundo são identificadas: a dos moradores ribeirinhos e a dos representantes ambientais, ambas baseadas no senso comum das experiências cotidianas. O texto defende que a geografia humanista cultural complementa outras perspectivas, oferecendo ferramentas para abordar a diversidade do mundo (Pereira, 2011).

A segunda dissertação tem o título 'Cartografias e Narrativas das Educações Ambientais e Ecológicas Insubmissas nos Cotidianos das Mulheres da Bacia do Rio Formate, Viana (ES) defendida em 2020. Escrita por Edilene Machado Dos Santos³⁶

³⁴ Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia, do Centro Ciências Humanas e Naturais (CCHN), da Universidade Federal do Espírito Santo. Requisito para a obtenção do grau de mestre em Geografia. Área de Concentração: Natureza, técnica e Território. Linha de Pesquisa: Dinâmicas da natureza e transformações dos territórios.

³⁵ Professora titular no Departamento de Geografia e vinculada ao Programa de Pós-graduação Mestrado e Doutorado em Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo.

³⁶ Trabalho de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

e orientada pelo Prof. Dr. Soler Gonzalez.³⁷ Nessa pesquisa, Santos (2020) tem a intenção de problematizar, mediante registros, as práticas de educação ambiental, partindo das biografias e das narrativas dos moradores e das *escrevivências* de mulheres de movimentos sociais do município de Viana/ES.

Em seu estudo, Santos (2020) explorou e mapeou práticas pedagógicas realizadas por comunidades e movimentos sociais em Viana/ES, com foco nas mulheres militantes e nos moradores do bairro Marcílio de Noronha. Seu objetivo foi problematizar e documentar práticas ambientais e relações afetivas, ecológicas, políticas e pedagógicas em defesa do rio Formate, utilizando narrativas e experiências pessoais. Esse estudo valoriza a voz de grupos historicamente oprimidos, promovendo a convivência baseada na solidariedade e na transformação local.

A dissertação 'Abordagem Temática para o Ensino de Biologia: o Rio Formate como espaço para abordar botânica e ecologia', realizada pela pesquisadora Ana Paula Dutra dos Santos Sampaio³⁸ defendida em 2021, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Pires Campos³⁹, trouxe a aplicação de uma Sequência Didática, abordando o ensino de Botânica e de Ecologia por meio de aulas de campo nas margens do Rio Formate.

Sampaio (2021) investigou o ensino de Biologia focando em Botânica e em Ecologia por meio da Abordagem Temática Freiriana. Utiliza uma Sequência Didática (SD) e uma aula de campo no Rio Formate para promover a autonomia e o protagonismo dos estudantes, incentivando a ressignificação e a apropriação dos conceitos de Botânica e de Ecologia. Seu objetivo foi desenvolver a consciência ambiental e a compreensão da interdependência entre ser humano e ambiente.

O pesquisador, Carlos dos Santos apresentou a dissertação com o título *Bacia de drenagem do rio Formate: contribuições geográficas sobre os impactos da ação*

³⁷ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pós-Doutorado em Educação pelo PPGEduc da Unirio/RJ. Professor Adjunto do Departamento de Educação, Política e Sociedade do Centro de Educação (UFES). Professor permanente do Programa de pós-graduação do mestrado profissional em Educação (PPGME/UFES). Líder do Grupo de Pesquisa Territórios de aprendizagens autopoieticas CNPq. Coordenador do projeto de ensino, pesquisa e extensão Narradores da maré.

³⁸ Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática do Instituto Federal do Espírito Santo.

³⁹ Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, nos níveis mestrado e doutorado, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Campus Vila Velha.

antrópica⁴⁰ defendida em 2022, orientado pelo Prof. Dr. André Luiz Nascentes Coelho⁴¹. Nessa pesquisa, o autor objetivou relacionar os problemas socioambientais ligados à ocupação e à urbanização da bacia de drenagem do Rio Formate, percebendo grandes transformações em seu ambiente natural.

Em sua pesquisa, Santos (2022) observou que o padrão de urbanização em áreas ambientalmente frágeis, como rios e córregos, é um dos principais fatores para problemas socioambientais, como inundações que desabrigam pessoas anualmente. Seu trabalho investigou os problemas socioambientais na bacia de drenagem e nas margens do Rio Formate em três períodos (1990, 2000 e 2010). Constatou que o impacto ambiental na bacia do Rio Formate, como a quase inexistência de vida aquática devido à poluição, é exacerbado pela urbanização desordenada, alterando a morfologia do canal e aumentando a frequência das inundações.

No sobrevoo realizado, foi possível notar que esses trabalhos nos mostram várias intersecções. De forma geral, estão ligados ao ambiente natural/transformado do rio e às suas relações com os sujeitos que habitam as suas margens. Sendo assim, alcançou o que indica Reigota sobre as perspectivas políticas que originam e possibilitam que a Educação Ambiental se torne plural,

Penso que é chegado o momento em que precisamos nos aprofundar no histórico cultural, ecológico, pedagógico e político de cada sociedade e/ou comunidade, instituições escolares, grupos e movimentos sociais para esboçarmos as diferentes origens, pressupostos, bases teóricas e perspectivas políticas que originaram e possibilitaram que a Educação Ambiental se tornasse múltipla e plural (Reigota, 2012, p.504).

Falar do Bairro Industrial e de seus cotidianos escolares e histórias de vida não é possível sem ir até as narrativas que percorrem as margens do Formate/Tacoarê. Porém, desejo ligar a Educação Ambiental à educação Política, que segundo Reigota (2009) está comprometida com a cidadania, a liberdade, a autonomia e a intervenção direta dos cidadãos e das cidadãs na busca por soluções e alternativas que permitam a convivência digna para todos e todas.

Seguindo essas “linhas”, confirma-se o comprometimento com a importância de ouvir os sujeitos que narram as suas histórias, que são as referências para a prática

⁴⁰ Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo, em nível de Mestrado.

⁴¹ É professor Associado da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no Departamento e Programa de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado e Doutorado). Líder do Grupo de Pesquisa Inclusão em Geotecnologias.

de uma Educação Ambiental mais próxima dos indivíduos que compartilham os seus espaços cotidianos. Assim, percebeu-se como esses sujeitos habitam o bairro e se relacionam com o rio, por isso a importância de conviver nos espaços com eles. De acordo com o pensamento de Freire,

Nesse caso, falar a, que, na perspectiva democrática é um possível momento do falar com, nem sequer é ensaiado. A desconsideração total pela formação integral do ser humano, a sua redução a puro treino fortalecem a maneira autoritária de falar de cima para baixo a que falta, por isso mesmo, a intenção de sua democratização no falar com. Avaliação em que se estimule o falar a como caminho do falar com (Freire, 2017b, p. 113).

O filósofo e educador complementa dizendo,

No processo da fala e da escuta a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um “sine qua” da comunicação dialógica (Freire, 2017b, p. 114).

É sobre esse processo de fala que outros trabalhos sobre o Rio Formate/Tacoarê já trouxeram reflexões muito importantes, tendo em vista que a participação dos sujeitos e as suas narrativas contribuem para o entendimento dos espaços que são compartilhados. Narrar nesse espaço, sensibiliza quanto aos fatos pesquisados e narrados. Espera-se que os sujeitos sejam ativos. Nesse sentido, esses trabalhos já trazem resultados que apontam para a existência e a colaboração de movimentos sociais que atuam nas margens do Rio Formate/Tacoarê. Pereira (2011), por exemplo, reflete sobre a organização de movimentos populares,

A primeira relacionada ao modo de ver dos moradores atingidos pelos efeitos das enchentes, de forma direta ou indireta, e a outra pelas visões de mundo daqueles que integram os movimentos populares que emergiram a partir dessa crise ambiental e humana. Qualquer intervenção externa, com o intuito de mudar a realidade das frequentes inundações do rio Formate, dos seus impactos e da vida de seus moradores, deve levar em consideração essas vozes (Pereira, 2011, p.102).

Pereira (2011), traz em sua dissertação um dado apresentado por membros da Associação Intermunicipal Ambiental em Defesa do Rio Formate e seus Afluentes (ASIARFA), indicando que os habitantes ribeirinhos contribuem com a poluição do rio. No início da associação, os moradores desdenharam da intenção do movimento, mas quando as cheias do Rio Formate/Tacoarê se intensificaram, logo houve uma mudança dessa ótica.

Essa mudança de ótica foi muito importante, pois levou ao fortalecimento dos movimentos sociais no município de Viana/ES, ampliando o poder de reivindicação

popular e a sua diversificação. Em 2009, surge o Coletivo Formate. Segundo Santos (2020), o Coletivo Formate é inaugurado com a intenção de pensar políticas públicas para a juventude atreladas às educações ambientais.

O Coletivo Formate é um exemplo dessa mudança de paradigmas que podem influenciar nas práticas Educativas e na Educação Ambiental que se desenvolvem junto às comunidades ribeirinhas. Esse tipo de movimento contribui com o engajamento social, que conjuntamente com outros sujeitos desse lugar constroem mudanças consideráveis na sociedade. Santos (2020) apresenta essa força dos movimentos sociais existente no município de Viana/ES e em suas formas de atuar.

Além disso, esses movimentos organizam audiências públicas, atos públicos, palestras, atividades esportivas para área infanto-juvenil, oficinas educativas nas escolas e aula de artesanato. Também ofertam cursos profissionalizantes e outras atividades nas suas comunidades. Essas ações são realizadas pela Femopovi, Asiarfa, Coletivo Formate, Movimento de Pequenos Agricultores (MPA), Associação Cultural Esportiva Ecológica Raízes da Natureza Vanderlei Karate (AceeranVankate), Movimentos Comunitários, Associação de Catadores de Materiais Reciclados do Município de Viana (Ascamavi) e o grupo Artesanarte (Santos, 2020, p 42).

Esses trabalhos são relevantes para a nossa pesquisa, pois descrevem a importância dos sujeitos que vivem às margens do Rio Formate/Tacoarê, indicando a necessidade de se ouvir esses sujeitos, conversar com quem habita ali, buscando as confluências (Santos, 2023) que existem nesses diálogos – assim como o diálogo que existe entre as dissertações de Pereira (2011) e de Santos (2020). Para Santos (2020), as práticas políticas, pedagógicas e ecológicas, sobretudo aquelas insubmissas, emergem das ecologias feministas das margens do Rio Formate.

Acreditando que é possível “Adiar o fim do Mundo”, seguindo o que postula Reigota (2012) no que tange a um Educação Ambiental Política, nota-se que existe a percepção de que o Rio Formate/Tacoarê precisa ser resgatado do coma, pois ao contrário do que se imaginava também é possível afirmar que os sujeitos que habitam as suas margens se identificam com eles. Os moradores percebem que o rio precisa de cuidados, isso é visível nas reportagens que foram apresentadas. Todavia, esses moradores não possuem as ferramentas políticas necessárias para deixarem de ser meros observadores das ações do Estado e conseguirem expor melhor as suas intenções quanto ao espaço que habitam.

Como assim resgatar o rio? Em primeiro lugar, seria uma tarefa hercúlea resgatar o Rio Formate/Tacoarê da sua condição de coma, tendo em vista que há mais de um século sua natureza como rio vem sendo atacada. Primeiro pelo colonialismo, que nas mãos dos Jesuítas utilizando a monocultura de cana-de-açúcar nas margens desse rio, nesse mesmo período mutilarão o rio construindo canais para escoar essa produção.

Transitando rapidamente por esse período histórico, pensando na transformação do espaço, percebeu-se que a segunda metade do século XX, foi muito cruel, com Rio Formate/Tacoarê, o crescimento urbano desordenado, fez com que suas margens fossem ocupadas, o surgimento de bairros nas usa margens, também trouxe o esgoto sem tratamento, e o crescimento industrial desse período acelerou o processo de desnaturalização desse corpo hídrico.

Logo, resgatar a natureza do Rio Formate/Tacoarê seria uma tentativa ingênua, que faria perpetuar promessas políticas utilizando uma pesquisa acadêmica. Todavia, resgatar a visibilidade desse rio, é mostrar que, as transformações do espaço geográfico, que ocorreram em suas margens, não retiram a responsabilidade de promover políticas que despulam este rio. Por isso, defende-se a noção de resgate da visibilidade, afim de recompor a visão, ou a memória de um rio limpo, onde água era potável, permitindo o consumo e o lazer.

Apresentou-se neste capítulo como abordagem metodológica alguns recortes de jornais recuperados no IJSN para apresentar o Bairro Industrial e as narrativas sobre o Rio Formate/Tacoarê. Todavia, para especificar melhor a intencionalidade de apresentação desses recortes, pretende-se, no próximo tópico, utilizar as narrativas dos sujeitos que vivem às margens do Rio Formate /Tacoarê e da EMEF Dr. Denizart Santos.

Neste capítulo, a abordagem fica entorno da EMEF Dr. Denizart Santos, debatendo os seus cotidianos e compartilhando esses *espaçostempos*. Para isso, buscou-se a professora Nilda Alves e as suas pesquisas dos/nos/com os cotidianos escolares. Segundo Nilda Alves (2002),

Os trabalhos que se preocupam com o cotidiano da escola e com os diferentes modos culturais aí presentes partem, então, da ideia de que é neste processo que aprendemos e ensinamos a ler, a escrever, a contar, a colocar questões ao mundo que nos cerca, à natureza, à maneira como homens/mulheres se relacionam entre si e com ela, a poetizar a vida, a amar o Outro (Alves, 2002, p. 66).

Retomando em alguns momentos os temas geradores, seguindo o compromisso com o pensamento freireano de uma investigação daquilo que chama de universo temático do povo/sujeito. Com Marcos Reigota, entrelaçar esses cotidianos com a Educação Ambiental, como formação política e cidadã dos sujeitos. Para esse autor,

Na ampliação da cidadania, para além de seus aspectos normativos e de participação vigiada, partimos do princípio de que todo ato político e pedagógico é possível de ser desconstruído e reconstruído cotidianamente, pelos sujeitos que se reconhecem como cidadãos e cidadãs em ambientes, onde os limites geográficos, ecológicos e imposições políticas e sociais de controle das vozes dissonantes, já não fazem (se é que algum dia fizeram) nenhum sentido. Se esse movimento de ampliação da cidadania ocorre no ambiente escolar, e dados empíricos indicam que sim, poderemos repensar a dimensão política da escola e as suas configurações contemporâneas. Podemos mais, podemos produzir conhecimentos, conceitos e teorias radicais, pertinentes e, principalmente, descolonizadas (Reigota, 2010, p.5).

Em Passos, Kastrup e Escóssia, cartografar as narrativas sobre esses cotidianos seguindo como aprendiz, cultivando a posição de estar compartilhando o espaço de pesquisa, “a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos e não na representação de objetos” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p.53).

Com o auxílio do trabalho de Raphael da Silva Gama (2022), que traz em sua pesquisa a análise do Bairro José de Anchieta, no município de Serra/ES, destaca-se o enfrentamento contra o racismo ambiental por meio das narrativas ficcionais dos estudantes e moradores desse bairro.

Antes de se aprofundar no campo de pesquisa, serão apresentados alguns dados quanto à educação do município de Viana/ES, a partir do Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE)⁴². Viana/ES possui 28 unidades escolares, nas quais estão matriculados 10.190 estudantes. Sua taxa de escolaridade de 6 a 14 anos é de 94,8% em 2010. O município conta com 598 professores em sua rede. Seu resultado no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) em 2021 no ensino fundamental anos iniciais é 6,0 e, nos anos finais, 4,6.

Todavia, vale destacar que nesse ano o mundo passou pela pandemia da covid-19 e que ainda se sente seus efeitos. A rede de ensino municipal de Viana/ES conseguiu atender aos estudantes, superando dificuldades sanitárias, sociais e tecnológicas. Em seu trabalho, Gama (2022) fala sobre a escalada pandêmica no Brasil, que acentuou as desigualdades sociais. O autor descreve o projeto necropolítico do governo vigente da época e afirmou que a educação forma sujeitos atuantes em seus espaços.

A pesquisa de Gama (2022) não é uma referência sobre os reflexos da pandemia nos estabelecimentos educacionais do Espírito Santo, mas o momento no qual ele se insere traduz um pouco como foram os cotidianos escolares nos anos da covid-19. A pandemia evidenciou a falta de acesso à tecnologia que muitos estudantes da periferia vivenciam diariamente. Esse fato foi percebido em toda a Grande Vitória, não sendo diferente no município de Viana/ES.

Gama (2022), em suas inconclusões, gerou algumas reflexões sobre os anos de pandemia que atingiu a escola, trazendo verbos que podem guiar os estudantes e educadores: esperar, lutar, existir e re-existir, amar, batalhar. Essas são ações necessárias para que, de forma retórica, Gama (2022) respondeu em suas inconclusões.

Tristezas pairavam sobre a comunidade e a escola durante esses dois anos de pesquisa. Quantas pessoas se foram pela COVID-19? Quantas famílias não puderam dar adeus ao seu familiar? Quantos alunos e alunas tiveram que aprender a conviver sem alguém, devido à omissão de um governo que pratica a necropolítica? (Gama, 2022, p.111).

A forma como a rede de educação do município de Viana/ES lidou com o período de pandemia foi notícia em jornais online. O Jornal Correio Capixaba⁴³ em 22 de setembro de 2022 noticiou: Viana/ES mantém a maior nota do Ideb da Grande Vitória, justifica a sua manchete. O município alcançou as maiores notas em 2018 e

⁴²Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/viana/panorama>

⁴³ Disponível em: <https://ccnewsbrasil.com/publicacao/viana-mantem-a-maior-nota-do-ideb-da-grande-vitoria-1663851358>

em 2019, mantendo o melhor ensino da região metropolitana mesmo durante a pandemia da covid-19, nos anos 2020 e 2021.

Em 21 de setembro de 2022 o site Tribuna Online⁴⁴, noticiou que Viana/ES recebeu a maior nota do Índice de Desenvolvimento da Educação da Grande Vitória, nota 6. Completa a notícia que as escolas contam com acesso à tecnologia, havendo mais de mil computadores e vinte laboratórios móveis. Mais de cinco milhões de reais foram investidos em tecnologia de ensino-aprendizagem, além da entrega de materiais escolares e de uniformes.

Figura 26- Escola Municipal de Viana em período de pandemia da Covid-19



Fonte: Secom/PMViana.

Além dos investimentos executados pela prefeitura, percebe-se que existe um projeto educacional para as escolas e a formação dos professores. No site da Secretaria municipal de Educação de Viana⁴⁵, há mais de vinte projetos, programas e políticas educativas. A secretaria de educação se preocupa com as práticas de Educação Ambiental em suas formações. Podemos elencar as seguintes ações, dispostas na tabela: Seminário de Educação Ambiental com a participação das Bandas Escolares; Ginástica Rítmica e Troca de Experiências; Implantação e implementação da horta sustentável na SEMEI e nas escolas; Visita Monitorada realizada no Parque Municipal Rota das Garças; Implantação do Programa Educacional de Formação Agentes Sustentáveis (PROEFAS); Palestras sobre

⁴⁴ Disponível em: <https://tribunaonline.com.br/cidades/viana-recebe-maior-nota-do-indice-de-educacao-162016?home=esp%C3%ADrito+santo>

⁴⁵ Disponível em: <https://viana.es.gov.br/pagina/ler/153/projetos-programas-e-politicas-educativas>

saneamento básico CESAN; Realização dos concursos sobre o Meio Ambiente nas unidades de ensino; Concursos de Frases, Desenhos e Fotografias que contemplam todos os níveis e modalidades. No ano 2024 a Semed de Viana, passou a ser ofertado curso de Educação das Relações Étnico-Raciais⁴⁶, ministrado pela ecoamiga Edilene Machado dos Santos.

Auxiliados por esses dados municipais, retoma-se o campo/comunidade, a EMEF Dr. Denizart Santos. Para isso, descrevê-la inicialmente a partir dos dados do seu IDEB. Segundo o site qedu.org⁴⁷, a EMEF Dr. Denizart Santos, em 2021, obteve nota 5,9 nos anos iniciais e 5,5 nos anos finais, nota próxima do resultado municipal. Matriculados por etapa nos anos iniciais, a escola possui 270 estudantes, e, nos anos finais, 243 discentes. 36 estudantes dessa escola estão matriculados na educação especial. Em 2023, a escola possuía 39 professores, conforme os dados apresentados no site.

Vale ressaltar que a Prova Brasil e o seu questionário geram os dados do Ideb. Esse tipo de avaliação em larga escala (Guedes, 2018), na verdade, apenas gera mais dados para a administração pública. Obedecendo aos parâmetros neoliberais que regem o poder público por meio de estatísticas engessadas, as escolas são submetidas a esse cenário como forma regulatória para a distribuição de verba e de prêmios.

A avaliação de sistemas educacionais efetiva-se em larga escala, de forma externa à escola, e tem como finalidade principal averiguar a equidade e a eficiência dos sistemas nos processos de ensino e de aprendizagem, e, a partir dos seus resultados, subsidiar os órgãos formuladores das políticas nas tomadas de decisões voltadas à gestão. Ou seja, o Estado é o avaliador e os professores, os alunos e as escolas como um todo são os avaliados (Guedes, 2018, p.24).

Embora estejam destacados nos parágrafos anteriores os resultados do Ideb, afirmamos aqui a experiência como professor, conhecendo o trabalho dos docentes da EMEF Dr. Denizart Santos, o seu empenho diante de suas práticas pedagógicas: é perceptível que suas ações não se fixam somente nos resultados dessas avaliações em larga escala.

Por isso, esta pesquisa segue a perspectiva freiriana de avaliação: o sujeito avalia o seu ambiente de forma autônoma. Sem a intenção de avaliar o outro, esse

⁴⁶ Disponível em: [Página inicial | Plataforma Formação \(viana.es.gov.br\)](http://viana.es.gov.br)

⁴⁷ Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/32037678-emef-dr-denizart-santos>

fato reflete também as práticas pedagógicas que se desenvolvem nos cotidianos escolares. Quando ensina, é pertinente ser avaliado.

Os sistemas de avaliação pedagógica de alunos e de professores vêm se assumindo cada vez mais como discursos verticais, de cima para baixo, mas insistindo em passar por democráticos. A questão que se coloca a nós, enquanto professores e alunos críticos e amorosos da liberdade, não é, naturalmente, ficar contra a avaliação, de resto necessária, mas resistir aos métodos silenciadores com que ela vem sendo às vezes realizada. A questão que se coloca a nós é lutar em favor da compreensão e da prática da avaliação enquanto instrumento de apreciação do que fazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação. Avaliação em que se estimule o falar a como caminho do falar com (Freire, 2017, p.113).

Por isso, que o contexto esperado por esta pesquisa, onde seja possível se deparar com as narrativas que serão construídas pelos estudantes no seio da escola, percebendo a educação como prática de liberdade, formadora de sujeitos, em que a educação permita o protagonismo dos estudantes.

4.1 COTIDIANOS DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DR. DENIZART SANTOS, O ENCONTRO COM OS 5º ANOS E A OFICINA DE ENVELOPES NARRATIVOS

No capítulo 3, entre as narrativas sobre o Bairro Industrial, o jornal A gazeta de 1985 apresenta a manchete “Condições de ensino ainda estão sofríveis”⁴⁸. Essa reportagem foi mencionada no capítulo anterior, exibindo como o Bairro Industrial carecia de infraestrutura pública e como essa ausência do Estado contribuía para aprofundar a pobreza nessa localidade. A falta de uma escola de qualidade e de infraestrutura escolar era apenas um dos problemas enfrentados pela comunidade do Bairro Industrial. Segundo Vitor de Jesus em sua pesquisa de doutorado “Coisas Negras no Quarto de Despejo: Saneando subjetividades, corpos e espaços”⁴⁹, esses contextos de falta de serviços essenciais também trazem consigo uma questão de coloração de pele.

Um contexto marcado pela super-representação em condições de pobreza e indignidade, além do negligenciamento no direito a serviços prestados adequadamente, as chances de sobrevivência e a uma vida digna, na medida em que os corpos e povos negros vivem sendo devastados pela pobreza e por doenças evitáveis, quando nascer e

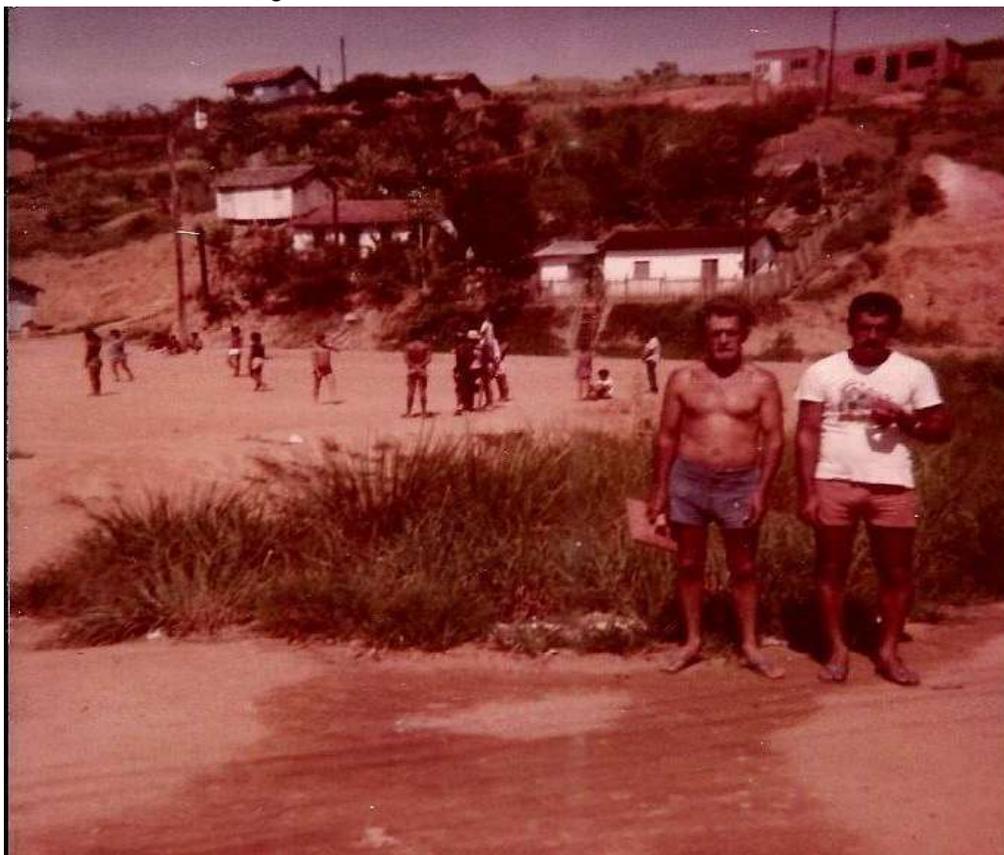
⁴⁸ Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20170120_aj17566_bairro_bairroindustrial_viana.pdf

⁴⁹ Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_16781_Tese%20-%20Vers%20-%20final%20-%20O%20racismo%20mata%21.pdf

morrer tornam-se “direitos que variam de acordo com a coloração da pele” (Jesus, 2017, p.106).

Essa mesma notícia que marca a falta dessas estruturas e as suas consequências para a comunidade também apresenta que a etapa mais antiga da escola estava em fase final de construção.

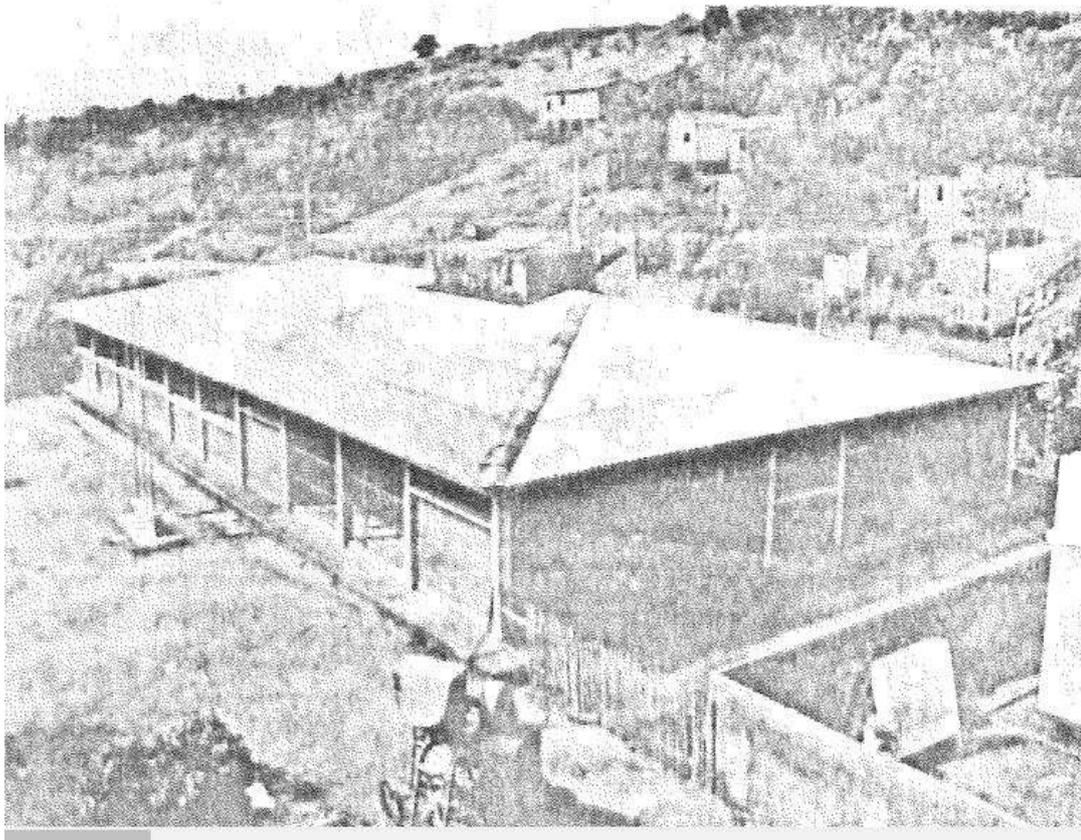
Figura 27 - Local onde será a Escola.



Fonte: Acervo pessoal (João Fernandes Zamite (avô), Guanair Fernandes Zamite (pai) in memoriam).

Esse terreno onde as crianças brincam na Figura 27 é o local no qual foi construída a EMEF Dr. Denizart Santo. Provavelmente essa fotografia foi registrada entre os anos 1983 e 1984, levando em consideração o ano da reportagem citada e a época em que a escola já estava funcionando, cedendo umas de suas salas para o atendimento do posto de saúde.

Figura 28 - Construção da EMEF Dr. Denizart Santos



Fonte: A Gazeta (1985).

Observando as duas imagens apresentadas anteriormente, é possível perceber as mesmas casas localizadas na parte alta do bairro. A EMEF Dr. Denizart Santos transformou profundamente a paisagem do Bairro Industrial, posicionada em uma localização centralizada conforme a distribuição das ruas da região, sendo um ponto de referência para todos os que por ali transitam.

Até esse ponto, fica perceptível que não há separação entre o modo de habitar de quem escreve e os cotidianos do Bairro Industrial. Afinal, habitar o local de pesquisa é uma prerrogativa metodológica desta pesquisa.

Habitar um território existencial, diferente da aplicação da teoria ou da execução de um planejamento metodológico prescritivo, é acolher e ser acolhido na diferença que se expressa entre os termos da relação: sujeito e objeto, pesquisador e pesquisado, eu e mundo (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p.149).

Por isso, é possível que em alguns momentos as narrativas se entrelacem, pois, durante essas buscas percebeu-se que o Rio Formate/Tacoarê cruza os cotidianos da EMEF Dr. Denizart Santos e da comunidade do Bairro Industrial.

Durante todo o trajeto desta pesquisa, utilizou-se referencial teórico como instrumento para a compreensão dessa cartografia (Passos; Kastrup e Escóssia, 2009), sem querer executar um sobrevoo nesse espaço, compartilhamos como

sujeitos desses espaços, com a intencionalidade daquele que conhece no mundo a ser conhecido.

Nesse sentido, o conhecimento ou, mais especificamente, o trabalho da pesquisa se faz pelo engajamento daquele que conhece no mundo a ser conhecido. É preciso, então, considerar que o trabalho da cartografia não pode se fazer como sobrevoo conceitual sobre a realidade investigada. Diferentemente, é sempre pelo compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009).

Para retornar a compartilhar desses *espaçostempos*, em contato com o diretor Fabricio do Nascimento, da EMEF Dr. Denizart Santos, solicitou uma autorização junto a Semed (Secretaria de Educação do Município de Viana), para assim voltar a compartilhar desse território, agora como estudante do mestrado profissional em educação, compartilhando desse território como aprendiz-cartógrafo (Passos; Kastrup; Escóssia. 2009).

O aprendiz-cartógrafo, numa abertura engajada e afetiva ao território existencial, penetra esse campo numa perspectiva de composição e conjugação de forças. Constrói-se o conhecimento com e não sobre o campo pesquisado. Estar ao lado sem medo de perder tempo, se permitindo encontrar o que não se procurava ou mesmo ser encontrado pelo acontecimento (Passos; Kastrup; Escóssia. 2009, p.137).

Nesse aprendizado como aprendiz-cartógrafo, utilizou-se os diários de campo, fundamentais para a observação e a interação com o campo de pesquisa. Por meio deles, tem-se a intenção de tecer as relações que permitem narrar os cotidianos e as suas confluências (Santos, 2023) com as ecologias que surgiram da relação entre estudantes, professores, moradores e o Rio Formate/Tacoarê, que se entende aqui como um sujeito dessa pesquisa. Segundo Passos; Kastrup e Escóssia (2009, p. 174),

[...] O diário de campo se apresenta como um desvio metodológico, quando uma alteração da política de pesquisa se impõe a partir das viagens de investigação para outros continentes.

Nesse sentido, por habitar o Bairro Industrial, por ter estudado na EMEF Dr. Denizart Santos e por margear o Rio Formate, foi possível ser estrangeiro ao atravessar esse território, como afirmam Passos; Kastrup e Escóssia (2009) com a sensação de estar investigando outro continente, sendo isso perceptível em todas as conversas e leituras que envolvem os sujeitos desta pesquisa.

A elaboração dos diários de campo tem como inspiração o livro “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus. O relato de Carolina se mantém atual e ainda

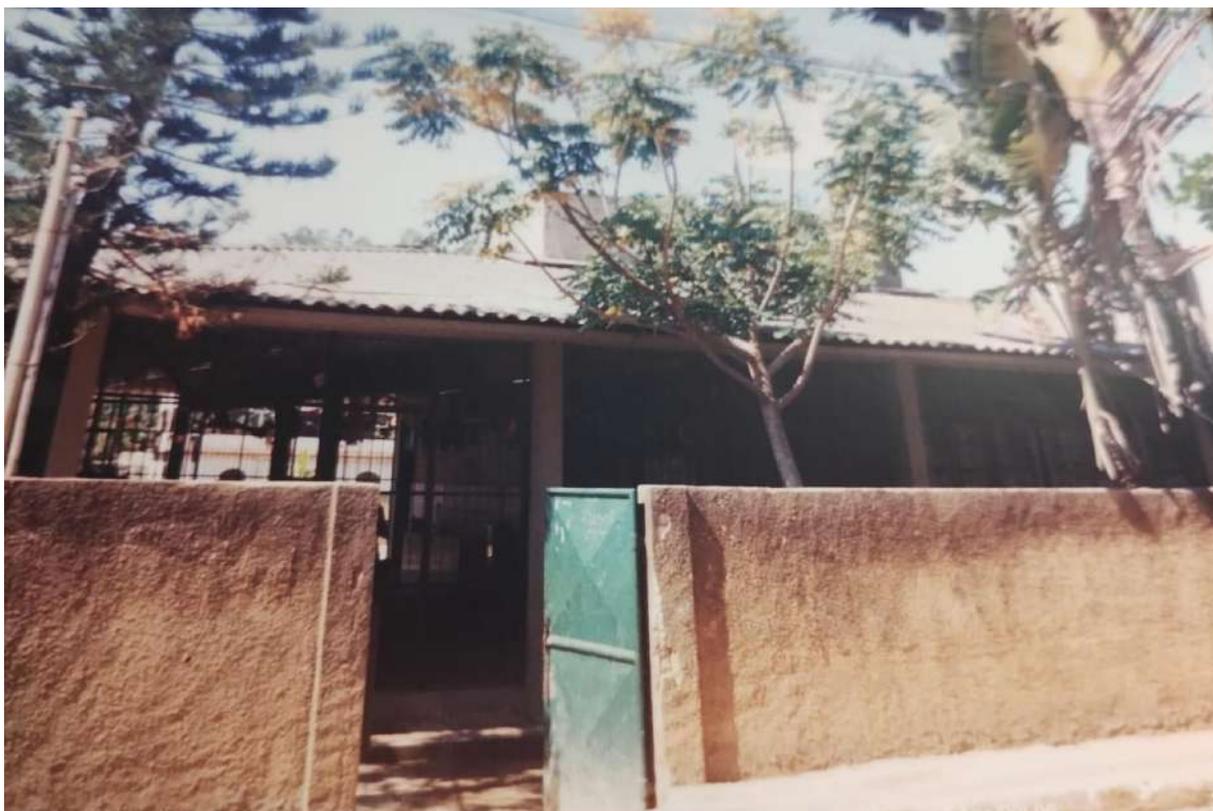
é possível notar em outros relatos a certificação de que a periferia continua a sofrer com o abandono do Estado – situação denominada como Racismo Ambiental (Jesus, 2017). Muito antes dos estadunidenses conceituarem o tema, Carolina Maria de Jesus já deixava marcado o racismo ambiental na sua escrita diária sobre o território que morava.

Como aprendiz-cartógrafo, vamos traduzir os nossos diários em cenas para acompanhar os cotidianos escolares que nos foi permitido participar. As cenas possuem uma natureza empírica, em que foi possível experimentar dos espaços de pesquisa. Partindo dessas experiências, cartografou-se os cotidianos que compartilhados nesse território.

Após a autorização da Secretaria de Educação de Viana (Semed) e feito o contato com a direção da escola, foi possível compartilhar o espaço da EMEF Dr. Denizart Santos. Realmente senti outra sensação, não era mais a escola que conhecia na infância. A instituição se transformou. Quando habitava a escola como estudante, a visão que tinha era um muro acinzentado e um portão verde, a visão do pátio interno era escura.

4.2 RETORNANDO PARA A ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DR. DENIZART SANTOS

Figura 29 - Entrada da escola em 2000



Fonte: Professora Deliene (Foto tirada na semana da II Mostra de História, 2000)

CENAS

18 de março de 2024

Mentalizando a imagem anterior, em março de 2024 retornei à escola. O diretor me apresentou à pedagoga do período matutino. Fato interessante: a pedagoga também foi estudante dessa escola (uma excelente jogadora de queimada). Em nossa conversa, a profissional apresentou o projeto “Circuito Pedagógico”, no qual os professores, de forma paralela às aulas, trazem atividades com intenção de reduzir as defasagens na alfabetização existentes entre as séries, o que permite que os estudantes cheguem ao 5º ano mais proficientes quanto à leitura. A metodologia desse projeto utiliza como ferramenta de aprendizagem jogos, caixa de livros e atividades escritas fotocopiadas. A pedagoga jogadora fez uma observação muito interessante sobre a relação que os estudantes têm com o projeto.

Os professores, ao avaliar os estudantes nesse projeto de alfabetização e “silabamento”, denominam os discentes: Quentes, Mornos e Frios. Os estudantes qualificados como *quentes* estão ficando melhores nos quesitos citados. Os estudantes na qualidade de mornos ainda têm o que melhorar na leitura. Os frios ainda estão no início do projeto. Há ainda aqueles que pedem para retornar ao protejo, ao sentir que estão esfriando.

Essa perspectiva de utilização de uma brincadeira de quente, morno e frio, no lugar de uma nota de zero a dez, leva-nos a acreditar que esses estudantes e os professores da EMEF Dr. Denizart Santos aprendem juntos o sentido de se educar, levando em consideração para isso o que é dito por Freire: não há docência sem discência.

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e que aprende ensina ao aprender. Quem ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto. Verbo que pede um objeto direto – alguma coisa – e um objeto indireto – a alguém. Do ponto de vista democrático em que me situo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e de que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre que se funda a minha inteligência de processo de conhecer, ensinar e algo mais que um verbo transitivo (Freire, 2017, p.25).

Com isso, continuou o diálogo com a pedagoga jogadora, a fim de concluir a primeira visita. Sugerimos retornar mais à frente, no período matutino, para dialogarmos sobre como seria possível viabilizar uma oficina com os estudantes do período vespertino. Todavia, ainda faria uma visita à escola no período vespertino neste mesmo dia para tecer um novo diálogo com a pedagoga desse turno

Ainda no período vespertino, antes de sair da escola, ao capturar algumas fotos, percebo que não era mais possível circular ao redor da EMEF. Esse era um hábito que os estudantes da minha época tinham: circulávamos a escola todos os dias na chegada, no recreio e, se possível, na hora da saída também, quando algum coordenador não barrava.

Neste dia, estava ocorrendo a eleição para conselho escolar. Aproveitei para perguntar a um estudante que era fiscal do pleito para o conselho escolar sobre o porquê desse impedimento, com tantas cercas impedindo a circulação ao redor da escola. O menino me relatou o seguinte: Estudante Fiscal,

Houve uma tentativa de invasão na escola. Violência paterna, o pai tentou invadir a escola com um machado, agredindo a filha e também o diretor. Agora o portão fica fechado e não é mais possível caminhar ao redor da escola. Por isso, nós precisamos fazer o nosso lanche no pátio interno da escola e só temos acesso à quadra.

Figura 30 - Grades no Pátio lateral a Escola



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 31 - Acesso a quadra da Escola



Fonte: Acervo pessoal.

Vale lembrar que uma ex-estudante da EMEF Dr. Denizart Santos atuava como professora do município de Aracruz/ES⁵⁰, próximo da Grande Vitória, e foi vítima de

⁵⁰ Disponível em: <https://www.folhavitória.com.br/geral/noticia/12/2022/o-relato-de-degina-professora-que-sobreviveu-apos-levar-cinco-tiros-em-ataque-a-escola-de-aracruz>

um atentado escolar. Felizmente os tiros que levou não foram fatais. Ao ressaltar esse momento sem citar o nome da professora, porém a nossa EMEF sofreu um ataque direto e outro indireto no ano de 2022, além de muitos outros pulverizados pelo resto do Brasil, onde um governo compactuado com o submundo da necropolítica permitiu que a venda armas fosse ampliada em nosso território, facilitando muitos desses ataques.

Isso restringiu o espaço de convívio dos estudantes, impedindo-os de correr pelo pátio, tornando-os ainda mais presos entre as grades de proteção. Parafraseando os autores da música “Minha Alma”⁵¹, as grades vão trazer proteção, mas trazem também a dúvida sobre quem está nessa prisão. A insegurança das famílias é perceptível até hoje durante a entrada e a saída das turmas da escola.

4.3 VISITA AO PARQUE ROTA DAS GARÇAS

Essa entrada no campo de pesquisa coincidiu com a semana da água. Ao retornar no período vespertino para dialogar com a pedagoga desse turno, ouvi um murmurinho entre os estudantes.

--- Vai ter passeio hoje!

Logo surge uma voz no fundo.

--- Não é passeio!!!! É aula de campo!!!!

O diretor saiu de sua sala e me fez o convite/intimação. De pronto aceitei, mesmo sem saber o destino. Juntei-me aos colegas professores responsáveis e partimos. Agora a par da proposta, estávamos nos encaminhando ao Parque natural Rota das Garças⁵² para acompanhar as turmas do sexto ano.

⁵¹ Disponível em: <https://www.culturagenial.com/musica-a-minha-alma-de-o-rappa/>

⁵² Disponível em: <https://rededegestoresccma.org.br/uc/57/parque-natural-rota-das-garcas.html>

Figura 32 - Visita ao parque Rota das Garças.



Fonte: Acervo Pessoal.

Aceitar esse convite inesperado trouxe a sensação de estar fora daquele contexto. Quando era estudante da EMEF Dr. Denizart Santo, nunca participei de uma aula de campo. “Compartilhar essa experiência com os estudantes foi ímpar, é realmente bom frequentar o espaço da pesquisa como um estrangeiro, como um visitante de um território que não habitamos” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p.61). Nossas observações tendem a compor com as observações dos sujeitos que participam desse momento.

No parque Rota das Garças, fomos recebidos pelas equipes da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA) e da Secretaria de Educação (SEMED), ambas do município de Viana/ES. A representante da SEMMA, Elaine Cristina Rossi Pavani⁵³, utilizou as suas práticas ambientadas na educação não formal para guiar os estudantes, utilizando uma ecocaminhada feita durante a subida até a sede do parque.

Ela utilizou como ferramenta educacional a estrada do parque, que funcionou como um fio guia para os estudantes. A representante fazia laços com tudo o que atravessava esse fio: troncos tombados, o corte no barranco, o tamanho das árvores e a sua diversidade. Os estudantes participaram de uma aula de campo com várias reflexões sobre educação ambiental e a ecologia do local.

⁵³Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/164/DISSERTA%3%87%83O_Aulas_campo_perspectiva_hist%3%b3rico_cr%3%adtica.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/164/DISSERTA%3%87%83O_Aulas_campo_perspectiva_hist%3%b3rico_cr%3%adtica.pdf?sequence=1&isAllowed=y)

Figura 33 - Subida ecológica do parque Rota das Garças



Fonte: Acervo Pessoal.

Durante a subida, era tecido um diálogo paralelo, junto às representantes das SEMED. Entre elas, a ecoamiga Edilene Machado dos Santos esclareceu que esse projeto sobre a Semana da Água priorizou escolas situadas em comunidades que são atingidas por inundações. A EMEF Dr. Denizart Santo, por estar situada às margens do Rio Formate/Tacoarê, foi umas das primeiras.

No fim da trilha, fica a o Centro de Educação Ambiental (CEA) Rota das Garças, onde os estudantes foram recebidos. Na entrada do centro, havia um painel magnético no qual os estandes respondiam uma pergunta e fixavam a imagem correspondente. As perguntas eram simples, como, por exemplo, se a imagem que escolhiam era lixo seco ou úmido.

Figura 34 - Jogo no Parque



Fonte: Acervo Pessoal.

No auditório, após o lanche, foi realizado mais um jogo de perguntas e respostas, estilo torta na cara, sobre questões de educação ambiental. Em seguida,

foi utilizado um painel com luzes que indicam os rios localizados no território de Viana/ES. Também houve uma palestra com os funcionários da CESAN e uma visita monitorada ao centro de distribuição de água existente no parque.

Figura 35 - Rio Formate/Tacoarê indicado por luzes.

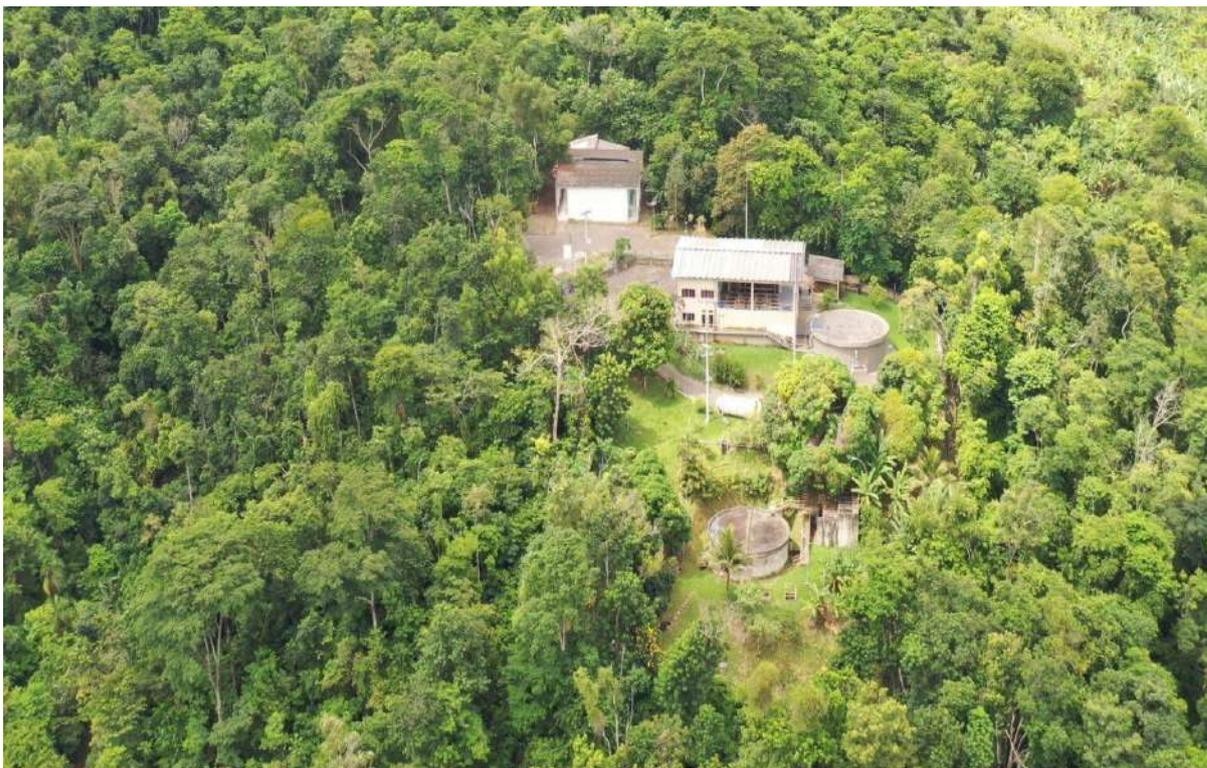


Fonte: Acervo Pessoal.

Durante a visita à estação de tratamento de água, um dos profissionais explicou que a água tratada ali era proveniente do Rio Formate/Tacoarê e do Rio Santo Agostinho. Essa estação abastece a sede municipal, o Bairro Bom Pastor e o complexo prisional.

A estrutura é uma importante ferramenta educacional no município, mas vale destacar que o que faz a diferença nesse local é a existência de profissionais extremamente qualificados, além da integração das duas secretarias envolvidas, que possibilitam ações de grande amplitude, abrangendo a educação e a Educação Ambiental nos espaços educacionais do município.

Figura 36 - Vista Aérea da Sede do Parque Natural Rota das Garças



Fonte: Jornal do ES (2023).

Ironicamente, durante a visita nesse espaço, em nenhum momento as equipes que promovem os jogos e as palestras informaram que a água tratada nessa estação não chega até as residências dos estudantes da EMEF Dr. Denizart Santos. Felizmente, o ponto de coleta de água do Rio Formate/Tacoarê fica em uma porção menos poluída.

Ter vivido esses momentos, que se revelam como um retorno, compartilhado com a pedagoga o primeiro contato nesse reencontro durante o período vespertino e participado da aula de campo, foi algo que não experimentei enquanto estudante dessa escola. Compartilhar essas experiências com esses sujeitos se fez a partir da perspectiva freiriana:

Uma experiência como esta, a de aprender primeiro para ensinar depois, continuar a aprender [...]. Na verdade, as experiências não se transplantam, se reinventam. [...]. Daí que a análise, de resto indispensável, das experiências anteriores, como a de experiências realizadas por outros em contextos distintos [...] (Freire, 2021, p.18)

O encontro inaugural com o espaço da EMEF Dr. Denizart Santos foi muito potente. Nesse primeiro momento, as primeiras experiências foram importantes para tentar desenhar os próximos passos desta pesquisa. Nessa instituição, a direção, o corpo pedagógico e os docentes são muito abertos a projetos, principalmente no turno

matutino, embora tenha participado da aula de campo com o turno vespertino. Durante a conversa com a pedagoga do matutino, o projeto citado anteriormente, somados a outros dados que virão neste capítulo, fez com que essa pesquisa se fixasse nesse período.

4.4 TECENDO NARRATIVAS, PROPOSTA DE UMA OFICINA: ENVELOPES NARRATIVOS

Tendo vista a potência que o corpo docente da EMEF Dr. Denizart Santos tem, marcou-se outra conversa com a pedagoga, a fim de compor com os professores a formulação de uma oficina.

Novamente, essa conversa seria feita nos dois turnos. Todavia, ao levar a proposta no período matutino, no qual seria marcado outro encontro para apresentar a ideia de uma oficina e pedir a colaboração dos professores, considerando que esses docentes conhecem e compõem esses *espaçostempos*, a pedagoga informou que haveria uma feira sobre o meio ambiente, na qual os estudantes do 5º ano apresentariam a compostagem de resíduos domésticos⁵⁴. Sendo assim, novamente esta pesquisa foi atravessada por uma atividade da escola.

05 de junho de 2024

Nesse dia, visitei a 1º Ecofeira de Viana, na qual os estudantes do município apresentaram trabalhos que abordavam a temática ambiental. Os alunos do 5º ano da EMEF Dr. Denizart Santos, a partir do tema “De resíduos a recursos”, explicaram a função de uma composteira de resíduos domésticos e como o produto dessa compostagem era utilizado na produção de alimentos. Eles aproveitavam o momento para falar sobre alimentação saudável.

54 <https://globoplay.globo.com/v/12658167/> estudante da EMEF Dr. Denizart Santos apresenta o seu trabalho. Reportagem: https://viana.sislam.com.br/rel_noticias/166

Figura 37 - 1ª Ecofeira de Viana



Fonte: Acervo Pessoal.

A conversa com a pedagoga e a visita à Ecofeira, compartilhando esse espaço e ouvindo a apresentação dos estudantes, aproximou-nos das turmas do turno vespertino. Mediante as conversas com a pedagoga e com as professoras, optou-se por promover a oficina com as turmas do 5º ano. Outra questão que levou a essas turmas foram as professoras que acompanham os alunos desde o primeiro ano e o fato desses estudantes em algum momento terem participado do projeto “Circuito Pedagógico”.

Em conjunto com as professoras do 5º ano e a pedagoga, definimos que essas seriam as turmas que vão participar da oficina. Após essa definição, foi encaminhada a proposta da oficina, para que no planejamento semanal da pedagoga com as professoras fossem apontadas as suas opiniões sobre como deveria ocorrer tais práticas e quais materiais seriam usados.

5 OFICINA DE ENVELOPES NARRATIVOS: CARTOGRAFANDO ECOLOGIAS DO RIO FORMATE/TACOARÊ, BAIRO INDUSTRIAL E ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DR. DENIZART SANTOS

Neste capítulo, será apresentado o produto educacional “Oficina de Envelopes Narrativos”. Essa oficina possibilitou observações sobre os saberes dos educandos em suas geografias e ecologias cotidianas e de resistências, referentes aos cotidianos escolares e às suas narrativas. Com isso, se observou como esses sujeitos percebem o Rio Formate/Tacoarê. A seguir, analisou-se o diário de pesquisa, no qual cada dia apresentado corresponde a um ou mais momentos da oficina.

No dia 10 de junho de 2024, debateu-se o formato da oficina com a pedagoga e as professoras do 5º ano. A proposta não sofreu alterações. A proposta de intervenção inicial foi fazer uma oficina utilizando a metodologia cartográfica de Passos, Kastrup e Escóssia (2009), com a finalidade de compartilhar cotidianos escolares com os estudantes, o corpo docente e a direção escolar.

Cotidianos, portanto, é a palavra que usamos para nos referirmos à vida de todo dia e aos seus criadores que são, ao mesmo tempo, suas criações, simultaneamente, singulares e coletivas: os sujeitos que somos e que vamos nos tornando as nossas práticas e o sentidos que a elas vamos atribuindo, tecendo e articulando redes de conhecimentos, de significações e de relações que vão constituindo nossas subjetividades e orientando nossas ações. Cotidiano é, então, lugar de produção de conhecimentos, incluindo-se, entre eles, os valores, e de produção da existência. (Ferraço; Alves, 2018, p. 90).

Buscou-se compreender como os cotidianos dos estudantes e dos professores da EMEF Dr. Denizart Santos se entrelaçam com o cotidiano dos sujeitos que habitam o Bairro Industrial em suas relações com o Rio Formate/Tacoarê. Para isso, foi elaborado um roteiro de como seria a oficina. Seguindo o roteiro definido previamente, será apresentado conforme a oficina foi sendo feita em seus dias de aplicação. O roteiro da oficina estará presente no produto educacional deste trabalho.

5.1 MOMENTO INICIAL, UM CONVITE À PESQUISA

No primeiro contato, no dia 14 de junho de 2024, foi apresentado um resumo da oficina para os estudantes do 5º ano, explicando os motivos de estar compartilhando esse espaço com eles e com elas, afinal, as professoras e a pedagoga já haviam comunicado sobre a atividade. Nesse dia, ao chegar à escola, como um ato de respeito aos coordenadores, apresentava-me e solicitava permissão para acessar as turmas. Essa foi a rotina durante todo o processo de imersão na instituição.

Durante esse momento, expliquei que estava fazendo uma pesquisa de mestrado e que precisava da contribuição dos alunos para que esse trabalho desse certo. Convidei a todos para participarem da pesquisa. Igualmente os convidei a pesquisarem o tema comigo, sendo pesquisadores também. A turminha adorou a proposta de poder ajudar na pesquisa. Esse convite segue nesse contexto, sob o formato de uma educação autêntica, numa concepção freiriana.

A educação autêntica, repetimos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizado pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação (Freire, 1997, p. 116).

Buscando a visão de mundo que há em cada um dos estudantes convidados, brevemente apresentou-se a pesquisa e quais seriam contribuições que trariam para este trabalho. Durante a apresentação, não foi indicado prontamente o local em que ela ocorria, então trouxe uma pergunta acompanhada de uma foto aérea.

Figura 38- Que lugar é esse?



Fonte: Biblioteca Instituto Jones dos Santos Neves
(http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120717_FA8_9_1801.jpg)

Como previsto, os estudantes não identificaram o bairro. Isso foi proposital para que fosse possível tecer algumas observações. Fomos juntos levantando questões e mostrando alguns pontos importantes, como a localização da escola e onde fica o rio nessa imagem. Logo surge a pergunta sobre a localização dos bairros vizinhos. Foi possível dialogarmos sobre o bairro em ambas as turmas.

Continuando a apresentação da pesquisa, apresentou-se outra imagem, acreditando no potencial que elas têm de promover conversas. Essas imagens conduzem para os cotidianos desses sujeitos, com isso a imersão nesses espaços vai tomando proporção.

Nesses diálogos tecidos com os sujeitos, seguindo nas práticas libertadoras de Paulo Freire, no sentido de continuar utilizando as imagens como temas geradores, sendo esse um dos fios condutores da investigação.

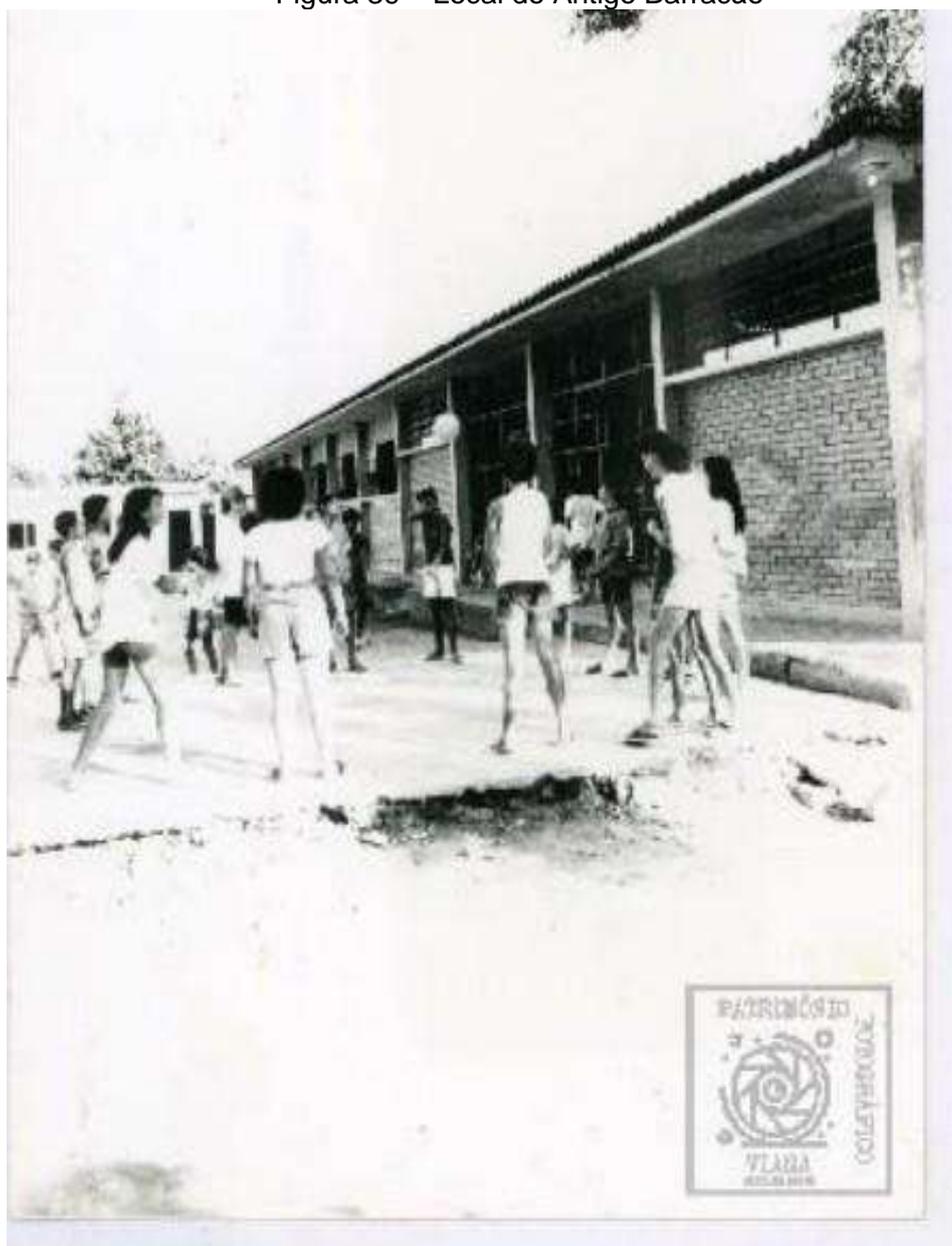
Esta investigação implica, necessariamente, numa metodologia que não pode contradizer a dialogicidade de educação libertadora. Daí que seja igualmente dialogada. Daí que conscientizadora também, proporcione, ao mesmo tempo, a apreensão dos temas geradores e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos (Freire, 1997, p. 121).

Durante essa intervenção com os estudantes, perguntou-se o nome desse lugar. Ouviu-se as variações. Alguns chamavam de beira-rio, mas a grande maioria informou que esse era o morro da Mariazinha (Figura 14), repetindo o que foi escrito em capítulo anterior.

Foi constatado que o nome desse morro, que é avistado do pátio da EMEF Dr. Denizart Santos e de grande parte do Bairro Industrial, tem o seu nome desconhecido por grande parte desses sujeitos.

Em seguida, foram expostas mais duas imagens. A primeira mostrava uma imagem antiga do pátio da escola, onde havia os restos do piso do barracão, local no qual muitos estudantes foram alfabetizados (Figura 39). Os estudantes não identificaram que era a escola onde estudam, por isso expliquei que esse lugar é hoje o edifício lateral à quadra onde eles estão estudando.

Figura 39 – Local do Antigo Barracão



Fonte: Banco de Imagens Fotográficas de Viana - Biblioteca Pública de Viana
(<https://fotografiasdeviana.blogspot.com/>)

A segunda imagem é uma foto em preto e branco da pinguela/ponte de madeira que liga o Bairro Industrial, em Viana/ES, ao Bairro Operário, em Cariacica/ES (Figura 40). Instantaneamente, um dos estudantes afirma: tio, essa é a ponte do cano verde!

Isso deixou claro que atravessar essa ponte faz parte do cotidiano de alguns dos estudantes, a ponto de identificarem o lugar rapidamente.

Figura 40 - Ponte de madeira sobre o Rio Formate/Tacoarê

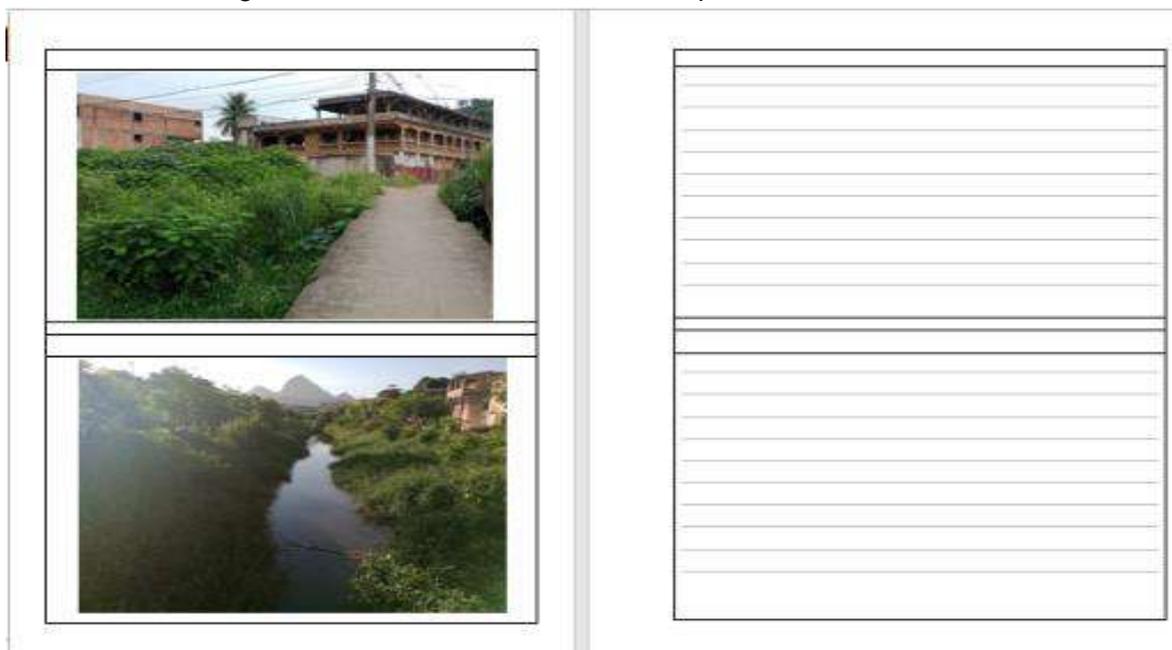


Fonte: A Gazeta (1985)

Durante a apresentação do tema da oficina, observando as imagens antigas sobre o bairro, contribuiu para que os estudantes percebessem que as imagens fazem

parte de seus cotidianos. Em seguida, foi explicado como seria a atividade que fariam em casa junto com os seus familiares. Foi proposto uma conversa sobre as imagens que receberiam. Demonstrado com a seguinte imagem, onde será escrito o diálogo.

Figura 41 - Material oficina de envelopes Narrativos



Fonte: Acervo pessoal.

Com seus familiares, os estudantes deveriam conversar de forma livre, questionando que lugar do bairro era aquele descrito na paisagem e anotar o que foi conversado em poucas linhas. Os estudantes notaram novamente a 'ponte do cano verde', mas, nesse momento, a professora chamou a atenção sobre a beleza da imagem na parte inferior da folha. A docente achou a fotografia muito bonita e não sabia onde essa imagem havia sido feita.

Ao se conversar sobre a fotografia, apontando que a imagem havia sido feita de cima da pinguela. Nesse diálogo, questionando a professora e os estudantes sobre a beleza da imagem. Juntos chegamos à conclusão que, embora bela, a paisagem demonstra que, após as obras de desobstrução do Rio Formate/Tacoarê, suas margens não receberam os cuidados necessários e o capim e outras plantas que não são nativas dessas margens ocuparam esta paisagem.

Percebeu-se, com a ajuda da professora e das crianças, que, para o Estado/Município, as transformações na paisagem, sobretudo na paisagem de um rio, são irrelevantes quanto aos custos ambientais desse processo. Krenak descreve bem essa situação no que se refere à transformação de um rio. Segundo o autor,

A sinuosidade do corpo dos rios é insuportável para a mente reta, concreta e ereta de quem planeja o urbano. Hoje, na maior parte do tempo, o planejamento urbano é feito contra a paisagem. Como reconverter o tecido urbano industrial em tecido urbano natural, trazendo a natureza para o centro e transformando as cidades por dentro? (Krenak, 2022b, p.66).

Para inconcluir (Freire, 1997) esse ponto do encontro de apresentação da oficina, aproveitei as falas com a professora e os estudantes sobre a paisagem. Dialogou-se sobre formas de cuidar do rio. Afirmo que, de forma ingênua, falei sobre o título do livro de Ailton Krenak, “Ideias para Adiar o Fim do Mundo”, a fim de introduzir esse assunto final. Quando fui questionado de forma cabal por uma estudante, percebi que deveria ter terminado na fala da professora.

A menina perguntou: se adiar o fim do Mundo Jesus não volta? Respondo ao questionamento explicando que adiar o fim do mundo não significava impedir o retorno de Jesus, mas que precisávamos adiar o fim do mundo para que todos possam esperar o “retorno de Jesus” com o meio ambiente preservado. Essa foi a resposta dada prontamente, mas daí passei a me questionar o que Krenak responderia a essa menina.

Em seu livro, Krenak responde de forma sucinta quando questionado sobre esse título, ao saber da curiosidade dos estudantes sobre essa história de adiar o fim do mundo: “Eu também” (Krenak, 2020, p.16). Tentando ainda responder à indagação da menina, mantendo-me nas margens do Rio Formate/Tacoarê, passei a ouvir os rios falando, ora com raiva, ora ofendido (Krenak, 2022, p. 36).

Ainda sobre o questionamento da menina, Krenak poderia respondê-la utilizando uma história do povo Krenak que diz,

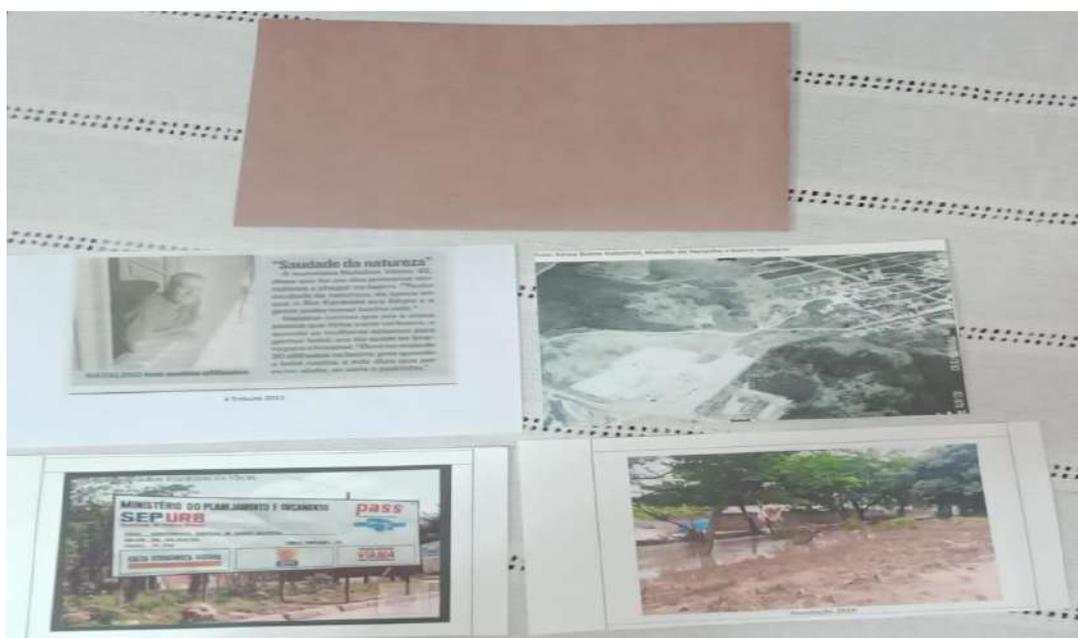
O Criador deixou uma humanidade aqui na Terra e foi para algum outro lugar do cosmos. Um dia ele se lembrou de nós e disse: “Ah, eu deixei minhas criaturas lá na Terra, preciso ver o que eles se tornaram”. Mas, enquanto fazia esse movimento incrível de vir até aqui nos ver, ele pensou: “E se eles tiveram se tornado algo pior do que eu posso conceber? [...]” (Krenak, 2022b, p.40)

Infelizmente esse diálogo com a menina não chegou até aqui, pois a resposta mais simples foi aceita de pronto. Para o contexto da pesquisa, fica a experiência dos povos indígenas de diálogo com o meio ambiente. Nesse diálogo, devemos seguir o exemplo da cosmovisão dos povos indígenas, não por crença, mas por necessidade de garantir a existência dos rios, das montanhas e das florestas. Devemos tecer os

diálogos com as várias cosmovisões, assim como esse dialoga com a menina, para conseguirmos adiar o fim do mundo.

Finaliza-se esse encontro convidando esses sujeitos, os estudantes e as professoras, a participarem da oficina de envelopes narrativos. Entregamos os envelopes contendo matérias a serem compartilhados durante as conversas com os familiares, marcando assim o retorno na próxima aula para socializar as narrativas feitas a partir dos conteúdos dos envelopes.

Figura 42 - Exemplo de conteúdo dos envelopes narrativos



Fonte: Acervo pessoal.

5.2 CONFLUÊNCIAS NARRATIVAS

O autor quilombola Nego Bispo, ao semear⁵⁵ a sua palavra, nos faz ter um encontro ancestral. Nessa semeadura de palavras, os sons da natureza, como o das águas de um riacho ou da queda de uma cachoeira, envolvem os sujeitos e os levam em direção a um saber orgânico. Esse saber permite a troca das narrativas entre os sujeitos. Partindo desse ponto, os saberes passam a confluir. Ao semear a palavra confluência nesse contexto:

Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece.

⁵⁵ Semeei as palavras biointeração, confluência, saber orgânico, saber sintético, saber circular, saber linear, colonialismo, contracolonialismo. Semeei as sementes que eram nossas e as que não eram nossas. Transformei as nossas mentes em roças e joguei uma cuia de sementes (Santos, 2023, p. 04).

Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia (Santos, 2023, p. 4-5).

Em 18 de junho de 2024, com o objetivo de criar uma cartografia colaborativa dos cotidianos vivenciados, a Oficina de Envelopes Narrativos seguiu as metas propostas, com foco nos saberes dos educandos e em suas geografias e ecologias cotidianas e de resistências. Em seguida, elaborou-se mapas que representavam esses momentos.

No primeiro encontro em 14 de junho de 2024, os estudantes receberam envelopes contendo um conjunto de materiais visuais: recortes de jornal, fotografias do bairro em diferentes épocas e imagens de mapas. A ideia era estimular um diálogo com familiares sobre as memórias e experiências associadas a esses elementos.

Dos 50 envelopes distribuídos, 27 retornaram com as contribuições dos participantes. Apenas três envelopes não foram objeto de discussão. Esses materiais visuais, ao servirem como ponto de partida para as conversas, proporcionam um rico acervo de informações que será utilizado para possibilitar os diálogos com seus familiares.

Confluir nesses espaços com os estudantes do 5º ano da EMEF Dr. Denizart Santos, embora essa série não seja a que habitualmente atuo profissionalmente, não era estranho a mim, visto que esses alunos são filhos de amigos e amigas do bairro. Logo, não é um espaço totalmente desconhecido. Porém, havia a preocupação sobre como lidar com esses sujeitos, sobretudo quanto à forma de conviver com esses estudantes. Contudo Krenak, remete-nos à ancestralidade no que ser refere à forma de lidar com crianças:

As crianças, em qualquer cultura, são portadoras de boas novas. Em vez de serem pensadas como embalagens vazias que precisam ser preenchidas, entupidas de informação, deveríamos considerar que dali emerge uma criatividade e uma subjetividade capazes de inventar outros mundos — o que é muito mais interessante do que inventar futuros (Krenak, 2022, p.100).

Esse movimento de recebimento dos envelopes narrativos, que é o segundo passo da oficina, está cercado pelo anseio citado acima. Como lidar com as falas dos estudantes do 5º ano, com as boas novas que trarão? Nesse momento, estou imerso e curioso quanto aos diálogos que foram traçados entre os estudantes e as suas famílias.

Antes de devolverem os seus envelopes de forma física, foi feita uma roda de conversa sobre os conteúdos compartilhados com os seus familiares. Logo de início, algumas falas se referem diretamente à Biblioteca Pública de Viana. Algumas crianças, ao dialogarem sobre imagens do acervo dessa biblioteca, preocuparam-se em buscar informações sobre a imagem em um possível site dessa instituição.

A pesquisa, nesse momento, deparou-se com dois problemas quanto a esses estudantes. Percebeu-se que, por algum motivo que não podemos especificar, esses estudantes não conseguiram dialogar com os familiares ou escolheram não os consultar. Para não deixarem de entregar as suas narrativas, eles optaram por fazer a sua pesquisa na internet.

Notou-se então que nossas crianças, em algumas tarefas, não conversam mais com os familiares. Talvez a rotina dessas famílias não permita mais esses diálogos, tendo em vista que muitos familiares trabalham longe do Bairro Industrial. Somada às distâncias, as jornadas de trabalho são exaustivas e o cansaço impede o aprofundamento dos diálogos em família.

Figura 43 - Esgotamento Sanitário Bairro Industrial⁵⁶



Fonte: Banco de Imagens Fotográficas de Viana - Biblioteca Pública de Viana.

Para exemplificar, na Figura 43, uma placa foi colocada às margens do Rio Formate, informando que as obras de esgotamento sanitário do bairro seriam iniciadas. Era esperada uma fala sobre a importância dessa obra para despoluição do rio. No

⁵⁶ Disponível em: <https://fotografiasdeviana.blogspot.com/2023/09/bresbpmvf0107.html>

Figura 46 - Resposta do Estudante

A biblioteca municipal de Viana foi fundada no ano de 1888. Viana retitula Biblioteca Municipal de Viana e preserva mais um patrimônio no histórico. O espaço foi criado durante a gestão de prefeito Theobaldo pereira de Miranda (1967-1971) sendo denominada Biblioteca Julia Colunga Miranda pela lei nº 1970, uma homenagem a então primeira dama de município e professora. A importância de uma biblioteca em Viana é exercer um papel social determinante para inclusão dos indivíduos na cultura.

Fonte: Acervo pessoal.

A substituição do diálogo por uma pesquisa na internet não demonstra a falta de interesse dos estudantes pela atividade. Entendeu-se que a utilização da tecnologia se torna indispensável para as atividades escolares. O filósofo indígena Ailton Krenak nos fala sobre o afastamento de nossos lugares de origem, provocado pelo avanço tecnológico.

Atravessamos continentes como se estivéssemos indo ali ao lado. Se é certo que o desenvolvimento de tecnologias eficazes nos permite viajar de um lugar para outro, que as comodidades tornaram fácil a nossa movimentação pelo planeta, também é certo que essas facilidades são acompanhadas por uma perda de sentido dos nossos deslocamentos (Krenak, 2020, p.43).

Krenak, faz refletir acerca da comodidade que a tecnologia oferece nos cotidianos de algumas famílias, interferindo em atividade que deveriam estar na rotina do grupo familiar, não se restringindo a uma atividade extra na escola. A rotina de compartilhar as atividades dos sujeitos que compõem a família vem sendo substituída pela comodidade que a tecnologia oferece.

Esse foi um dos primeiros contatos com a devolutiva dos envelopes narrativos. Em seguida, durante outras falas, foram surgindo outros relatos, nos quais os estudantes traçaram diálogos com seus familiares, conforme o esperado.

Na sequência, seguiu-se com a roda de conversa. Aqui foram tecidas as narrativas que foram compartilhadas com os familiares sobre os cotidianos nos quais estão inseridos. Os estudantes do 5º ano são os *praticantespensantes* dos seus

cotidianos. Assim, eles narraram os cotidianos que foram compartilhados e para isso vamos literaturizar a ciência.

Literaturizar a ciência se constitui, portanto, em um movimento de romper tanto com um sujeito anônimo de uma linguagem supostamente neutra, como de autorizações dadas para o falar ou escrever por alguém colocado em uma única posição. Nas pesquisas com os cotidianos reconhecemos que todos somos autores como *'praticantespensantes'* de múltiplos e diversos cotidianos que surgem nas tantas redes educativas que formamos e nas quais nós formamos. (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p.33).

Para esse movimento, no qual vamos narrar a vida e literaturizar a ciência, organizaremos as falas dos estudantes por temática, formando grupos. Tentou-se contemplar as falas de todos como se fossem um personagem, tendo em vistas que ao narrarem as suas histórias a timidez limita os seus comentários.

O primeiro conjunto de narrativas foi agrupado a partir dos relatos sobre as preocupações quanto ao Rio Formate/Tacoarê. Nessas narrativas, o coma do Rio Formate/Tacoarê está marcado quando os estudantes, ao dialogarem com os seus familiares, concluíram que o rio está poluído.

Não dá mais para tomar banho no Rio Formate, meu pai falou que ele e seus irmão tomavam banho nesse rio, era muito divertido. A água era limpa, dava para lavar roupas, cozinhar e limpar a casa. Hoje em dia o Rio Formate tem lixo nas margens e o esgoto é jogado dentro dele, não é mais possível tomar banho com a água dele, além disso a margem do rio está sendo ocupada por capim depois que limpavam as margens do rio. A prefeitura está colocando caixas de esgoto atrás das casas que ficam na margem do Rio Formate. Está errado, estão retirando a estação de tratamento de esgoto que fica no bairro Marcílio de Noronha e em Cariacica retiraram as casas da margem do rio formate (Relatos do Estudantes).

Nessas narrativas, os estudantes iniciam as suas falas descrevendo um rio saudável. O Rio Formate/Tacoarê ainda não estava em coma, as suas águas ainda permitiam se banhar nele. Essa percepção muda e os estudantes narram a transformação na paisagem do rio. A conversa com os familiares os levou a perceber que o rio está sofrendo com o lançamento de esgoto no seu leito e de lixo nas suas margens. Alguns até repudiam a retirada da estação de tratamento de esgoto que fica no bairro vizinho. A segunda narrativa trata das transformações ocorridas nas margens do rio,

Antigamente, o Rio Formato era limpo. Mas, com o tempo, muita gente foi construindo casas nas margens, o que acabou bloqueando o curso do rio e contribuindo para o agravamento das enchentes. Toda vez

que chovia muito, as águas subiam e traziam prejuízos para os moradores. Nessas horas, as famílias se ajudam como podem, abrigando vizinhos e tentando salvar o que dava.

Meu tataravô me contou que, em 2019, durante uma enchente, várias casas foram levadas pela inundação.   muito triste, porque a enchente provoca a perda dos bens desses moradores. Isso ocorre por causa das constru es   beira do rio.

Ao narrar, os estudantes trazem uma memória construída a partir dos diálogos com os seus familiares, tendo em vista que não eram nascidos ou não tinham idade para se lembrar da época em que a paisagem se encontrava dessa maneira. As transforma es que ocorreram no rio recentemente fazem parte de seus cotidianos, uma vez que as últimas inunda es foram bem marcantes em suas memórias. Esses eventos foram muito intensos, causando a morte de um morador do bairro vizinho, repercutindo a notícia nos jornais.

O terceiro grupo de narrativas trata da retirada das moradias na margem cariacaquense do Rio Formate/ Tacoarê,

Foram retiradas as casas construídas nas margens do rio Formate. Muitas famílias viviam   beira do rio e, durante as enchentes, perdiam seus bens. A retirada das moradias, incluindo até uma lanchonete, foi necessária para limpar as margens para diminuir as inunda es.

Com isso, o rio p de fluir melhor e as enchentes diminuíram. Durante a limpeza, muitas árvores acabaram sendo removidas. Mesmo assim, o mato começou a crescer novamente nas margens, mas ainda não foram plantadas novas árvores, agora os moradores vivem com menos risco de alagamentos

Os estudantes, quando narram como o rio está após as interven es, apontam em suas falas as transforma es que acompanharam recentemente. As enchentes novamente marcam as narrativas e os estudantes percebem que os moradores perderam seus bens.

Ao dialogarem com os seus familiares, eles perceberam que a retirada dos moradores nas margens foi uma a o necessária para evitar mais perdas materiais, até evidenciam a retirada da lanchonete que ficava ali.

Além disso, os alunos narram que, após essa interven o, o rio passou a fluir melhor, diminuindo as inunda es. No entanto, não houve chuvas intensas no ano de 2024 na região, o que coincidiu com o momento em que os estudantes avaliam ser de melhora após as interven es.

Essas narrativas apresentam também que o "mato" está crescendo nas margens do rio e que ainda não foram plantadas novas  rvores. Entende-se então que os estudantes compreendem que a vegeta o que está crescendo nas margens

do Rio Formate/Tacoarê não é a mata ciliar composta por árvores, pois citam em suas falas a ausência desse tipo de vegetação.

Essas narrativas orais que foram tecidas a partir dos envelopes narrativos e das conversas com os familiares possibilitaram aos estudantes uma compreensão sobre o espaço que compartilham. Esses momentos de compartilhamento, nos quais os estudantes teceram diálogos com as famílias e narram as suas conversas, possibilitam àqueles que não conseguiram realizar os diálogos em casa o acesso a informações sobre os contextos desse espaço cotidiano.

Esses conhecimentos sobre os espaços compartilhados no bairro e a observação feita acerca do rio permitem a compreensão das transformações ocorridas nesses contextos. Nessas narrativas, esse entendimento passa a ser compreendido por esses sujeitos, sendo os diálogos essenciais para o entendimento desses cotidianos, que percebem as suas mudanças e os significados que vão criando. Por isso, Nilda Alves (2010) nos ajuda a compreender essa noção,

Nesse sentido, podemos compreender que essas ações e as mudanças que permitem, bem como os conhecimentos e significados que vão criando, não podem estar imediatamente explicitados, pois são acontecimentos, ou seja, conhecimentos virtuais que, com suas possibilidades, só serão compreendidos e incorporados, algum tempo depois, nos diálogos estabelecidos, nas múltiplas redes cotidianas de pertencimento daqueles praticantes. E, no caso de uma pesquisa nos/dos/com os cotidianos, são tornados conhecimentos científicos, somente com a presença dos diálogos que estabelecemos com as inúmeras narrativas que vão sendo feitas e pela presença das imagens que as despertam (Alves, 2010, p.1199).

Os significados dessas narrativas, que transitam do virtual para o oral, baseiam-se nos eventos que originaram essas histórias e geografias. Além disso, outras narrativas encontram-se nos "envelopes narrativos" distribuídos. Essas histórias e geografias abordam eventos observados durante diálogos com os familiares dos estudantes. Os alunos relatam acontecimentos que se desdobram na oralidade e no virtual, interpretados a partir das observações realizadas.

Essas narrativas tratam de acontecimentos que foram observados nos diálogos com os seus familiares. Os estudantes narram acontecimentos que estão contidos na oralidade e no virtual, interpretados a partir do que foi observado. Esses acontecimentos podem ser compreendidos conforme o que escreve Alves em seus textos.

Assim sendo, se o acontecimento não é o que é ou o que acontece, mas aquilo que estando ainda não é, seu tempo não sendo o presente,

mas um futuro virtual que pode não acontecer. Nesse sentido, pois, ao colocar no papel as ideias que vamos tendo a respeito de movimentos vividos e de processos experiências, vamos introduzindo, no texto, possíveis expressões ou pensamentos que não conseguem se explicitar inteiramente, nem disso conseguimos ter inteira compreensão para expressar em palavras tudo o que pensamos ou queremos expressar (Alves, 2010, p.1199).

A abertura dos envelopes narrativos e a apresentação dessas narrativas são muito importantes. Trazer na íntegra algumas narrativas significam que, ao literaturizar a ciência (Andrade; Caldas; Alves, 2019) utilizando-as, também superamos o estado de objeto ao qual esses sujeitos às vezes estão submetidos em outras pesquisas, para que se assumam como sujeitos da história (Freire, 1997).

Ao abrir os envelopes, percebeu-se que a maioria das imagens não foram utilizadas. Não era intencional que os estudantes se sentissem obrigados a participar. Dos vinte e sete envelopes que retornaram, somente doze narrativas foram utilizadas e suas imagens trabalhadas.

As narrativas obtidas na abertura dos envelopes narrativos estão divididas da seguinte maneira: 1) O bairro e a Escola; 2) O Rio Formate/Tacoarê e Alagamentos. Para isso, trazer as imagens correspondentes à íntegra das narrativas.

Essas narrativas serão apresentadas de forma descontinuada, embaralhadas, por isso não seguem a ordem numérica dos Envelopes Narrativos. Porém, a organização se assemelha às colagens dos fatos reais narrados por esses sujeitos. Sobre esse procedimento, trazemos as palavras de Reigota,

A alternativa que encontrei e que constitui a base das narrativas ficcionais foi “embaralhar” ao máximo os fragmentos e estilhaços e criar “colagens”, baseadas em fatos reais, mas que devem ser lidas/vistas com ficção (Reigota, 1999, p.74)

Narrativas sobre o Bairro Industrial e o local da escola:

Antes era uma área desocupada onde as pessoas (crianças) jogavam futebol etc. Hoje é uma escola, que ajudou muito a população, porque antes de construir essa escola, as pessoas que morava lá tinha que ir estudar em uma escola muito longe, então isso ajudou muita gente (Narrativa Envelope 8 - Figura 27 - Local onde será a Escola).

Antes a escola era de tijolinho, agora a escola já está pintada e tem ar condicionado, antes o chão era de barro, só que agora já é tudo de cimento e tem mais acessibilidade para os lugares. Antes a biblioteca era fechada, era uma sala de piso normal, agora já são salas mais novas. Na parte de trás da escola também tem um campo que é de cimento só que antigamente era areia, e tinha um monte de buraco (Narrativa Envelope 12 - Figura 39).

As narrativas sobre o bairro envolvem o conhecimento sobre o local. Nelas percebeu-se que houve um diálogo com os familiares. Nas conversas, os estudantes conseguem determinar o espaço onde está localizada a escola. Na próxima narrativa, conseguem elencar as transformações ocorridas no espaço da EMEF Dr. Denizart Santos.

Os estudantes perceberam as transformações ocorridas. Provavelmente, até que recebessem essas imagens, nunca haviam se questionado sobre como esses espaços foram transformados. Agora, conseguem perceber a importância dessa estrutura para a comunidade.

Percepções sobre as margens do Rio Tacoarê.

Figura 47 - Retirada de Moradores, ao fundo Monte Mochuara



Fonte: Acervo Pessoal.

Antigamente, dava para lavar roupas, panelas, até tomar banho, tinha peixe dava para pescar e era lindo com a água azul ou muitas flores lindas (Narrativa Envelope 4).

Figura 48 – Coma do Rio Formate/Tacoarê



Fonte: Acervo Pessoal.

Hoje em dia, você não pode tomar banho, limpar panela, lavar roupas etc, não tem mais peixe e tá muito sujo o rio formate já está a anos passando por vários lugares, até em vila velha já limpavam muitas vezes mais, ainda tá muito sujo tente limpar ele melhor (Narrativa Envelope 4).

Figura 49 - Capim na margem do Rio Formate/Tacoarê



Fonte: Acervo pessoal.

Esse rio é bastante conhecido antes de tudo, o rio era limpo e agora está muito sujo. Por isso as enchentes. Está ficando mais poluído e ninguém pode mais beber e nem brincar na água (Narrativa envelope 1).

Figura 50 - Paisagem do Rio Formate/Tacoarê



Fonte: Acervo Pessoal.

Pra mim esse rio não tem mais jeito de ajudar porque esse rio foi poluído e não tem mais jeito de consertar esse rio. Com jeito pode fazer isso então vou te ensinar não jogue lixo mais no rio que você vai para de poluir o rio tu pensa que você lembra para de poluir o rio de você é o sustento (Narrativa envelope 2).

Figura 51 - Lixo na Cabeceira da Ponte



Fonte: Acervo Líder Comunitário Valdinei Delfino Lima (Russão).

Os moradores de rios jogam lixo no rio, isso não pode acontecer. Ainda mais que ele já é poluído e já aconteceram muitos alagamentos (Narrativa envelope 3).

Figura 52 – O Rio Formate/Tacoarê visão a jusante



Fonte: Acervo Pessoal.

O rio formate está todo destruído pela humanidade. São peixes mortos e jogam lixo no rio (Narrativa envelope 9).

Nessas narrativas, os estudantes descrevem a sua preocupação quanto às condições que o rio apresenta. As narrativas dialogadas com as suas famílias permitem que eles atestem que a qualidade da água não permite o seu uso.

Em uma das narrativas, um dos estudantes chega a afirmar que o Rio Formate/Tacoarê não tem mais jeito. Esse aluno entende que existe a perspectiva de ensinar meios para despoluir o rio e de melhorar a qualidade da água, tendo em vista que há a possibilidade de se obter sustento de suas águas.

As últimas narrativas desse tópico evidenciam os problemas do lixo na margem do rio, piorando a condição das águas do Rio Formate/Tacoarê, e também identificam que a humanidade está destruindo esse corpo d'água.

Ao observar essas narrativas é um raciocínio complexo. Esses sujeitos, narrando ao seu modo, mostram que entendem o espaço ao observar a paisagem. Os diálogos tecidos juntos de seus familiares possibilitaram um ponto de vista muito importante sobre o Rio Formate/Tacoarê. Eles descrevem o seu coma (Krenak, 2020) e é possível perceber que também há a presença de conhecimentos debatidos em sala de aula na EMEF Dr. Denizart Santos com as professoras.

As inundações no Rio Formate/Tacoarê e a desocupação da margem de Cariacica/ES

Figura 53 - Moveis destruídos pela Inundação do Rio Formate/Tacoarê



Fonte: Acervo do Líder comunitário Valdinei Delfino Lima (Russão).

Essa enchente em 2019 ocorreram vários acidentes de pessoas, mais de 95% de casas sendo levadas. Meu tata (tataravô) disse que está aí e viu a sua própria casinha de palha quase sendo levada. Lá tinha carros, juntando pessoas em cima do telhado de suas casas, segurando seus bens mais importantes e até mesmo corpos de crianças na água (Narrativa Envelope 11).

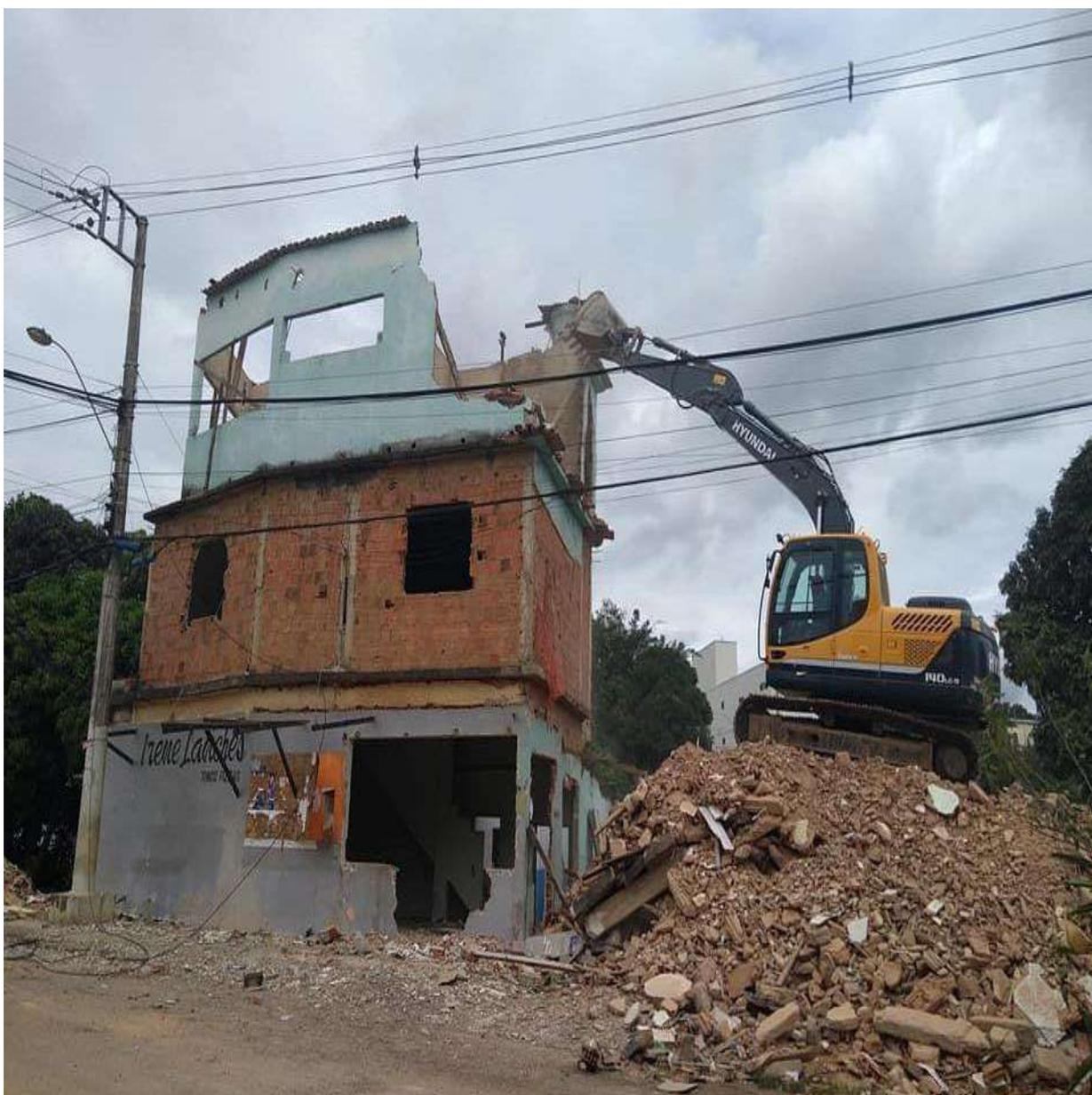
Figura 54 – Enchente no Rio Formate/Tacoarê em 2019



Fonte: Acervo pessoal.

Nesta Imagem posso ver a falta de conscientização dos moradores por construir em local inadequado e poluir o rio causando inundações frequentes no bairro (Narrativa Envelope 7).

Figura 55 - Escavadeira demolindo sobrado na margem do Rio Formate/Tacoarê



Fonte: Acervo do Líder comunitário Valdinei Delfino Lima (Russão)

Antigamente, existiam casas na beira do Rio Formate, mas a população queria uma melhoria para as pessoas que moravam perto do Rio Formate, porque quando ele enchia, alagava muitas casas e eles perdiam muitas coisas da sua casa, então a notícia surgiu e eles foram morar em um lugar longe do Rio Formate, e hoje em dia o rio aumentou (ele ficou maior) (Narrativa Envelope 8).

Figura 56 – Resto de Demolição na margem do Rio



Fonte: Acervo do Líder comunitário Valdinei Delfino Lima (Russão)

O porquê da demolição das casas
A prefeitura demoliu as casas porque elas estavam em perigo de cair dentro do rio. Agora não temos com que nos preocupar, só com as enchentes (Narrativa Envelope 10).

Figura 57 - Escavadeira removendo casas nas margens do Rio Formate/Tacoarê



Fonte: Acervo do Líder comunitário Valdinei Delfino Lima (Russão)

Essa imagem representa a demolição dos imóveis que existem à margem do Rio Formate causando o represamento da água do leito do rio, causando assim os alagamentos da área ao redor do rio (Narrativa Envelope 6).

Figura 58 – Casa sendo demolida nas margem do rio em Cariacica/ES



Fonte: Acervo do Líder comunitário Valdinei Delfino Lima (Russão)

Esta imagem representa após o alagamento, causado pelo assoreamento do leito do rio: São sedimentos levados pelo processo natural, depositando assim areia, terra, galhos tornam assim o rio mais solo, as construções irregulares na beira do rio (Narrativa Envelope 6).

Figura 59 - Casa abandonada nas margens do Rio Formate/Tacoarê após inundações



Fonte: Acervo do Líder comunitário Valdinei Delfino Lima (Russão)

No rio formate tinha várias casas em volta dele depois da limpeza foram destruídas, porque quando chovia alagaram e por isso destruídas, hoje em dia alaga as ruas em volta do rio formate. As plantas intrusas ajudam no alagamento (Narrativa Envelope 5).

Figura 60



Fonte: Acervo do Líder comunitário Valdinei Delfino Lima (Russão).

Os lixos do rio formate desocupados de dentro dele. Era muito lixo e vários tempos depois fica tudo sujo de novo, só que agora está bem pouco limpo, com várias plantas intrusa nas margens de rio formate (Narrativa envelope 5).

Nesse grupo de narrativas, os estudantes trazem os seus diálogos familiares em torno de lembranças de inundações. De início, foi narrada a inundação de 2019, uma das maiores já presenciadas por esses sujeitos, envolvendo muita destruição, desalojamento de pessoas e o óbito de um indivíduo⁵⁸.

⁵⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2019/11/15/homem-morre-afogado-depois-de-ter-casa-alagada-em-caricica-no-es.ghtml>

Outra narrativa apresenta como causas das enchentes do Rio Formate/Tacoarê as construções nas margens do rio e a falta de consciência dos moradores, que o poluem jogando lixo. A primeira narrativa marca os traumas das pessoas que vivem às margens do Rio Formate/Tacoarê, a percepção de uma criança frente à força de uma inundação e as perdas humanas e materiais que esse desastre provoca. Nesse ano de 2019, muitos estudantes ficaram desalojados em virtude cheia do Rio Formate/Tacoarê.

Essas populações de baixa renda que vivem às margens do rio e da sociedade são prejudicadas pela letargia do Estado em solucionar os seus problemas. Vitor de Jesus (2020) afirma que essas condições atingem sobretudo a população preta e que tal panorama pode ser incluído no debate de racismo ambiental.

Desse modo, estão incluídas no debate do racismo ambiental as carências de saneamento que afetam a saúde e as vidas tanto das populações negras urbanas de favelas, periferias e subúrbios quanto das populações negras tradicionais do campo, da floresta e das águas, como quilombolas, caiçaras, marisqueiras, pescadores, extrativistas, quebradeiras de coco, ribeirinhos e seringueiros.

Tais vivências sanitárias marcadas por condições ambientais insalubres (na moradia, trabalho ou lazer) incluem: não acesso à água (potável ou não) e às instalações sanitárias; disputa pelo uso da água e privatização indevida de recursos hídricos; lançamento de esgoto e poluição no corpo hídrico; disposição inadequada e lançamento clandestino de resíduos (domésticos ou tóxicos); moradias em encostas perigosas ou em beiras de cursos d'água sujeitas a deslizamentos e enchentes; e vivência em lixões, áreas de enchentes, vazadouros de lixo e aterros de lixo químico (Jesus, 2020, p.6).

Na sequência, as narrativas apresentam a desocupação das margens no Rio Formate/Tacoarê em 2020. Nessas narrativas, os estudantes fazem constatações sobre o porquê dessa retirada. Ao narrarem, apresentam os motivos para esta iniciativa do município de Cariacica/ES, reforçando que haviam muitas casas na margem do Rio Formate/Tacoarê. Quando ocorriam enchentes, a pessoas perdiam os seus bens, por isso houve a demolição das casas, deixando o rio mais largo.

Esses são dados importantes que essa narrativa traz nas conversas sobre os envelopes com os familiares dos estudantes. Foi compartilhado que os moradores que estavam sendo retirados da margem do Rio Formate/Tacoarê seriam alocadas em outro lugar.⁵⁹

⁵⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2020/02/26/apartamentos-populares-sao-entregues-em-cariacica-es-mas-ainda-nao-tem-gas-e-energia.ghtml>

Outras narrativas relatam a retirada das casas que estavam em perigo durante as inundações, justificando novamente a sua demolição, o entendimento de um estudante acerca das construções inadequadas e que potencializam as inundações e a retirada das casas das margens, afirmando que o Rio Formate/Tacoarê está assoreado. Nas últimas narrativas, os estudantes apontam para uma outra enchente, mas que só alagou as ruas, que o lixo foi retirado de dentro do Rio Formate/Tacoarê e que as suas margens estão sendo ocupadas por uma vegetação rasteira.

As imagens contidas nos Envelopes Narrativos são registros dos trajetos que os estudantes e os seus familiares fazem diariamente no caso dos estudantes, ao ir e vir da escola. Suas percepções sobre esses lugares foram potencializadas por meio dos diálogos com os seus familiares. Essa observação do espaço cotidiano potencializou as narrativas entregues sobre essas paisagens. Reigota afirma ser importante esse tipo de prática como proposta de atividade escolar.

O importante é incluir nas atividades de educação ambiental a temática próxima ou distante (geograficamente) relacionada com o cotidiano das pessoas daquele lugar, mas sem se esquecer que, em qualquer lugar que estejamos no mundo (Reigota, 2009, p.48-49).

5.3 MAPAS COLABORATIVOS

Para a elaboração dos mapas colaborativos, se pretende perceber as geografias e a suas relações que serão tecidas em conjunto as educações ambientais, percebendo as realidades dos estudantes, e o significado das histórias e geografias narradas através das cartografias, que segundo Santos (1992),

Somente a história nos instrui sobre o significado das coisas. Mas é preciso sempre reconstruí-la, para incorporar novas realidades e novas ideias ou, em outras palavras, para levarmos em conta o tempo que passa e tudo muda. (Santos, 1992, p.95).

No dia 25 de junho de 2024, retomou-se a Oficina de Envelopes Narrativos. Na semana anterior, foram socializadas as narrativas que os estudantes teceram com os seus familiares. Nesse encontro, formou-se grupos por afinidade. Cada grupo poderia ter no máximo cinco componentes. Feitos os grupos, foram distribuídas folhas de papel sulfite do tamanho A3. Em seguida, os estudantes foram provocados a pensar sobre a paisagem do bairro, os trajetos entre as suas casas e a escola e o que veem quando passam nas margens do rio.

Como descrito no tópico anterior, onde foram transcritas nas narrativas, ficou perceptível a preocupação quanto as inundações, e suas consequências. Nos relatos percebe-se que os estudantes possuem a noção do que pode e não pode ser feito para com o Rio Formate/Tacoarê. Constatou-se a contradição existente nesse espaço ocupado pelos sujeitos, onde a natureza sempre sai perdendo diante da ocupação humana, por isso deseja-se que os estudantes percebam a atuação humana sobre o meio ambiente segundo descreve Milton Santos.

O homem se torna fator geológico, geomorfológico, climático e a grande mudança vem do fato de que os cataclismos naturais são um incidente, um momento, enquanto hoje a ação antrópica tem efeitos continuados, e cumulativos, graças ao modelo de vida adotado pela humanidade. Daí vêm os graves problemas de relacionamento entre a atual civilização material e a Natureza. (Santos, 1992, p. 97).

No decorrer da oficina de envelopes narrativos, quando os estudantes estavam definindo como fariam os seus mapas, os grupos demonstraram não estar entendendo como realizar esta cartografia. Diante desse impasse, a professora fez uma intervenção muito importante junto a mim. Ela destacou que seria necessário outro encontro para que os estudantes terminassem suas cartografias. Além disso, a professora detectou que os estudantes não estavam conseguindo delimitar no papel as passagens que viam nos trajetos que faziam cotidianamente.

Figura 61 - Momento da confecção dos Mapas Colaborativos



Fonte: Acervo Pessoal.

Seguindo o que indicou a professora, foi marcado um novo encontro na próxima semana e no dia 2 de julho de 2024 retomando a oficina de envelopes narrativos. A avaliação da professora estava correta, os estudantes precisavam de tempo para fazer as suas observações e contemplar melhor a paisagem.

Os estudantes estavam agora munidos de mais informações. A seu modo, cada grupo definiu os espaços a serem utilizados. A intervenção que a professora fez contribuiu muito para esse momento da oficina. Os grupos sentiam-se mais seguros e conseguiram definir melhor os espaços que habitam em seus cotidianos.

De modo geral, os mapas trazem como tema central o Rio Formate/Tacoarê, as percepções sobre o leito do rio e como as suas margens estão ocupadas, a localização da EMEF Dr. Denizart Santos e os trajetos que os estudantes fazem, cruzando o rio e chegando até a escola.

Observando os mapas prontos, foi possível perceber que os grupos reuniam estudantes de ambas as margens do Rio Formate/Tacoarê. Eles deixaram as suas marcas nas cartografias.

Cada mapa possui uma particularidade, uma forma de observar os cotidianos que cercam os componentes do grupo. Em suas cartografias, esses sujeitos narram as suas percepções sobre os cotidianos. A esse respeito, Ferraço, Soares e Alves, (2018) afirmam,

Cotidianos escolares, nessa perspectiva, remetem às dimensões desses contextos cotidianos que abarcam a vida nas escolas, suas dinâmicas criadoras de conhecimentos e modos de existência e o enredamento destes com conhecimentos e modos de conhecer criados em outros contextos (mídias, ciências, artes, igrejas, movimentos sociais, estruturas de governo, vizinhança etc) (Ferraço; Soares; Alves, 2018, p. 90).

Os contextos que as cartografias desses sujeitos narram estão ligados primeiramente aos trajetos que fazem em seus cotidianos. Nos mapas, percebemos que os estudantes se preocuparam em mostrar as ruas asfaltadas e as ruas sem pavimentação.

Outra percepção sobre as cartografias é a presença da ponte do cano verde, local que esses sujeitos utilizam para ir e vir da escola. Em alguns mapas, nota-se a preocupação em pontuar onde os estudantes moram. Já em outros há a preocupação de demarcar onde estão os pontos comerciais.

Nas cartografias, não faltou trazer a localização da escola e do posto médico, bem como das quadras da escola e a quadra do bairro vizinho, percebe-se que os mapas demonstram suas percepções sobre o espaço geográfico.

Em todos os mapas houve a percepção de mostrar a situação do Rio Formate/Tacoarê. Em suas cartografias, os estudantes mesclavam as cores azul e marrom ou verde e marrom para demonstrar a coloração das águas. Eles desenhavam peixes no leito do rio ou sacolas e outros objetos se misturando aos peixes dentro do corpo d'água.

Nesses mapas, os estudantes mostram como percebem o rio e avaliam que o Rio Formate/Tacoarê está sofrendo. Ao escolherem as cores da água, ao mesmo tempo que mostram que ela é suja, ainda acreditam que o leito do rio preserva o seu ambiente natural, representado pelo azul.

Cada mapa apresenta uma percepção sobre os cotidianos que esses sujeitos pretendiam narrar com as suas cartografias. Por isso, mostrar os mapas confeccionados logo em seguida, permitindo que cada um narre as suas próprias histórias e geografias, que cada um possa expressar os cotidianos dos sujeitos que os cartografou.

Voltando ao que escreve Nilda Alves “Narrar a vida e literaturizar a ciência”, observou-se que esses mapas se configuram como imagensnarrativas sobre os cotidianos dos estudantes. Ferraço e Alves falam sobre os sujeitos que produzem essas imagensnarrativas,

De fato, as narrativasimagens dos sujeitos praticantes das escolas produzidas durante nossas pesquisas têm se revelado muito mais como potencialidades dos enredamentos, dos fluxos das redes, do que, de fato, como descrição/identificação do que aconteceu. Ou seja, as imagensnarrativas não descrevem algo que já está dado a priori, mas inscrevem sentidos nos acontecimentos vividos, envolvendo, nessa produção, diferentes temposespaços praticados e, ainda, diferentes fazeressaberes dos narradores praticantes (Ferraço; Alves, 2015, p 312).

Seguem os mapas produzidos pelos estudantes da EMEF Dr. Denizart Santo durante a oficina de Envelopes narrativos:

Figura 62 – Mapa Colaborativo 1

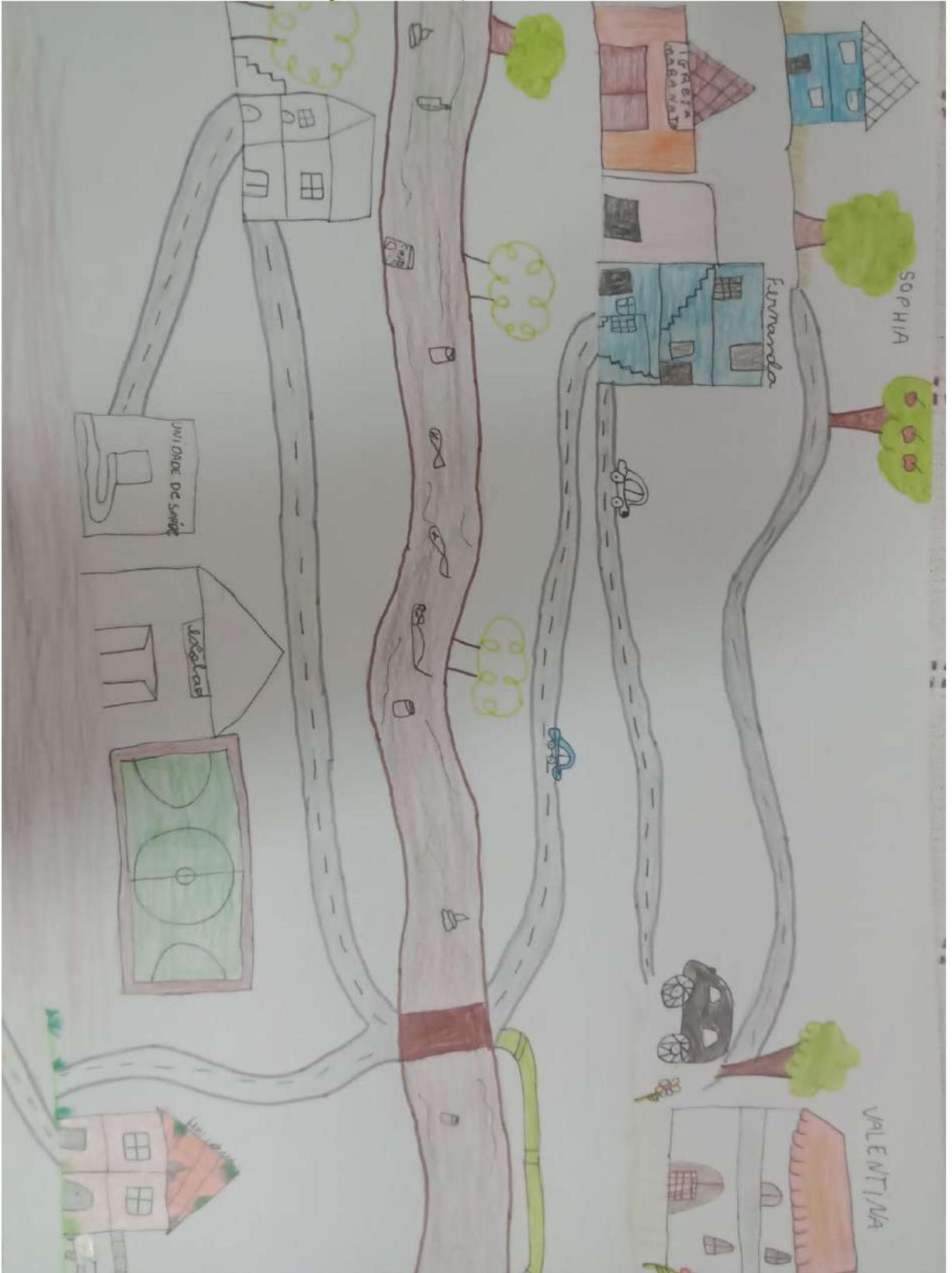


Figura 63 – Mapa Colaborativo 2

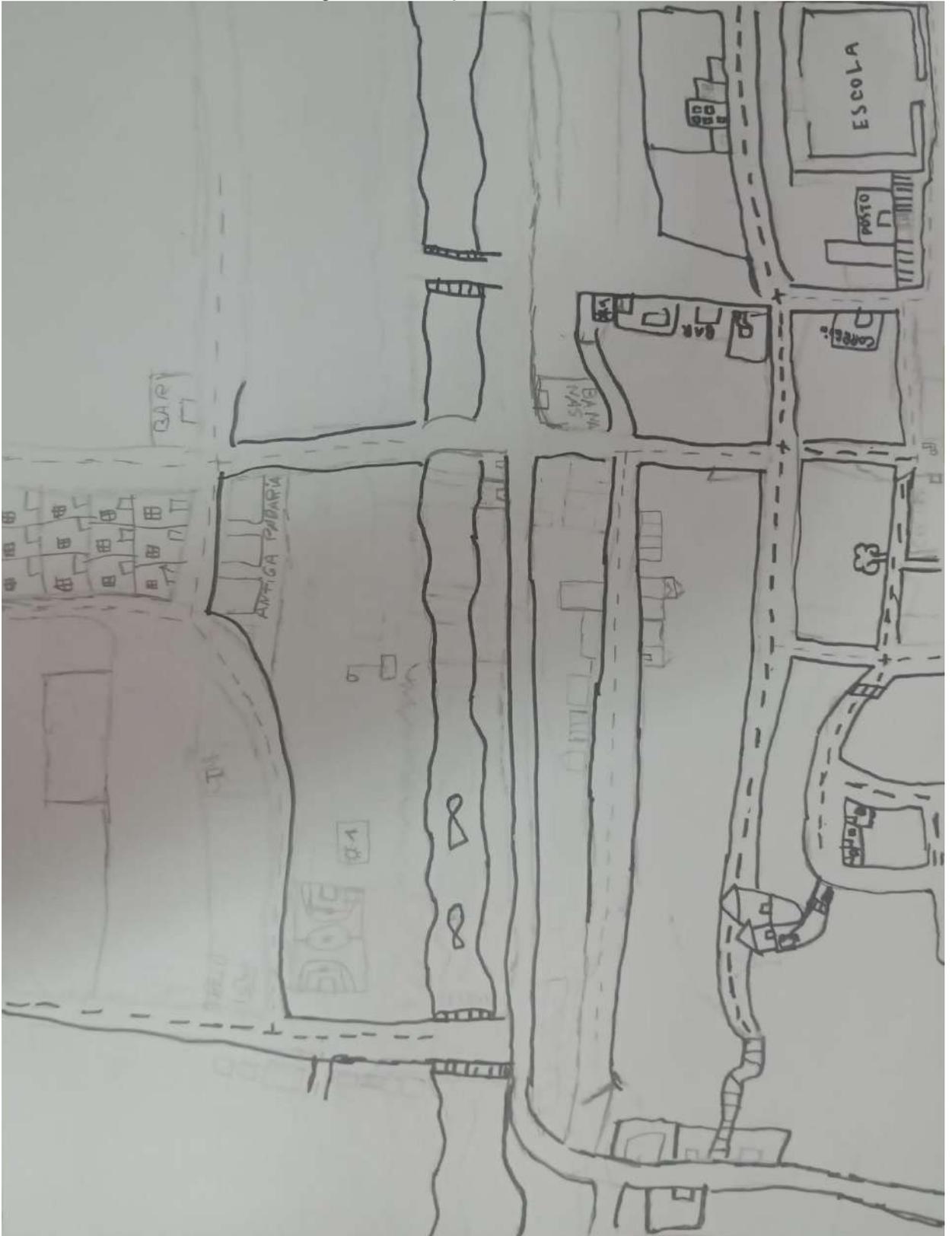


Figura 64 – Mapa Colaborativo 3



Figura 65 – Mapa Colaborativo 4



Figura 66 – Mapa Colaborativo 5



Figura 67 – Mapa Colaborativo 6

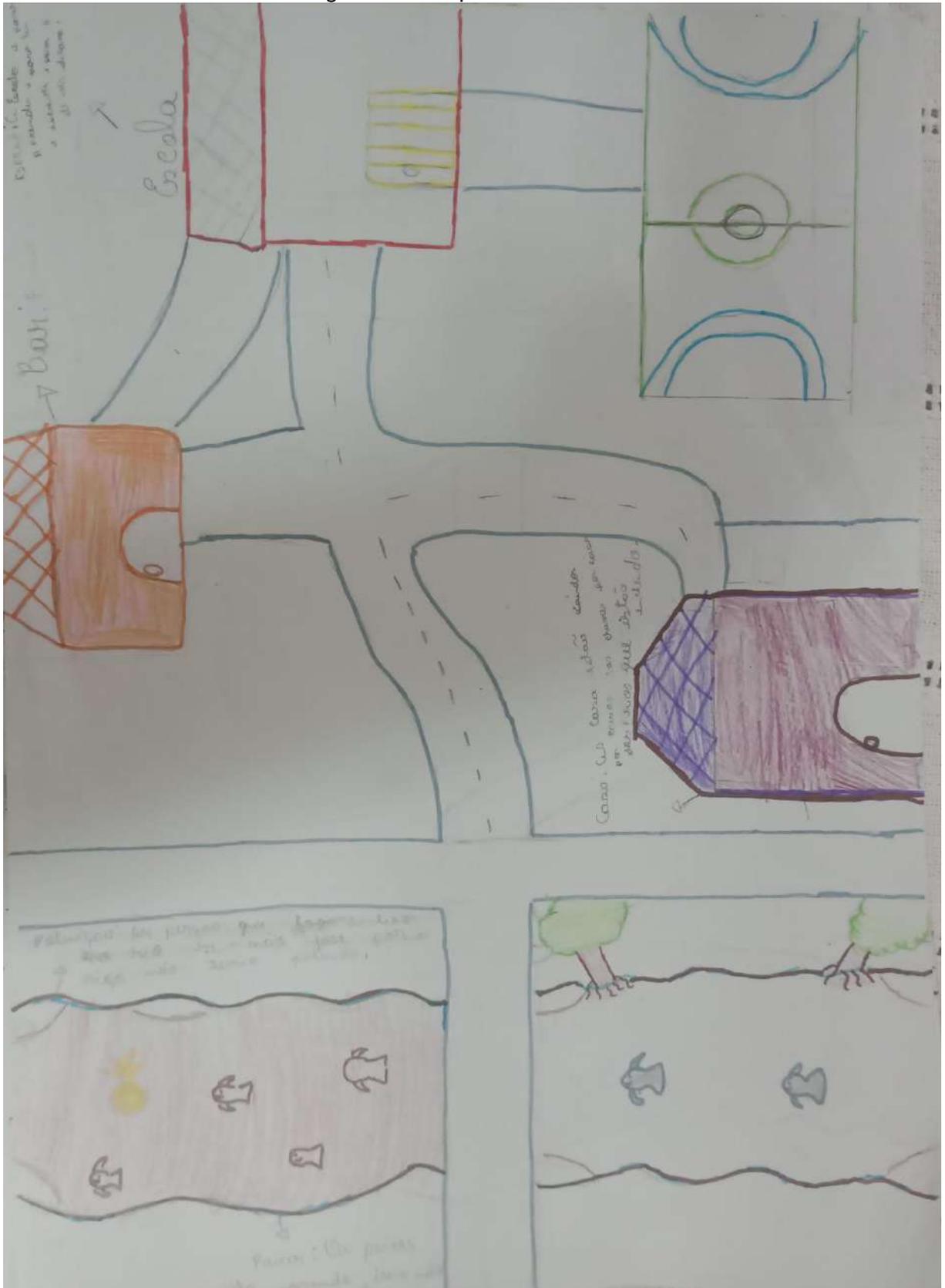


Figura 68 – Mapa Colaborativo 7

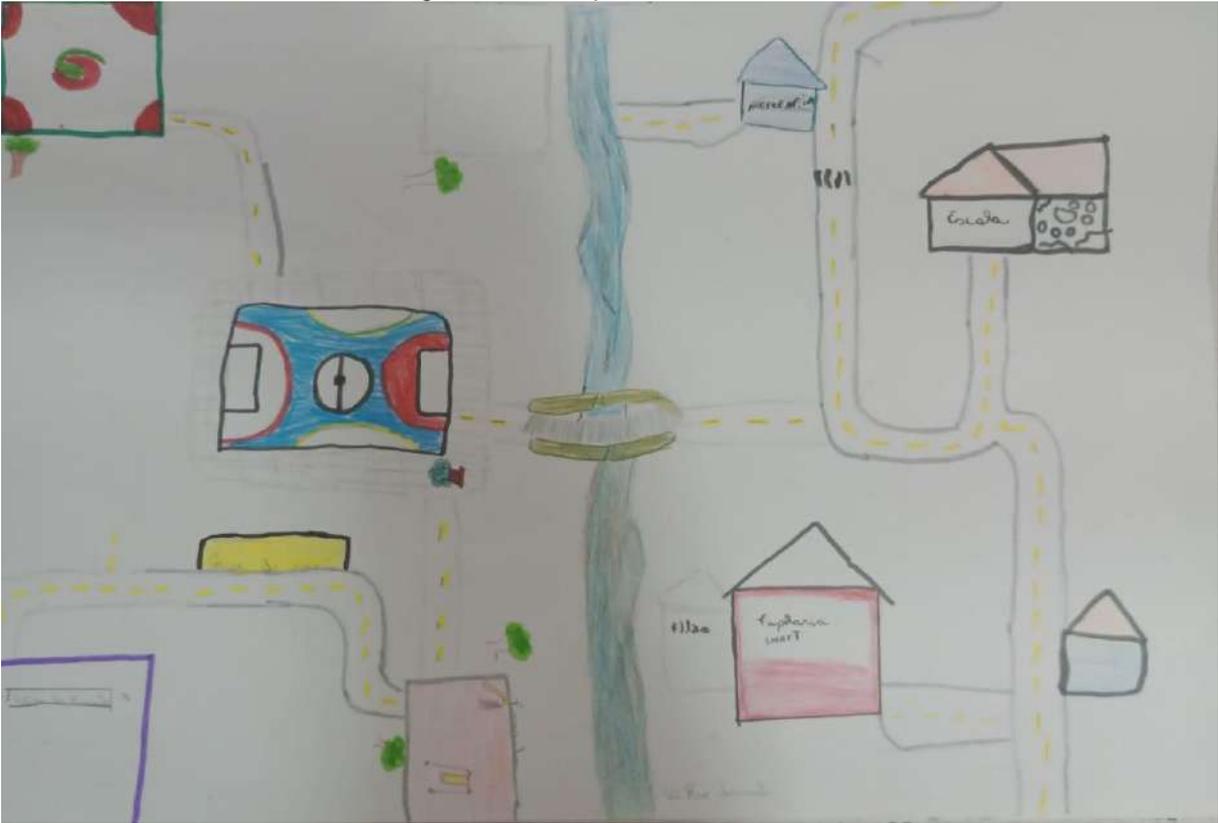


Figura 69 – Mapa Colaborativo 8



Um dos objetivos da Oficina de Envelopes Narrativos foi cartografar os saberes dos educandos e em suas geografias e ecologias cotidianas e de resistências, por meio de suas narrativas compartilhadas com os seus familiares. As confluências desses saberes ficaram muito claras em cada narrativa que foi trazida nas falas durante a conversa no dia da entrega dos envelopes narrativos e na leitura das narrativas que estavam nas imagens.

Pode-se observar que as histórias narradas mostram que o Rio Formate/Tacoarê é marcante nas histórias que os estudantes teceram com os seus familiares. Esses diálogos e as observações das imagens serviram para influenciar, no momento da confecção dos mapas colaborativos, a confluência dos saberes dos estudantes. Isso possibilitou que eles confeccionassem mapas, que possibilitaram perceber suas geografias e ecologias cotidianas relacionando-as com as margens no Rio Formate/Tacoarê.

Tendo em vista que o outro objetivo dessa oficina era reconhecer os saberes dos educandos e suas outras ecologias e geografias cotidianas voltadas para o resgate da visibilidade do Rio Formate/Tacoarê, observou-se que, mediante os saberes adquiridos com os dialogar com os seus familiares, os estudantes conseguiram confeccionar os seus mapas. Já o exame dos mapas contribuiu para que os estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Denizart Santos voltem a observar o Rio Formate/Tacoarê como ambiente que deve ser cuidado e preservado.

As narrativas permitem perceber que a oficina de envelopes narrativos, possibilitou que esses sujeitos olhassem para o rio. Esses sujeitos aprofundaram o seu olhar acerca das transformações que estão ocorrendo no Rio Formate/Tacoarê e que eles conseguem apontar as transformações em suas margens.

Os alunos percebem as mutilações que foram feitas nas margens do rio. Vale a lembrança de que, segundo Krenak (2023, p.20), esses rios estão lenhados por vários danos, “[...] pois, é preciso dizer, esses rios que invoco aqui estão sendo mutilados: cada um deles tem seu corpo lenhado por algum dano, seja pelo garimpo, pela mineração, pela apropriação indevida da paisagem”.

Essa visibilidade contribui para a percepção de que, nas próximas inundações, o sofrimento de alguns moradores foi amenizado. Esse fenômeno foi narrado nas conversas entre os estudantes e os seus familiares. Os estudantes apontaram, em várias narrativas, que, mesmo diante da desocupação das margens do rio, o lixo ainda é um problema.

Nos mapas, o que se destaca, além dos trajetos que os estudantes fazem de suas casas até escola, é que a ponte do cano verde é parte marcante da paisagem e que o Rio Formate/Tacoarê está presente em todas as produções. Novamente, o Rio Formate/Tacoarê fica visível para os estudantes, que, na maioria das cartografias, apresentam-no, com as suas águas, mesmos que barrentas e poluídas, e com lixo no leito e peixes morrendo. Os tons de azul marcam as cartografias. Essa cor pode ser uma reflexão do estudante que deseja mostrar que ainda há vida no Rio Formate/Tacoarê.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contar a história e a geografia não contada sobre o município de Viana/ES, possibilitou que nesse processo inacabado, fosse apontado que a identidade dos indígenas da etnia Puri sofreu apagamento ao ponto do seu quase esquecimento. O apagamento dos Puris segue as marcas constituídas pelo invasor, que através da violência tentou apagar os corpos, memória, cultura e a territorialidade desses povos.

No entanto ainda é possível perceber que essa guerra cultural, social e territorial ainda é uma marca presente na atualidade. Aponta-se aqui a necessidade do reconhecimento de territórios como forma de afirmar a existência dos Puris em Viana/ES, e outros municípios da Grande Vitória e no Espírito Santo.

A marca dos povos indígenas no município de Viana, vem da desobediência ancestral, que mesmo sem ter um aldeamento indígena no município, estudantes e moradores se identificam como indígenas, segundo os dados do IDEB e do IBGE. Por isso esta pesquisa, se comprometeu com as concepções antirracistas de educação, atravessada pelos conceitos de Educação Ambiental política, comprometida na concepção de educação como práticas de liberdade, apontando para o apagamento dos povos Puris na região, institucionalizado pelas políticas de Estado presas às amarras coloniais que perduram até este momento.

Nesse percurso da pesquisa, se confirma a importância da comunidade de Araçatiba-Viana/ES, como local de resistência, que conserva suas manifestações culturais, lendas, culinária, sobretudo na banda de congo Mãe Petronilha. A resistência desse localidade e manutenção das características anteriores, vem da resistência das famílias que povoam a localidade.

A força da resistência desse território é proveniente das mulheres dessa localidade, na pessoa de Dona Nini, sendo uma personagem marcante nas pesquisas acadêmicas sobre a localidade de Araçatiba. Mesmo a comunidade tendo uma importante marca no município vianense, este território ainda não é reconhecido como quilombola. Contrapondo o apagamento histórico dos povos indígenas e quilombolas de Viana/ES.

Para contar a história e a geografia não contada, versou-se sobre o mito de fundação de Viana, afirmando a invasão europeia nestas cercanias, assegurando que os jesuítas contribuíram para a escravização de indígenas desses territórios e as chacinas desses grupos, levando a sua extinção. Esse mito ainda fez com o a herança de Nossa Senhora da Ajuda fosse corroída, provocando a redução do território quilombola de Araçatiba. Por isso ao inacabar essa pesquisa, afirma-se para a necessidade de projetos educacionais com as comunidades, que difundam as leis 10.639/03 e 11.645, para consolidação de práticas educativas que promovam a cultura afro-brasileira/Africana e indígena nestes cotidianos.

Afirma-se a necessidade de prefeituras, governos Estadual e Federal, de demarcar mais terras indígenas, reconhecer aldeamentos urbanos como forma de contenção do apagamento geográfico e histórico das etnias que copavam o litoral de Pindorama. Vale ressaltar que marcar em sites governamentais a existência desses povos, não reduz o apagamento geográfico e histórico desses grupos.

Seguindo as questões de ancestralidade, estas cosmovisões, possibilitaram o entendimento do Rio Formate/Tacoarê com uma entidade que marca os territórios onde meandra. Os rios passam por um coma, na trajetória dessa pesquisa, fica evidente que, o Rio Formate/Tacoarê, passa por esse coma.

Esse coma tem origem colonial, primeiro pelo apagamento do nome indígena, sendo este potencializado no século XX. Além disso, os acervos de jornais contribuíram para descrever o coma do Rio Formate/Tacoarê, e esse acervo também mostrou as tensões que existem sobre as margens desse rio. Os embates que persistem entre a comunidade e a empresa de saneamento básico, apontando para a falta de políticas mais efetivas para estas margens, que contribuíam para o Rio Formate/Tacoarê sair do coma. Nesse percurso, fica marcado que o Rio Formate/Tacoarê é fonte de pesquisas científicas de Geografia e Educação, ou seja, esse rio possui um grande potencial para pesquisas em diversas áreas do conhecimento científico. Tendo em vista o que já foi afirmado nessa pesquisa, o coma é um estado momentânea, onde ainda é possível o ressurgimento de vida no leito desse rio, ao perceber que existe uma visibilidade sobre o Rio Formate/Tacoarê. Esta possibilidade se evidencia, pois, a recuperação de um rio é um movimento coletivo, que vem se tornando possível através dos movimentos sociais e de pesquisas acadêmicas, que são somadas a observações feitas pelos sujeitos que habitam estas margens.

No contexto da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Denizart Santos, fica evidente que o cotidiano escolar é um palco rico de interação, aprendizado e desafios. As pesquisas e análises realizadas não apenas revelam as dinâmicas particulares da escola, mas também estabelecem um diálogo fundamental entre a educação e a realidade social, especialmente em tempos de crise, como a pandemia de COVID-19 e as invasões ocorridas nesses espaços. Em meio às dificuldades reveladas pela interrupção das aulas presenciais e as desigualdades acentuadas, a EMEF Dr. Denizart Santos se mostrou resiliente, buscando adaptar suas práticas educativas às necessidades da comunidade.

A educação nesse contexto, é entendida como um ato político, que deve ser capaz de desconstruir e reconstruir significados, acolhendo a diversidade cultural e promovendo a cidadania. Por meio de metodologias envolvendo narrativas, ecologias infantis, é possível cultivar um ambiente de aprendizagem que valoriza as narrativas dos estudantes e de suas comunidades. Este estudo reafirma o compromisso com uma educação como prática de liberdade, que não se limita a práticas bancárias, mas que se abre para a coletividade de saberes de uma cidadania crítica. Convém enfatizar que a experiência cotidiana na EMEF Dr. Denizart Santos é um convite à reflexão, ao diálogo e à ação, essencial para a formação de sujeitos.

A experiência nos cotidianos da EMEF Dr. Denizart Santos através da "Oficina de Envelopes Narrativos" se revelou como uma possibilidade de ferramenta de práticas em Educação Ambiental, ao proporcionar aos alunos do 5º ano da EMEF Dr. Denizart Santos uma oportunidade de explorar seus cotidianos e o contexto geográfico e ecológico do Rio Formate/Tacoarê. Através da metodologia cartográfica, buscou-se o diálogo e interação entre os estudantes e seus familiares, permitindo a troca de saberes e a valorização da história e geografia local.

As socializações das narrativas, não apenas revelaram uma profunda preocupação com o coma do Rio Formate/Tacoarê e as transformações ocorridas em suas margens, mas também destacaram a importância da história e geografia contida na memória coletiva e na formação da identidade e do pertencimento dos estudantes à sua comunidade, assim possibilitando o resgate da visibilidade sobre o Rio Formate/Tacoarê.

As conversas sobre a poluição, as enchentes e as intervenções urbanas permitiram que os alunos desenvolvessem suas narrativas sobre suas geografias e ecologias. A experiência de cartografar seus cotidianos e as suas relações com o espaço reforçou a ideia de que a educação deve ser um processo colaborativo, onde os envolvidos socializam seus conhecimentos.

Esse processo inacabado da oficina de envelopes narrativos, não apenas cumpriu seu propósito inicial, de socialização das narrativas, contribuiu também para que os estudantes se colocassem como sujeitos de suas próprias histórias.

Através dos diálogos e da construção coletiva de saberes, os estudantes puderam se reconhecer como parte integrante de uma geografia e ecologia, tendo o potencial de propor ações coletivas sobre suas percepções nos *espaçostempos* do Rio Formate/Tacoarê e de sua comunidade.

Essa experiência demonstra que a Educação Ambiental política contribui para que os sujeitos sejam capazes de posicionar diante das problemáticas ambientais e sociais que atravessam seus cotidianos.

Ao tecer estas considerações, tem-se a certeza que ela segue inacabada, preferindo manter a perspectiva freiriana de inacabamento. É possível perceber que, ainda têm muitas narrativas que podem ser tecidas, através de informações jornalísticas. Fica posto que para futuras pesquisas sobre os cotidianos, as fontes jornalísticas ainda guardam muitas narrativas a serem exploradas.

Ao explorar estas notícias em futuras pesquisas, dialogar e mapear como as conferências e congressos internacionais sobre o meio ambiente, debatem as mudanças climáticas e ambientais nos âmbitos locais, regionais e nacional nas últimas décadas.

Buscando as relações descritas nestes contextos, com a finalidade de possibilitar outros diálogos atravessados pela geografia e a educação ambiental nos cotidianos dos sujeitos. Pensando os saberes decoloniais e contracolonias (Santos, 2023) sobretudo os que envolvem as cosmovisões indígenas e quilombolas.

Sendo assim segue inacabado esta pesquisa, tendo vista as novas confluências futuras descritas no parágrafo anterior, confirmando o compromisso com a uma Educação Ambiental e as aulas de Geografia como praticas emancipatórias para os sujeitos. Firmando o compromisso com a Educação Antirracista e Anti homofóbica. E com isso se manter na tentativa de adiar o fim do mundo (Krenak, 2020).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos - após muitas 'conversas' acerca deles. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SUSSUKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo (orgs). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019.

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, [online], n. 23, p. 62-74, maio/ago. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/drzj7WstvQxKy7t5GssT4mk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 mar. 2024.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 8 p., 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/23967>. Acesso em: 5 nov. 2024.

ALVES, Nilda. A Compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p.1195-1212, out./dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000400008>. Acesso em: 16 mar.2023

ALVES, Nilda. **Prática pedagógica em imagens e narrativas**: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019.

BALESTRERO, Heribaldo Lopes. **Subsídios para o estudo da geografia e da história do município de Viana**. 2 ed. Viana: JEP Gráfica, 2012a. 1 v.

BALESTRERO, Heribaldo Lopes. **O povoamento do Espírito Santo**: a marcha da penetração do território. 2 ed. Viana: JEP Gráfica, 2012b. 2 v.

BARONI, patricia; OLIVEIRA, inês barbosa; REIS, graça. **Dicionário de pesquisa narrativa**. Rio de Janeiro:Ayvu, 2022.

BOLOGNESI, Luiz. Sobre guerras do Brasil.doc, 2018. 1 Vídeo (26 min). Disponível em: <https://encurtador.com.br/mOS79>. Acesso em: 17 de jul. 2023.

CAUS, Celso Luiz. **Das fontes e chafarizes às águas limpas**: evolução do saneamento no Espírito Santo. Vitória: CESAN, 2012.

CONDE, Bruno Santos. **Tempo de mudanças**: os jesuítas e a economia colonial do Espírito Santo (1750-1800). Vitória, ES: Edifes, 2023.

COSTA, Henrique Antônio Valadares. Uma breve história dos indígenas de Domingos Martins: na arqueologia e nas fontes escritas, da Colônia ao Império. Dimensões. **Revista de História da UFES**, Vitória, n. 49, p. 125-143, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/dim.v49i49.39174> .Acesso em: 16 mar. 2023.

COUZEMENCO, Fernanda. Dia Intermunicipal do Rio Formate celebra obras aguardadas há uma década. **Século Diário**, [s.l.], 9 fev. 2023. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/meio-ambiente/dia-intermunicipal-do-rio-formate-celebra-obras-aguardadas-ha-uma-decada>. Acesso em: 20 jul. 2023.

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DOUTOR DENIZART SANTOS. **Projeto sobre a EMEF Dr. Denizart Santos e o sobre o dia da Consciência Negra**. Viana, 24 nov. 2014. Facebook: Emef Denizart Santos. Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.1591598077735778&type=3>. Acesso em: 20 jul. 2023.

ESGOTO lançado no Rio Formate. **A Tribuna**, Vitória, p.17, 23 mar. 2010. Disponível em: <http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/Record/333635#details>. Acesso em: 20 jul. 2023.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decoloinal: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. As pesquisas com os cotidianos das escolas: pistas para se pensar a potência das imagens narrativas na invenção dos currículos e da formação. **Revista Espaço do currículo**, [S. l.], v. 8, n. 3, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/rec.2015.v8n3.306316>. Acesso em: 14 set.2024.

FERRAÇO, C.E.; SOARES, M.C.S.; ALVES, N. A pesquisa nos/dos/com os cotidianos em educação. In: FERRAÇO, C.E.; SOARES, M.C.S.; ALVES, N. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018. p. 89-103. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575115176.0006>. Acesso em: 14 set.2024.

FIRMINO, Larissa Corrêa. Cidade, lugar do possível: experimentações para um ver a mais. **Revista Textura**, Canoas, n. 30, p. 72-84, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1128>. Acesso em: 14 set.2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 55 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2017a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 63 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2017b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Mapa de conflitos envolvendo injustiça ambiental e saúde no Brasil**. Disponível em:

<https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/> . Acesso em: 20 out. 2024.

GAMA, Raphael da Silva. **Educação ambiental e o racismo ambiental no bairro José de Anchieta-Serra/ES e nos cotidianos escolares**. 2022. 118f. Dissertação (Mestrado profissional de Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022. Disponível em: chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_16855_01%20Versao%20final%20da%20dissertacao_525_6320230518-114911.pdf, Acesso em: 29 jul.2024.

GOMES, Antônio Carlos Sant Ana; REIS, Fábio Paiva. **Cartografia histórica: estudos capixabas**. Vitória: IHGES, 2013. 92 p. (Coleção Cadernos de Geografia, 2).

GUEDES, Danyelle Rosana. **A organização do cotidiano escolar da Escola Estadual Presidente Kennedy e sua repercussão no IDEB da instituição**. 2018. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/26447> . Acesso em: 5 ago.2024.

IBGE. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível: https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal. Acesso em: 24 jun.2024.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. Elaboração dos estudos para desassoreamento e regularização dos leitos e margens dos rios Jucu, Formate e Marinho na Região Metropolitana da Grande Vitória. **Relatório final de consolidação**, 2009. Acesso em: 5 maio 2024. Disponível: <https://ijsn.es.gov.br/projetos-especiais/comdevit/arquivos-de-projetos>. Acesso em: 5 ago.2024.

JESUS, Vitor de. **Coisas negras no quarto de despejo: saneando subjetividades, corpos e espaços**. 2017. 1486 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento urbano e regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/42/teses/860943.pdf> . Acesso em: 24 ago.2024.

JESUS, Patrícia Santos de. **Tessituras, tramas e territorialidades das catadoras de mangaba na Barra dos Coqueiros-SE**. 2017. 180 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/6746> . Acesso em: 22 jul.2023.

JESUS, Vitor de. Racializando o olhar (sociológico) sobre a saúde ambiental em saneamento da população negra: um continuum colonial chamado racismo ambiental. **Saúde Soc.**, São Paulo, v.29, n.2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020180519> .Acesso em: 15 abr. 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MACEDO, Inara Novaes. **Entre rios, praias e planetas: travessias do Congo da Barra do Jucu**. 2015. 194 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_8982_Inara%20finalizado.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024.

MACIEL, Cleber. **Negros no Espírito Santo**. 2 ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. 282 p. (Coleção Canaã, v.22).

MONTEIRO, Huarley Mateus do Vale; REIGOTA, Marcos. Narrativas dos moradores da terra de Macunaíma: deslocamentos com o sabor apimentado da Damorida. **Revista de Estudos Universitários - REU**, Sorocaba, SP, v. 41, n.2, p.197-211, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/2420>. Acesso em: 9 nov. 2024.

MORADORES do bairro Industrial querem segurança. **A Gazeta**, Vitória, p.7, 20 jan. 1985. Disponível em: <http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/Record/339636#details>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. **Espírito Santo indígena: conquista, trabalho, territorialidade e autogoverno dos índios, 1798-1860**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2017.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Espírito Santo**. 3 ed. Vitória: Arquivo Público do Espírito Santo, 2008.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins. Comunidades quilombolas no Estado do Espírito Santo: conflitos sociais, consciência étnica e patrimônio cultural. **Ruris (Campinas, online)**, Campinas, SP, v. 5, n. 2, 2011. DOI: 10.53000/rr.v5i2.1469. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ruris/article/view/16852>. Acesso em: 28 out. 2023.

OLIVEIRA, Ricardo Batista de. Aldeamentos jesuítas na capitania do Espírito Santo: ocupação colonial e ressignificação da etnicidade indígena entre os séculos XVI e XVIII. **Temporalidades (Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG)**, Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, v. 6, n. 2 .maio/ago. 2014. 2014.ISSN: 1984-6150. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5551/3481>. Acesso em: 5 nov. 2024.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza (organizadores). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas**. Curitiba-PR: CRV, 2019.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pista do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção da subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PEREIRA, Ernandes de Oliveira. **O olhar humanista cultural sobre as percepções e representações dos povos ribeirinhos do Formate**. 2011. 171 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/3581>. Acesso em: 22 jul. 2023.

POLUIÇÃO causa morte de peixes no Rio Formate: plano de recuperação do rio Está em estudo e será apresentado no ano que vem. **A Gazeta**, Vitória, p. 7, 22 out. 2014. Disponível em: <http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/Record/322701>. Acesso em: 20 Jul. 2023.

QEDU. Portal de Dados Educacionais. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/32037678-emef-dr-denizart-santos/questionarios-saeb/alunos-5ano>. Acesso em: 8 abr. 2024.

QEDU. Portal de Dados Educacionais. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/32037678-emef-dr-denizart-santos/questionarios-saeb/alunos-9ano>. Acesso em: 8 abr. 2024

REIGOTA, Marcos. **Os ecologistas**. São Paulo: Edunisc, 1999.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

REIGOTA, Marcos. Educação Ambiental: a emergência de um campo. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 30, n. 2, p. 499-520, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2012v30n2p499>. Acesso em: 20 jul. 2023.

REIGOTA, Marcos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 1-15, abr. 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24105>. Acesso em: 30 set. 2024.

REIGOTA, Marcos. Aspectos teóricos e políticos das narrativas: ensaio pautado em um projeto transnacional. In: CORDEIRO, R. KIND, I. (org). **Narrativas, gênero e política**. Curitiba: CRV, 2016. p. 49-66.

SAINT-HILAIRE. Auguste de. **Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce**. Tradução: Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SALETTTO, Nara. **Donatários, colonos, índios e jesuítas**: o início da colonização do Espírito Santo. Vitória: Arquivo Público Estadual, 1998.

SAMPAIO, Ana Paula Dutra dos Santos. **Abordagem temática para o ensino de biologia**: o rio Formato como espaço para abordar botânica e ecologia. 2021. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/1437> . Acesso em: 20 jul. 2023.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, quilombo**: modos e significados. Brasília: UnB, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Edilene Machado dos. **Cartografias e narrativas das educações ambientais e ecológicas insubmissas nos cotidianos das mulheres na bacia do rio Formate, Viana (ES)**. 2020. 212 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020. Disponível em: <https://educacao.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGMPE/detalhes-da-tese?id=14829> . Acesso em: 22 jul. 2023.

SANTOS, Carlos dos. **Bacia de drenagem do Rio Formate**: contribuições geográficas sobre os impactos da ação antrópica. 2022. 171 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_16192_disserta%E7%E3o.pdf . Acesso em: 22 jul.2023.

SANTOS, Milton. 1992: a redescoberta da Natureza, aula inaugural da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 10 de março de 1992. **Estudos avançados**, São Paulo, v.6, n. 14, p. 95-106, 1992. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/M4qFLBVz8KpwvJjvQrRmyLq/>. Acesso em: 25 jan. 2025.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton, **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Alvimar. **Clarões**. Vitória, ES: [s.n.], 1936.

SILVA, Luiz Gustavo Santos da; PASSOS, Mailsa. Decolonialidade. In: BARONI, patricia; OLIVEIRA, inês barbosa; REIS, graça. **Dicionário de pesquisa narrativa**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2022.

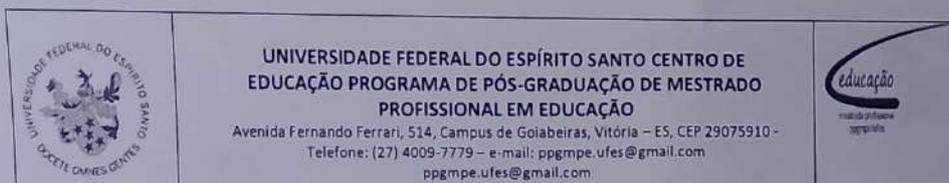
SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. **Industrialização e empobrecimento urbano**: o caso da Grande Vitória -1950-1980. 2 ed. Vitória: Grafitusa, 2010.

VERTELO, Marcos Aurélio dos Santos. **Comunidade de Araçatiba, Viana, ES**: herança e devoção de afrodescendentes no pós-abolição. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2017. Disponível em: <https://deposita.ibict.br/handle/deposita/582>. Acesso em: 15 abr. 2024.

VIANA. **Lei nº 1.868, de 18 de dezembro de 2006**. Regulamenta a organização do Município de Viana em bairros e dá outras providências. Viana: Câmara Municipal, 2006. Disponível em: <https://www.viana.es.gov.br/uploads/download/arquivos/1511524420652-lei18682006leibairros.pdf> . Acesso em: 22 abr. 2023.

VIANA. Biblioteca Municipal de Viana. **Banco de Imagens Fotográficas de Viana.** Viana, 2023. Disponível em: <https://fotografiasdeviana.blogspot.com/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

APÊNDICE A



Viana – ES, Abril de 2023.

Secretária Municipal de Educação de Viana - SEMED

Eu, Bruno de Almeida Zamite, matriculado no curso de Mestrado Profissional em Educação, na linha de pesquisa Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão da Universidade Federal do Espírito Santos-UFES, sob a orientação do Professor Dr. Soler Gonzalez, venho solicitar a autorização para realizar as etapas de observação e de anotação em diário de campo dos processos pedagógicos realizados na EMEF Dr. Denizart Santos, e, conversar com professores/as sobre projetos e/ou práticas pedagógicas de educação ambiental que foram realizadas.

Tal solicitação visa contribuir com o projeto de pesquisa, que neste semestre está em fase de elaboração, abordando as potencialidades ecológicas, geográficas e pedagógicas envolvendo o Rio Formate e as comunidades locais.

Agradecemos e nos colocamos à disposição no que precisar.

Atenciosamente,

Bruno de Almeida Zamite

Prof. Soler Gonzalez



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por SOLER GONZALEZ - SIAPE 2086070 Departamento de Educação, Política e Sociedade - DEPS/CE Em 20/04/2023 às 14:09

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/695364?tipoArquivo=O>

ANEXO A

Secretaria Municipal de Educação
Subsecretaria Pedagógica

**ENCAMINHAMENTO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA DE MESTRADO**

Autorizamos, o docente Bruno de Almeida Zamite, portador do *CPF nº 094.926.967-03*, graduado em Geografia e acadêmico do Programa de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a realizar a sua pesquisa na EMEF *Dr. Denizart Santos*, duas vezes por semana, *no turno vespertino*.

Viana (ES), 12 de maio de 2023

Atenciosamente,

Léia Maia Vieira
Subsecretária Pedagógica
Portaria nº/0061/2021